

Celí Maziero, Leandra Daiprai
Organizadoras



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

EDITORA
UNOESC

Editora Unoesc

Coordenação
Tiago de Matia

Agente administrativa: Simone Dal Moro
Revisão linguística e metodológica: Carlos Libman
Capa e Projeto gráfico: Simone Dal Moro
Diagramação: Simone Dal Moro

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

E61 Entre histórias, culturas e memórias: o legado da Comunidade de Santo Expedito / Celí Maziero, Leandra Daiprai, organizadoras. – Joaçaba: Editora Unoesc, 2025.
216 p. : il. ; 23 cm

ISBN e-book: 978-85-8422-249-0
ISBN impresso: 978-85-8422-248-3

1. Comunidades - História. 2. Descanso, SC - História. 3. Comunidades - Desenvolvimento. I. Maziero, Celí, (org.). II. Daiprai, Leandra, (org.).

CDD 981.64

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da Unoesc de Joaçaba

Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc

Reitor
Ricardo Antonio De Marco

Vice-reitores de Campi
Campus de Chapecó
Carlos Eduardo Carvalho
Campus de São Miguel do Oeste
Vitor Carlos D'Agostini
Campus de Videira
Carla Fabiana Cazella
Campus de Xanxerê
Genesio Téio

Pró-reitora de Ensino
Jaciney Aparecida Danielli

Diretor Executivo
Jarlei Sartori

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão
e Inovação
Kurt Schneider

Conselho Editorial

Tiago de Matia
Sandra Fachineto
Aline Pertile Remor
Lisandra Antunes de Oliveira
Marilda Pasqual Schneider
Claudio Luiz Orço
Ieda Margarete Oro
Silvio Santos Junior
Carlos Luiz Strapazzon
Wilson Antônio Steinmetz
César Milton Baratto
Marconi Januário
Marceli Maccari
Daniele Cristine Beuron





*“Um livro que preserva memórias, celebra histórias e
reflete a identidade de uma comunidade em constante
transformação”.*





DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro primeiramente a Deus, por nos conceder o dom da vida e nos iluminar em cada etapa deste projeto, guiando nossas mãos e nossos corações até sua publicação.

Nossa sincera gratidão a todos os membros da comunidade de Santo Expedito, que nos permitiram conhecer suas histórias, suas lutas e suas conquistas. Em especial, dedicamos este trabalho às pessoas que nos acolheram e, com generosidade e afeto, compartilharam suas memórias e vivências, possibilitando o resgate e o registro das raízes de uma comunidade tão rica em tradição e cultura.

Agradecemos também aos estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), campus de São Miguel do Oeste, cujos esforços e comprometimento foram indispensáveis para a concretização deste trabalho. Com dedicação e respeito, eles se lançaram na tarefa de ouvir, transcrever e transformar histórias em capítulos, preservando um legado que ultrapassa o tempo e o papel. Este livro é também uma homenagem ao empenho desses jovens, que, com suas mãos e mentes, contribuíram para manter viva a memória da comunidade de Santo Expedito.

A cada um de vocês, nosso profundo agradecimento.





SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	5
PREFÁCIO	11
APRESENTAÇÃO.....	13
CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL.....	17

CAPÍTULO 1

O LEGADO QUE NÃO SE PERDE: HISTÓRIAS DE FAMÍLIA

NEURÍ E MARILENE MAZIERO.....	25
-------------------------------	----

Anna Carolina Birck, Eduarda Stefani Ventura, Tamara de Mello Banfi,
Marcelo Roveda, Rafael Albaneze

CAPÍTULO 2

VIVENDO O SONHO: A HISTÓRIA DE QUEM CHEGOU PARA FICAR

ARGENTINO CASAGRANDA.....	67
---------------------------	----

Cristiane Rodrigues da Silva, Giseli Prudente, Gilbran Brauner Moreira

CAPÍTULO 3

ENTRE O ONTEM E O HOJE: O CONTINUAR DA HISTÓRIA

INÊS CASAGRANDA MAZIERO.....	87
------------------------------	----

Bianca Leocadia Dreyer, Ketlin Maria Amann, Letícia Klein Haas

CAPÍTULO 4

ENTRE AS GERAÇÕES: O PRESENTE DE UM PASSADO VIVO

VILMAR CARLOS DE BRITTO	105
-------------------------------	-----

Cristiane Rodrigues da Silva, Giseli Prudente, Gilbran Brauner Moreira



CAPÍTULO 5

PASSOS SEGUIDOS: RECORDAÇÕES QUE TRANSCENDEM O TEMPO

ALFREDO JOSÉ DESSANTI..... 121

Anna Carolina, Birck, Eduarda Stefani Ventura, Tamara de Mello Banfi,
Marcelo Roveda, Rafael Albaneze

CAPÍTULO 6

MEMÓRIAS DE UM FUTURO CONSTRUÍDO NO PASSADO

HONORINO DALL MAGRO E IRACI LURDES DALL MAGRO..... 139

Leticia Kuhn Agostini, Emily Abigail Kopp, Luana Meneghel,
Mayara Kamila Seibel

CAPÍTULO 7

CAMINHOS DE ESPERANÇA: O INÍCIO DA JORNADA

LAURENTINO GAVA E TERCILIA FAVARETTO GAVA..... 151

Jéssica Gentlin, Laura Vendrame, Renata Lorenzini, Roberta Manfé Ferraboli

CAPÍTULO 8

HERANÇA DE CORAGEM: O LEGADO DOS PIONEIROS

JOSÉ GAVA E ZOLMIRA DALMAGRO GAVA..... 163

Bianca Leocadia Dreyer, Ketlin Maria Amann, Letícia Klein Haas

CAPÍTULO 9

AS PRIMEIRAS PEGADAS: A CHEGADA NA COMUNIDADE DE SANTO EXPEDITO

GOMERCINDO GAVA E CAROLINA VANZELLA GAVA..... 175

Jéssica Gentlin, Laura Vendrame, Renata Lorenzini, Roberta Manfé Ferraboli





CAPÍTULO 10

TERRAS DE TRABALHO: A HISTÓRIA DE UM COMEÇO DIFÍCIL

EMILIA MUNARO DALLA ROSA 185

Laura Taís Gava, Kaue Alan Rangel

CAPÍTULO 11

ANEXOS

ANEXO A - HISTÓRIA GERAL DA COMUNIDADE DE SANTO EXPEDITO 192

ANEXO B - HISTÓRIA DO SANTO EXPEDITO 200

ANEXO C - CONTEXTO HISTÓRICO INICIAL DO CONSELHO DA COMUNIDADE DE SANTO EXPEDITO 202

ANEXO D - EXEMPLO DE ENTRETENIMENTO NA COMUNIDADE 204

ANEXO E - MINISTROS, CATEQUISTAS E ATUAL CONSELHO DE PASTORAL 205

AGRADECIMENTO EM NOME DA COMUNIDADE DE SANTO EXPEDITO 211

SOBRE AS ORGANIZADORAS 213

APOIADORES 215



PREFÁCIO

A construção e a preservação da memória histórica são pilares fundamentais para compreender as modificações sociais, culturais e econômicas que transformam comunidades ao longo do tempo. Neste sentido, esta obra busca registrar e analisar as histórias de vida, os relatos e os documentos que compõem o rico mosaico histórico da comunidade de Santo Expedito, localizada no município de Descanso, Santa Catarina.

Neste livro “Entre histórias, culturas e memórias: O legado da comunidade de Santo Expedito” você vai encontrar uma história marcada pela persistência, coragem e muita fé dos pioneiros deste local.

Esta obra é resultado da dedicação e trabalho intenso dos professores e estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNOESC, Campus de São Miguel do Oeste, que por meio de entrevistas realizadas com moradores, famílias pioneiras e lideranças locais, documentaram a história das famílias pioneiras e os aspectos que definiram a identidade da comunidade ao longo de décadas. As narrativas apresentadas revelam o modo de vida dos moradores que foi alicerçado no trabalho árduo, na fé e na união entre as pessoas, que foram essenciais para a superação de desafios e para a construção de uma comunidade.

Em cada capítulo você vai encontrar o relato de moradores que recordam de suas histórias com muita emoção e significado, são mais do que recordações, são um reencontro com o passado, uma reafirmação do valor de suas histórias e uma fonte de inspiração para as gerações que seguem. Ao narrar esses momentos, os moradores não apenas preservam suas memórias, mas também perpetuam os valores e a força que os definiram.

Cada relato apresenta imagens vívidas de uma época em que a simplicidade e o trabalho árduo definiram o cotidiano, estes registros nos permitem um olhar mais aprofundado sobre a organização das comunidades, e o quanto as



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

práticas religiosas, as tradições culturais e as iniciativas de desenvolvimento socioeconômico, contribuem para consolidar uma comunidade.

Esperamos que esta obra inspire não apenas o público acadêmico interessado em estudos sobre história local e memória coletiva, mas também os próprios moradores de Santo Expedito e de comunidades similares, que encontrarão nestas páginas reflexões sobre suas próprias experiências e raízes. Que este registro histórico seja uma fonte de aprendizado, inspiração e carinho para as gerações futuras.

Boa leitura!

São Miguel do Oeste, 09 de janeiro de 2025.

Eliandra Mirlei Rossi

Diretora de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Inovação da Unoesc

Campus de São Miguel do Oeste-SC



APRESENTAÇÃO

Caro leitor, é com muito carinho que apresentamos este belo livro, resultante de uma Atividade Prática de Extensão (Apex) desenvolvida pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), campus de São Miguel do Oeste, durante o ano de 2024.

Tal atividade teve como objetivo resgatar a história e o patrimônio histórico, material e imaterial da comunidade de Santo Expedito, localizada no município de Descanso, SC, bem como promover e incentivar a conscientização acerca do patrimônio histórico local.

Portanto, você está diante de uma obra literária que reúne relatos de fundadores e demais membros da comunidade de Santo Expedito acerca do processo de formação e desenvolvimento da referida comunidade, tendo como principais aspectos abordados o contexto histórico, econômico e cultural vivenciado pelos moradores de Santo Expedito ao longo dos anos, além de suas tradições e costumes. Para isso, foram realizadas as seguintes perguntas aos entrevistados: “Qual o motivo que o(a) levou a morar nessa comunidade?”, “Como eram as questões de transporte e comunicação?”, “Como era a economia local? Qual a principal base econômica das famílias da comunidade naquele período?”, “Como viviam as famílias? Como eram os costumes e tradições culturais?”, “Quais lembranças você tem sobre as primeiras construções da comunidade? Quais eram (tipo/uso)? De que material? Quem as construiu? Que fatores influenciaram para que fossem construídas naquele local e/ou naquela posição?”, “As casas eram construídas próximas umas das outras? Quais as principais características dos locais onde eram construídas?”, “Quais as festividades marcantes da comunidade desde o período que você passou a morar nela até os dias atuais?”, “Destaque fatos e histórias marcantes da comunidade”, e “Quais outras histórias ou curiosidades você gostaria de compartilhar?”.

Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

Assim, a pesquisa em questão é uma iniciativa fundamental para o fortalecimento da identidade e da memória coletiva de uma comunidade que carrega profundas marcas de dedicação, tradição e resiliência. Esse resgate histórico, conduzido pelos estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo, não apenas preserva os relatos, mas também valoriza a essência de um modo de viver que se expressava na simplicidade, no trabalho e no respeito mútuo. Ao escutarem as histórias dos pioneiros e registrarem suas memórias em capítulos, os estudantes revelam um passado onde cada experiência de vida era marcada pela superação das adversidades e pelo esforço para construir uma sociedade mais justa e unida.

Além das narrativas pessoais, o livro se enriquece com a preservação de objetos e fotografias antigas, que representam a materialidade dessas memórias e ancoram no presente o legado dos colonizadores. Esses registros são testemunhos de uma época em que o cotidiano rural, as práticas culturais e as relações familiares formavam o cerne da vida em comunidade. Ao capturar esses aspectos, o trabalho oferece uma visão abrangente de como a vida se organizava, como a arquitetura e os espaços refletiam a cultura da época e como essas histórias moldaram a região.

Este livro é mais do que uma coleção de memórias: é uma âncora para que futuras gerações reconheçam, respeitem e se inspirem nas histórias de seus antepassados. Ao preservar essas lembranças e memórias, oferecemos uma homenagem aos colonizadores e reforçamos a importância de nunca deixar que se percam. Que estas páginas, dedicadas ao amor e ao respeito pelas raízes, mantenham viva a herança da comunidade de Santo Expedito, reavivando em cada um de nós o orgulho de pertencimento e a gratidão por esse legado.

Desta forma, gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão aos estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo, que, com dedicação e sensibilidade, abraçaram a missão de resgatar e registrar a história dos colonizadores da comunidade de Santo Expedito. Cada um de vocês desempenhou um papel



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

essencial, ouvindo atentamente as vozes dos entrevistados, transcrevendo com cuidado os relatos e transformando essas memórias em capítulos que honram o passado (Fotografias 1 e 2).

Fotografias 1 e 2 – Professoras e alguns dos estudantes que desenvolveram a atividade da Apex



Fonte: Os autores (2024).



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

Seu trabalho vai muito além de uma tarefa acadêmica. Com suas mãos e mentes, vocês capturaram o espírito de uma época, eternizando o modo de vida, os objetos e as histórias dos pioneiros que construíram a identidade local da comunidade de Santo Expedito.

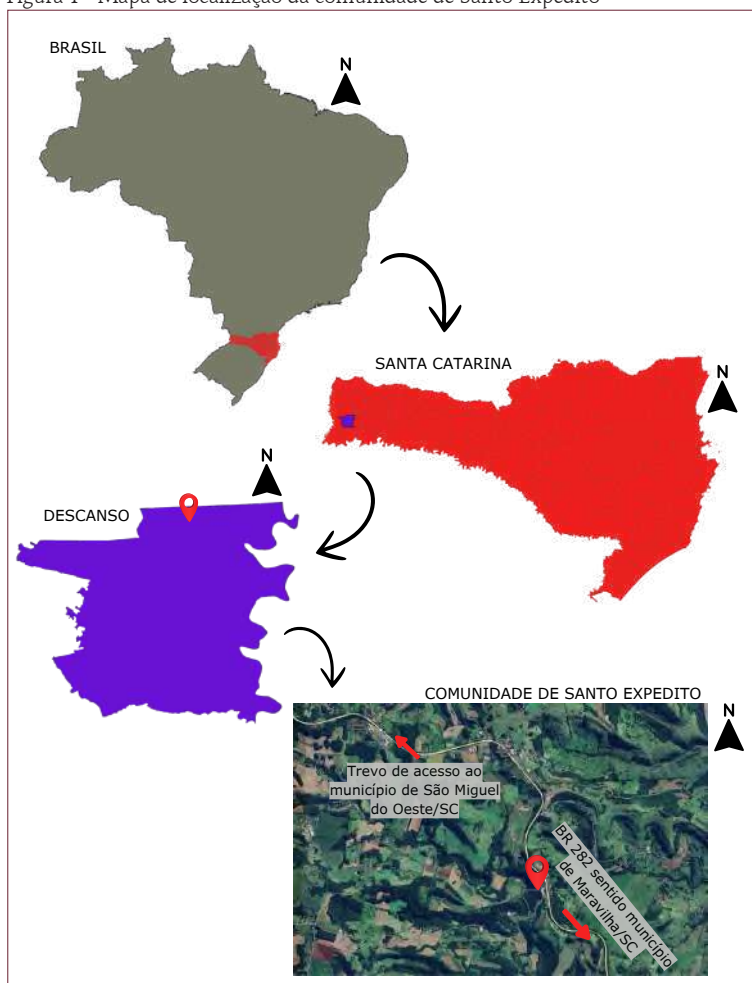
Deste modo, este projeto destaca-se como um legado vivo, e cada página reflete o comprometimento e o respeito que vocês demonstraram por esta história. Que o aprendizado aqui adquirido os inspire em todas as suas futuras jornadas!



CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL

A comunidade de Santo Expedito, situada no município de Descanso, Estado de Santa Catarina, Brasil (Figura 1), representa um dos núcleos de colonização da região, cujas raízes se entrelaçam com a história de desbravamento e desenvolvimento rural do Extremo Oeste Catarinense.

Figura 1 - Mapa de localização da comunidade de Santo Expedito



Fonte: Adaptado de QGIS, 2024.

Colonizada principalmente por imigrantes europeus e seus descendentes, especialmente italianos e alemães, que se estabeleceram na região em meados dos anos 50, a comunidade de Santo Expedito foi fundada por famílias que buscavam novas oportunidades, enfrentando o desafio de desbravar terras cobertas pela mata densa para criar um lugar onde pudessem plantar suas raízes, de modo a estabelecer suas propriedades e garantir o sustento para suas gerações.

A vida na comunidade de Santo Expedito era marcada pela agricultura e pela criação de animais, atividades que moldaram o modo de viver e o cotidiano dos moradores. Além do trabalho árduo, a comunidade desenvolveu uma rica tradição cultural e religiosa, onde festas, rituais e celebrações coletivas serviam para unir as famílias, fortalecendo os laços de pertencimento e preservando o idioma, as crenças e os costumes trazidos pelos primeiros colonizadores.

As principais edificações que fizeram parte da história da comunidade de Santo Expedito (Figura 2), revelam um percurso que conecta os marcos históricos essenciais da localidade. Cada edificação conta uma parte da história dos colonizadores que estabeleceram suas vidas nesta terra, isto é, representa um registro de pontos de encontro, trabalho e fé para os moradores, reforçando as memórias e o legado que definem a identidade local.



Entre histórias, culturas e memórias: *O legado da comunidade de Santo Expedito*

Figura 2 - Localização das principais edificações que fizeram parte da história da comunidade de Santo Expedito



Fonte: Adaptado de QGIS, 2024.

Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

Hoje, a comunidade é um símbolo da perseverança e da identidade cultural da região, mantendo viva a memória dos que enfrentaram adversidades para desbravar e construir a base de uma comunidade que ainda se orgulha de suas origens.

Com cerca de quarenta e cinco sócios, a comunidade é caracterizada por suas fortes tradições religiosas e culturais, que ajudam a manter vivo o legado dos antepassados. A capela dedicada ao padroeiro Santo Expedito é um importante ponto de referência para os moradores, sendo palco de celebrações religiosas e eventos que unem um número expressivo de fiéis. As festas comunitárias, acompanhadas de música tradicional, gastronomia típica e práticas religiosas, são momentos de reencontro e celebração, reforçando os laços de pertencimento.

Desta forma, as atuais edificações existentes em Santo Expedito (Figura 3), ilustram a transformação da comunidade ao longo dos anos, compondo o seu cenário local. Esse panorama é um reflexo da evolução da comunidade, onde a herança dos pioneiros se encontra com a infraestrutura contemporânea, oferecendo uma visão integrada de como a comunidade de Santo Expedito continua se desenvolvendo e se adaptando às demandas das novas gerações.

Contudo, a comunidade de Santo Expedito é mais que um lugar de moradia; ela representa um símbolo de identidade cultural para os descendentes dos primeiros colonizadores e para todos os que buscam preservar o legado deixado por essas gerações. A continuidade dessas tradições garante que, mesmo com as transformações do tempo, a comunidade mantenha sua essência viva, sendo um reflexo da rica história e dos valores que a constituem.



Entre histórias, culturas e memórias: *O legado da comunidade de Santo Expedito*

Figura 3 - Localização das atuais edificações e espaços existentes na comunidade de Santo Expedito



LEGENDA:

1. ATUAL IGREJA



2. LOCAL DA MISSA CAMPAL NA FESTA DO PADROEIRO



3. ATUAL CHURRASQUEIRA



4. CAMPO DE FUTEBOL SUÍÇO



5. ATUAL SINO



6. ATUAL SALÃO COMUNITÁRIO



Fonte: Adaptado de QGIS, 2024.



CAPÍTULO 1

O LEGADO QUE NÃO SE PERDE: HISTÓRIAS DE FAMÍLIA

Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 1 – Marilene Maziero e Neurí Maziero



Fonte: Os autores (2024).



NEURÍ E MARILENE MAZIERO

Anna Carolina Birk, Eduarda Stefani Ventura, Tamara de Mello Banfi,
Marcelo Roveda, Rafael Albaneze

Neurí Maziero e Marilene Maziero são um casal cuja trajetória de vida é marcada pelo compromisso com a educação e a família. Ambos, filhos de pais trabalhadores, cresceram em lugares onde os valores de dedicação e respeito foram fundamentais. Neurí, nascido em 21 de abril de 1958, e Marilene, em 8 de agosto de 1961, compartilham uma história que se cruza não apenas no amor, mas também na escolha profissional (Fotografia 1). Hoje, ambos aposentados, refletem sobre as décadas passadas em sala de aula e como a educação moldou suas visões de mundo, ao mesmo tempo em que fortaleceram os laços que os uniram.

A família de Neurí Maziero tem suas raízes profundamente conectadas à terra e à vida no campo. Originária da região de Vacaria, sua história começou com seu avô, que teve treze filhos e precisava de espaço para que todos pudessem trabalhar e prosperar. Em 1953, a família Maziero tomou a decisão de buscar melhores condições de vida, migrando para a Linha Cruzinhas, que pertence atualmente ao município de São Miguel do Oeste, SC. A busca por uma área favorável para o cultivo e sustento da família foi um desafio constante, mas com o passar do tempo, eles se espalharam pela região, consolidando-se especialmente em São Miguel do Oeste. A história de Neurí está profundamente ligada a essa migração e à união de sua família em torno do trabalho no campo e da busca por novas oportunidades.

O pai de Neurí foi um dos que se destacou, adquirindo uma parcela de terra onde a família se estabeleceu e Neurí nasceu. Essa rica herança familiar moldou a identidade de Neurí, que carrega consigo as memórias da vida simples no campo, a luta por melhores condições de vida e o valor do trabalho e da união familiar, elementos que também influenciaram sua trajetória como cidadão.

Já os pais de Marilene, Severino Dessanti, nascido em 12 de abril de 1936 em Nova Bassano, e Aurora Dessanti, nascida em 19 de novembro de 1938 em Campo do Meio, viviam na mesma comunidade, isto é, Linha Nossa Senhora da Salete, município de David Canabarro. Com o passar do tempo a amizade entre eles floresceu, mas os pais de Aurora, Aurélio e Josefina Gava, em busca de melhores condições de vida para poder comprar terra para os filhos homens, mudaram-se para Santa Catarina estabelecendo-se na Linha Alegre (atual Linha Colorado), município de Descanso, SC. O namoro foi por correspondência e após um ano decidiram se casar. O enlace matrimonial ocorreu em 23 de maio de 1959 na igreja de Descanso e a festa na casa da noiva.

Após o casamento, Severino e Aurora foram morar na casa dos pais de Severino no Rio Grande do Sul, onde trabalharam duro para juntar dinheiro e construir sua própria casa, móveis e ferramentas necessárias. As dificuldades financeiras, somadas ao desejo de melhorar a qualidade de vida, levaram Severino e Aurora a trabalharem por dois anos no Rio Grande do Sul.

Em 23 de dezembro de 1960, Severino e Aurora embarcaram em uma nova jornada. Usando o mesmo caminhão que os havia levado durante o casamento, eles organizaram a mudança das duas famílias, dividindo as despesas. Era a mudança de Severino e Aurora Dessanti, juntamente com a mudança de Heitor e Maria Vanzella.

A chegada a Santa Catarina foi no dia 24 de dezembro de 1960, véspera de Natal. Durante os primeiros meses, o casal morou com os sogros até conseguir construir sua própria casa na atual comunidade da Linha Santo Expedito, município de Descanso, SC, onde já possuíam uma propriedade de nove alqueires de puro mato. Na época era comum os recém casados morarem junto com os pais.

A casa que construíram era simples, mas aconchegante, feita de madeira e com uma estrutura que refletia o trabalho árduo e as esperanças de uma vida melhor. Severino e Aurora não se deixaram abater pelas dificuldades. A adaptação à nova vida envolveu muito trabalho na agricultura, derrubando



mato e plantando milho, feijão, trigo e outros produtos, sempre com a ajuda dos vizinhos, que se mostraram solidários e prestativos. As lavouras eram feitas manualmente, bem como a colheita.

Esse período de mudança não apenas marcou a vida do casal, mas também a formação de uma nova comunidade, onde Severino e Aurora se tornaram parte ativa, contribuindo com doações de terreno para a construção da escola e do cemitério local, fazendo com que a comunidade de Santo Expedito se expandisse gradativamente.

Quando Marilene iniciou seus estudos, a estrutura era simples e marcada por tradições curiosas, como o uso de uma pedra para pedir permissão para ir ao banheiro. Os alunos pegavam a pedra da mesa da professora e, se ela já estivesse em uso, aguardavam até que estivesse disponível. A disciplina na escola era rigorosa, e o uso da vara como método de correção era uma prática aceita pelos pais. Naquele tempo, aproximadamente no ano de 1961, as aulas eram realizadas na igreja da comunidade de Santo Expedito. Tempos depois foi construída a primeira escola da comunidade, em madeira e com telhado em telha de barro, em um terreno doado por Severino Dessanti, pai de Marilene Maziero (Fotografias 2 e 3).

Fotografia 2 – Turma da escola de Santo Expedito em que Marilene cursou o terceiro ano



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Fotografia 3 – Primeira escola construída na comunidade de Santo Expedito



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Um dos momentos mais marcantes da vida escolar foi quando a turma de Marilene conquistou o primeiro lugar em um concurso municipal que premiava a horta mais bonita e quem cuidava da horta eram os alunos do terceiro e quarto ano. A experiência, além de proporcionar uma conexão com a natureza, ensinou lições de responsabilidade e trabalho em equipe. O prêmio, um fogão a gás, representou um avanço significativo na comunidade, elevando a autoestima dos alunos e simbolizando uma mudança nas práticas domésticas (Fotografias 4, 5 e 6).



Entre histórias, culturas e memórias: *O legado da comunidade de Santo Expedito*

Fotografias 4 e 5 – Alunos do terceiro e quarto ano cuidando da horta



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Fotografia 6 – Diretoria da unidade escolar com o prêmio do concurso municipal



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Segundo Marilene, com a construção da BR 282, a escola supracitada precisou ser transferida do local, bem como a casa de seus pais, a igreja e o salão comunitário, e a moradia de outras famílias das proximidades. Foi um transtorno pontual para comunidade, porém, com o passar dos anos, gerou progresso e desenvolvimento para a localidade.

A nova escola, denominada Escola Municipal Deputado Leoberto Leal, foi executada próxima a nova igreja, por uma verba estadual, e nela Marilene trabalhou por muitos anos como professora (Fotografia 7). Ademais, como marco significativo da nova unidade escolar, a entrevistada cita o título de horta mais bonita e bem cuidada dentre todas as escolas do município de Descanso, cuja premiação recebida foi uma maleta com material escolar para cada aluno (Fotografia 8).



Fotografia 7 – Nova unidade escolar da comunidade de Santo Expedito



Fonte: Acervo pessoal de Honorino Dall Magro e Iraci Lourdes Dall Magro.

Fotografia 8 – Turma com a premiação recebida do concurso municipal



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Dessa forma, a comunidade teve um grande crescimento e desenvolvimento graças à nucleação em torno da escola, que atraía alunos de diversas localidades, como Santa Lúcia, Barra do Veado, Sanga Curta, Rio das Antas e até mesmo partes de São Brás. Essa integração gerou laços de amizade entre os moradores e

promoveu uma série de festas e atividades que incentivaram a participação dos pais, fortalecendo ainda mais o vínculo comunitário.

Com o aumento do número de alunos, a escola, que inicialmente contava com duas salas de aula, chegou a precisar de três. Para atender à demanda, uma sala foi criada no espaço abaixo da igreja, que foi fechada com tábuas e adaptada como sala de aula. Durante muitos anos, essa sala foi utilizada para o ensino, representando um avanço significativo para a comunidade.

Marilene começou sua trajetória de trabalho ainda na infância e juventude, atuando como agricultora e ajudando a família no cultivo de milho, soja, feijão e fumo. Enquanto trabalhava na roça, ela retornou aos estudos incentivada por seu namorado Neurí, e conciliava com a vida rural, tendo iniciado o ginásio aos 18 anos, quando o transporte escolar se tornou disponível. Mesmo dividindo seu tempo entre as atividades agrícolas e escolares, Marilene conseguiu avançar na sua formação, ingressando no curso normal na cidade de Maravilha, onde ia de ônibus após a aula onde lecionava na escola Castelo Branco da Linha Sanga Curta, pelo período matutino.

Um exemplo marcante de sua ligação com o ensino é a história de um moinho construído por seu avô, utilizando a força da água para gerar energia elétrica, que ela costumava mencionar em suas aulas, conectando a prática à teoria. A casa do avô da entrevistada, Aurélio Gava, foi a primeira a ter energia elétrica gerada por roda d'água e um dínamo. Com isso era luxuoso ir lá no período noturno e ver tamanha claridade. Afinal, antes dessa modernidade, a luz era gerada somente por lampião ou lamparina a querosene.

A dedicação ao ensino começou ainda durante o curso normal, quando Marilene começou a trabalhar como professora em escola multiseriada. Essas instituições desafiadoras exigiam que ela ensinasse turmas com diferentes níveis de aprendizado simultaneamente. Com criatividade e comprometimento, Marilene fazia malabarismos para passar conteúdo diferenciado a cada série, enquanto todos os alunos aprendiam uns com os outros, em um ambiente



que integrava várias idades e níveis de conhecimento. Além de lecionar, ela era responsável por muitas das tarefas da escola, como preparar merenda e cuidar da limpeza, horta e documentação.

Ao longo de seus 27 anos de carreira, Marilene desenvolveu uma paixão especial pela alfabetização. A maior parte de sua trajetória foi dedicada a ensinar crianças a ler e escrever, o que para ela era uma missão gratificante. Seu trabalho focado no primeiro e segundo anos do ensino fundamental lhe trouxe momentos de grande satisfação, ao ver o progresso de seus alunos. Ela sempre se dedicava intensamente para garantir que as crianças conseguissem dominar as letras e números, celebrando cada conquista e lidando com a frustração daqueles que encontravam mais dificuldades.

Marilene também enfrentou muitos desafios, como a necessidade de cuidar da família e lidar com a falta de transporte adequado no início de sua carreira. Mais tarde, conciliou sua vida profissional com a volta aos estudos quando cursou a faculdade voltada para professores atuantes em sala de aula, na Unoesc, campus de São Miguel do Oeste, sendo a primeira turma em regime de férias (as aulas ocorriam nos finais de semana e férias escolares). Apesar das dificuldades que marcaram sua trajetória, ela construiu uma carreira sólida e deixou um legado de dedicação ao ensino e à alfabetização, impactando profundamente a vida de seus alunos e a comunidade ao seu redor.

A trajetória escolar de Neurí Maziero é um exemplo de superação e dedicação. Desde cedo, ele enfrentou desafios que poderiam ter desmotivado muitos, como as dificuldades que o levaram a repetir quatro anos da quarta série. No entanto, Neurí viu nesses obstáculos uma oportunidade para crescer, demonstrando que a perseverança é essencial no processo de aprendizado. Esse espírito resiliente o acompanhou ao longo de sua vida, marcando também sua carreira como educador.

Ao ingressar na docência, Neurí começou ensinando crianças nas séries iniciais, do primeiro ao quarto ano. Durante 17 anos, ele foi responsável por

transmitir as disciplinas básicas que formam a base da educação, sempre se dedicando ao desenvolvimento de seus alunos. Com o passar do tempo, seu compromisso com o ensino se expandiu, levando-o a atuar em áreas como ciências, matemática, biologia e química no ensino fundamental e médio. Essa transição não só reflete seu amor pela educação, mas também sua constante busca por novos desafios e crescimento pessoal.

Ele acumulou 21 anos de experiência nessas áreas, totalizando 38 anos dedicados ao magistério. Neurí investiu em sua formação, concluindo duas graduações e uma pós-graduação, todas em matemática, sendo uma delas voltada para ciências e matemática e outra em matemática pura. Sua formação permitiu que ele lecionasse tanto para o ensino fundamental quanto para séries mais avançadas, sempre buscando aprimorar seus conhecimentos e oferecer uma educação de qualidade.

Ao longo dos anos, ele enfrentou desafios comuns à profissão, como a necessidade de manter a disciplina em sala de aula e gerenciar o comportamento dos alunos, especialmente os mais indisciplinados, mas sempre com o cuidado de manter o respeito e a ética no ambiente escolar. Ao longo de sua carreira, deixou um legado de conhecimento e dedicação, até o momento em que decidiu se aposentar, depois de décadas de serviço à educação.

Na comunidade onde o casal cresceu, a comunicação entre os moradores e seus familiares distantes era predominantemente feita por cartas. Essas missivas eram o principal meio de contato, permitindo que as famílias mantivessem laços mesmo à distância. Quando alguém viajava, aproveitava a oportunidade para levar cartas que seriam entregues aos parentes, tornando as viagens não apenas uma ocasião de reencontro, mas também de conexão emocional. Em momentos de perda, como a morte de um ente querido, o telegrama surgia como uma alternativa mais rápida, mas também custosa, para informar a família sobre a tragédia.

Marilene também recorda como a falta de comunicação poderia ser frustrante. Havia ocasiões em que membros da comunidade viajavam para



lugares como Rio Grande do Sul para visitar parentes, e a falta de comunicação imediata significava que muitas vezes não se encontravam. Esses episódios ressaltavam a importância das cartas como um elo vital entre as pessoas, em um tempo em que a tecnologia ainda não havia revolucionado as formas de comunicação. Assim, cada carta enviada e recebida se tornava uma conexão preciosa, não apenas com amigos e familiares, mas também com a própria identidade e história da comunidade.

Neurí relembra com um sorriso um episódio particular de sua juventude. Na época em que começou a namorar, ele estava envolvido em uma situação um tanto embaraçosa. Decidiu escrever uma carta para sua futura namorada, que morava perto da igreja, e pediu a uma prima dela para entregá-la. Naquele tempo, era comum que os jovens fossem tímidos em expressar seus sentimentos, e a ideia de enviar uma carta era um misto de coragem e nervosismo. Enquanto a prima de Marilene se preparava para entregar a carta, ela estava ocupada limpando o terreiro com uma vassoura de mata, ansiosa para finalizar suas tarefas para poder ler a mensagem.

A carta, simples e direta, continha apenas a declaração de amor: “Eu te amo”. Para Neurí, essas poucas palavras representavam um gesto significativo, mas para a jovem que recebeu a carta, a expectativa e o nervosismo tomaram conta até que ela pudesse finalmente sentar e abrir a correspondência. O ato de escrever e enviar uma carta era uma forma de comunicação que, embora simples, carregava uma profundidade emocional que transcendia a distância física.

Dentre algumas das recordações de Neurí, ele lembra um dos episódios mais impactantes da sua infância que remonta aos tempos em que ela morava com seus pais. Nos fins de semana, era comum que os meninos se reunissem para jogar bola, criando laços e memórias de camaradagem. Numa dessas tardes, enquanto jogava bola, a chuva interrompeu o jogo, e a gurizada se refugiou dentro de casa. Foi nesse momento que Neurí, atraído pela espingarda que seu pai tinha pendurado, decidiu brincar com ela, sem perceber os riscos que estava

correndo. Os meninos, desprovidos da noção de segurança que as armas exigem, estavam apenas buscando diversão. Neurí mirou para um de seus amigos e, por brincadeira, puxou o gatilho, que por sorte não disparou. No entanto, ao pendurar a espingarda novamente, um descuido resultou em um disparo acidental, que furou o telhado de zinco da área da casa. Esse incidente o fez refletir sobre a fragilidade da situação: se o tiro tivesse ocorrido enquanto mirava para seu amigo, o resultado poderia ter sido trágico. Na época, era comum os pais possuírem espingarda em casa, devido a grande quantidade de caça, usando a carne dos animais silvestres como alimento.

Já Marilene destaca que em sua juventude participava ativamente do grupo de jovens da comunidade de Santo Expedito, denominado “Juventude Unida”, na qual era um grupo bem significativo (Fotografia 9). Como lembrança de tal participação, menciona que foi escolhida para representar o grupo no concurso de rainha da juventude da Paróquia São Miguel Arcanjo. O desfile aconteceu na comunidade de Linha Canela Gaúcha, onde Marilene competiu com outras jovens de diversas localidades de São Miguel do Oeste, representando seu grupo com dignidade e orgulho (Fotografia 10).

Fotografia 9 – Grupo de jovens da comunidade de Santo Expedito da época



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.



Fotografia 10 – Marilene participando do desfile



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Marilene e Neurí casaram-se em 14 de janeiro de 1984, após cinco anos de namoro. A cerimônia e a festa foram realizadas na comunidade da Linha Santo Expedito, o celebrante foi o ministro do matrimônio Honorino Dall Magro que celebrou a união. Após o casamento, o casal estabeleceu-se em sua própria casa em Linha Santo Expedito, onde construíram uma família e tiveram três filhos: Maurí, Nelí e Celí. O casal ainda vive atualmente no mesmo lugar. “Eu nasci, cresci e ainda moro nesta comunidade. Vi todas as transformações e o progresso ao longo desses sessenta e três anos”, afirma Marilene Maziero.

No que se refere ao contexto histórico e cultural do período de formação da comunidade de Santo Expedito, a realidade das famílias era bem diferente da vivenciada nos dias atuais, em que cada pessoa possui seu próprio carro ou moto. O principal meio de transporte das famílias era o cavalo e a carroça, utilizados tanto para as tarefas diárias quanto para eventos comunitários. Para ir às festas na comunidade, era comum ver famílias inteiras reunidas em cima

Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

de uma carroça, com alguns membros a cavalo e outros a pé, dependendo das possibilidades. Nem todos tinham um cavalo disponível, mas a carroça era uma solução prática que permitia o deslocamento em grupo e reforçava o espírito de união entre as famílias.

A economia da comunidade era baseada essencialmente na agricultura de subsistência, onde as famílias produziam quase tudo o que consumiam. Os principais cultivos eram feijão, milho, soja e trigo, sendo que o trigo, em sua maioria, era destinado ao consumo próprio, com a farinha sendo produzida em moinhos locais. As plantações eram feitas de forma manual, utilizando instrumentos rudimentares como o “saraquá”, uma vara afiada usada para fazer buracos na terra onde as sementes eram colocadas manualmente. O progresso tecnológico chegou gradualmente, com a introdução de máquinas simples para o plantio e a colheita, mas, no início, quase todo o trabalho era feito à mão (Fotografias 11, 12, 13, 14, 15 e 16).

Fotografias 11, 12, 13, 14, 15 e 16 – Objetos utilizados na agricultura



Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito





Fonte: Acervo pessoal de Sadi Maziero e Maria Salete Baiocco Maziero.

Além da agricultura, a criação de porcos era uma atividade importante para a comunidade, já que o gado era menos comum naquela época. A produção de leite também existia, mas era voltada para o consumo interno, assim como a produção de queijos. A venda dos produtos agrícolas e dos porcos gerava dinheiro, que raramente era utilizado para o consumo imediato. O objetivo maior das famílias era economizar para comprar mais terras, um bem visto como essencial para o crescimento econômico e a segurança das futuras gerações. As trocas e os produtos adquiridos de fora se limitavam a itens como querosene, café e açúcar, uma vez que quase tudo o que se consumia era produzido nas próprias propriedades.

A vida rural, apesar de simples e difícil, promovia uma forte coesão social. O trabalho comunitário, era um reflexo disso, onde todos se uniam para ajudar uns aos outros, seja na lavoura ou em cuidados de saúde. Atividades como a



caça e a pesca também tinham um papel importante nas interações sociais, culminando em eventos como a “passarinhada”, onde as famílias se reuniam para assar passarinhos, com polenta e toicinho, em uma refeição comunitária. Enquanto os adultos conversavam ou jogavam baralho, as crianças brincavam do lado de fora, vivendo uma infância simples, mas cheia de liberdade, com brincadeiras de “pego pego” e “esconde esconde”. Com o passar do tempo surgiu o primeiro campo de futebol localizado na propriedade de Caetano Fanton, cujo time foi nomeado de “Palmeiras”, e permaneceu em atividade por alguns anos, simbolizando um atrativo para as crianças, jovens e adultos. Somente anos depois que surgiu o futebol suíço, substituindo algumas das tradições antigas, mas sem apagar a memória de um tempo em que a união e a solidariedade entre os vizinhos eram as maiores riquezas da comunidade.

Na comunidade de Santo Expedito, a vida social era marcada pela simplicidade e pela união entre os vizinhos. Celebrações como aniversários eram oportunidades para reunir as famílias, onde sempre havia alguém que tocava um instrumento, como violão ou gaita, e organizava um pequeno baile. Essas festividades, que muitas vezes surgiam como “surpresas”, eram acompanhadas por toda a família, onde todos dançavam e se divertiam, fortalecendo os laços entre as famílias e criando um ambiente de alegria e companheirismo. Além das festas, a convivência era intensificada pela tradição de visitar os vizinhos regularmente, especialmente para ajudar em momentos de necessidade ou para passar o tempo em dias chuvosos, ou ainda, jogando baralho à luz de lamparinas de querosene (conhecidas como “tiareto”). Quando tais atividades eram realizadas no período noturno, eram chamadas de “filó”.

No início, as danças eram embaladas por músicas tocadas apenas com gaita e violão, com músicos locais como Periquito Scariotti e Plínio Pereira. Neurí, que começou a tocar gaita em 1975, se integrou a essa tradição musical que encantava as noites da comunidade.

Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

As festividades não se limitavam a danças e celebrações religiosas; a comunidade também se reunia para eventos como a Rinha de Galo, onde as pessoas apostavam em brigas de galo, e corridas de cavalo, que ocorriam nas estradas locais, com apostas que muitas vezes envolviam prêmios em alimentos como queijos ou leitões, ao invés de dinheiro. As corridas rústicas e o jogo de bocha também faziam parte da rotina de lazer, proporcionando entretenimento e união entre os moradores. Essas tradições, que se estendiam por várias gerações, reforçaram os laços entre as famílias e marcaram a vida comunitária, criando memórias que permanecem vivas nas histórias contadas por Neurí e seus contemporâneos.

As missões também desempenharam um papel fundamental na vida da comunidade, reunindo os moradores em momentos de fé e espiritualidade. Durante essas missões, todos os habitantes se uniam para participar das atividades, que eram marcadas por uma forte presença de missionários, incluindo “os capuchinhos”, que traziam ensinamentos e renovavam a prática religiosa. Essas experiências foram importantes para o fortalecimento dos laços comunitários e para a vivência da fé, criando recordações significativas para os moradores de Santo Expedito.

Além das celebrações religiosas, a comunidade também se envolveu em encenações teatrais, especialmente durante as festividades de Natal, que foram organizadas por grupos de jovens. Com o passar dos anos, eventos como a Primeira Eucaristia e a Crisma tornaram-se importantes marcos sociais, reunindo as famílias para celebrar a fé e a vida comunitária. Nos anos seguintes, a animação da comunidade também se refletiu em bailes, que começaram a ser realizados.

Marilene Maziero também compartilhou suas lembranças sobre a primeira comunhão, um momento significativo em sua vida. A celebração foi realizada pelo Padre Aurélio Canzi em um dia de semana, um evento que, embora solene, não contou com a fotografia imediata, como seria comum hoje em dia. As fotos foram tiradas algumas semanas depois, durante uma festa da comunidade e na foto está o Padre Danilo Linck, quando todos se vestiram novamente para



a ocasião. Naquela época, o acesso a registros fotográficos era limitado, e os registros eram feitos principalmente em eventos marcantes como a primeira comunhão e casamentos.

As memórias de Marilene não se restringem apenas a essa experiência, mas se estendem à primeira igreja da comunidade, que, segundo ela, ficava onde hoje é a BR 282. Com a construção da rodovia, a igreja teve que ser transferida para um novo local. A primeira igreja era uma construção emblemática, pintada de azul, com o teto decorado para lembrar o céu, adornado com estrelas e a lua, criando uma atmosfera sagrada e mágica. Um dos detalhes mais notáveis era uma pomba, feita de madeira e esculpida pelo avô de Marilene, Aurélio Gava, que era um dos fundadores da comunidade. Essa pomba, que ficou instalada no teto, foi resgatada por Marilene durante uma faxina na igreja, tornando-se um objeto de grande valor sentimental e histórico (Fotografias 17 e 18).

Fotografias 17 e 18 – Pomba do teto da primeira Igreja



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Ainda existem na nova igreja alguns objetos que datam da época da primeira construção (Fotografias 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26), mas muitos se perderam ao longo dos anos.

Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

A matraca (Fotografia 19) era usada na semana santa substituindo a sineta e o sino. O missal (Fotografias 20, 21, 22 e 23) era utilizado pelo padre quando rezava a missa em latim e de costas para o povo. Durante a realização dessas missas, o padre vestia algumas vestes que eram comuns naquela época (Fotografias 24 e 25). Já na fotografia 26 aparece o primeiro cibório, local em que eram colocadas as hóstias para a consagração, e depois distribuídas na comunhão.

Fotografias 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 – Objetos antigos encontrados na Igreja da comunidade de Santo Expedito



Entre histórias, culturas e memórias: O legado da comunidade de Santo Expedito





Fonte: Acervo da comunidade de Santo Expedito.

Essas recordações não apenas delineiam a história da comunidade, mas também retratam o vínculo profundo que Marilene e sua família têm com a tradição religiosa e cultural do lugar onde cresceram. A primeira comunhão e a antiga igreja simbolizam um tempo de fé e comunidade, unindo as gerações em torno de valores que permanecem vivos até hoje.

Marilene também destacou as mudanças que ocorreram na comunidade com a construção da BR 282. O progresso trouxe consigo a necessidade de relocação para várias famílias, um processo que envolveu indenizações, embora muitas vezes essas compensações não fossem suficientes para cobrir os danos e os transtornos gerados. Em um episódio marcante, enquanto o padre Aurélio celebrava uma missa, foi informado de que uma detonação ocorreria em breve nas proximidades, obrigando todos a evacuarem rapidamente. A angústia era palpável enquanto o padre, preocupado, questionava: “Nossa Senhora, onde nós



vamos agora?” A comunidade se uniu na incerteza, buscando refúgio enquanto aguardavam que a detonação ocorresse e a situação se normalizasse.

Os desastres naturais também deixaram suas marcas. Marilene recordou um vendaval devastador que atingiu a região, derrubando a casa de uma das famílias da comunidade. Os membros dessa família ficaram hospedados na casa de seus pais enquanto a casa era reconstruída. O fenômeno, quase como um tornado, causou danos significativos e destruição. Essas histórias, entrelaçadas com momentos de alegria e tragédia, formam um mosaico da vida de Marilene e da comunidade, repletas de desafios, aprendizados e a força que emerge em tempos difíceis.

Essas lembranças também trazem à tona outra questão importante: a saúde da sua mãe, que frequentemente necessitava de cuidados médicos. Naquela época, o hospital mais próximo ficava em Itapiranga, e as viagens para lá eram um desafio, especialmente para aqueles que enfrentavam doenças. O cenário era marcado por limitações que exigiam resiliência das famílias que precisavam viajar a cavalo para buscar atendimento médico. Mesmo com as dificuldades, esses laços de união, cooperação e apoio mútuo moldaram a identidade da comunidade e marcaram profundamente a vida de seus moradores. Somente anos mais tarde é que surgiu o hospital em Descanso do doutor Arnaldo Dunch.

Na comunidade em que o casal cresceu, a igreja foi o primeiro centro de convivência e organização. Antes mesmo de existir uma escola formal, as reuniões e celebrações aconteciam no espaço da igreja, que servia como um ponto de encontro. Embaixo da igreja havia uma pequena bodega, aberta apenas durante as festas comunitárias para a venda de produtos. A escola veio bem depois, e no início as aulas eram ministradas na própria igreja. (Ver no capítulo dos anexos, o mapa das principais edificações que fizeram parte da história da comunidade).

A comunidade Santo Expedito possui dentre alguns dos objetos guardados, um livro de doações que remonta à época de sua fundação. Esse

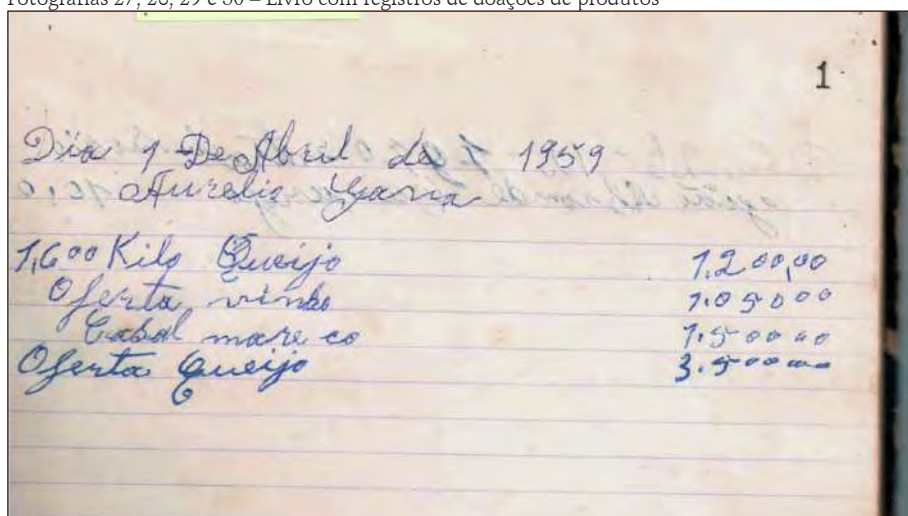


Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

livro foi adquirido para registrar, ao longo dos anos, as doações feitas por cada membro, denominados de “sócios”. As doações consistem em produtos que as famílias produziam, como queijos, melancias, milho e feijão. Esses itens eram vendidos ou leiloados durante as festividades da comunidade, ou muitas vezes eram vendidos entre os próprios membros da comunidade, pois algumas famílias não produziam determinados itens e acabavam comprando. O livro, que ainda está em posse da comunidade, contém vários desses registros, preservando a memória das contribuições feitas ao longo dos anos (Fotografias 27, 28, 29 e 30).

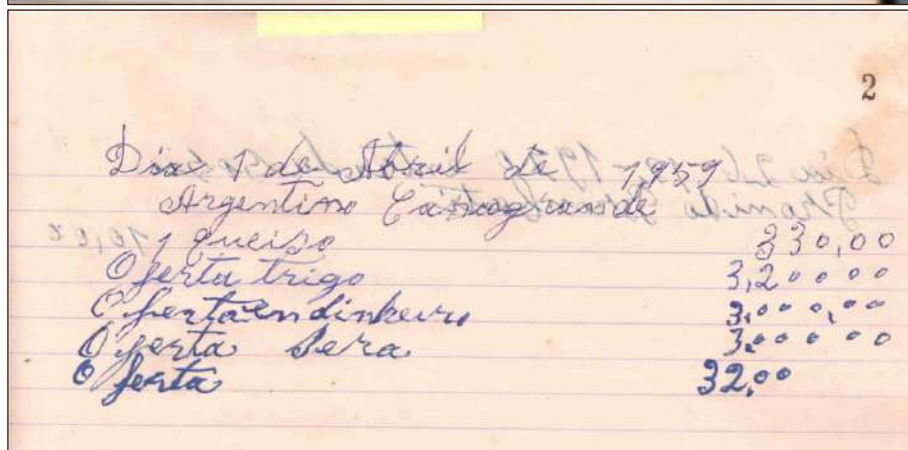
Fotografias 27, 28, 29 e 30 – Livro com registros de doações de produtos



1

Dia 1 de Abril de 1959
Aurelio Yara

1000 Kilo Queijo	1.200,00
Oferta vinho	1.050,00
Cabral marisco	1.500,00
Oferta Queijo	3.500,00

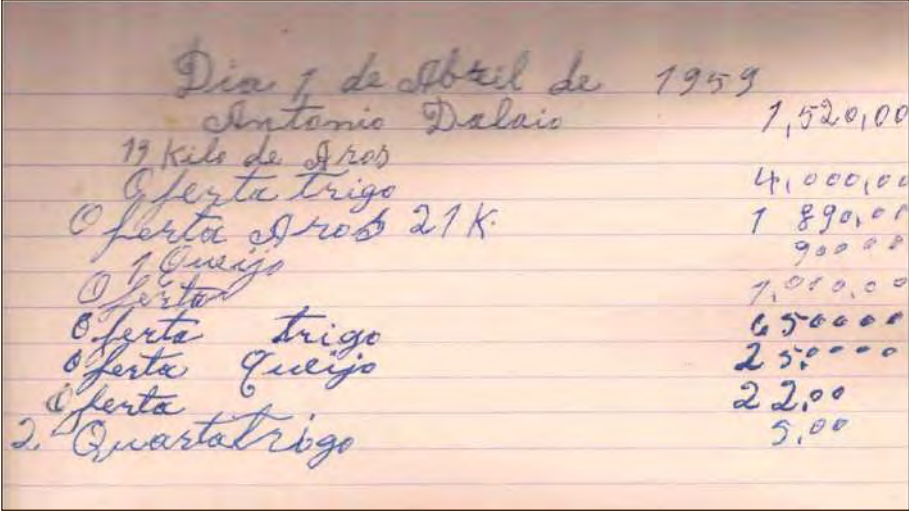


2

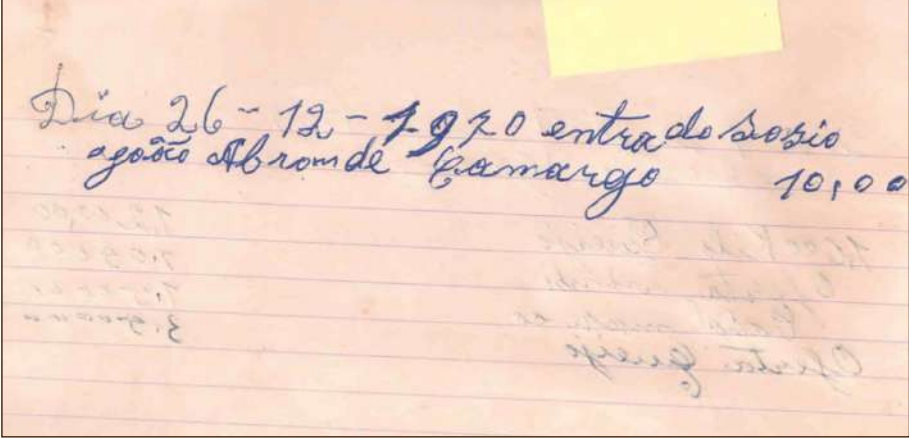
Dia 1 de Abril de 1959
Argentino Castagnoli

3000 Kilo Queijo	330,00
Oferta trigo	3.200,00
Oferta endiveiro	3.000,00
Oferta Pera	3.000,00
Oferta	32,00





Dia 1 de Abril de 1959	
Antonio Dalais	1,520,00
19 Kilo de Aros	
Oferta trigo	4,000,00
Oferta Aros 21 K.	1 890,00
1 Queijo	900,00
Oferta	1,000,00
Oferta trigo	650,00
Oferta Queijo	250,00
Oferta	22,00
2. Quartatriga	5,00



Dia 26 - 12 - 1970 entrada de sócio	
agosto Abram de Camargo	10,00

Fonte: Acervo da comunidade de Santo Expedito.

Hoje, as doações que a comunidade recebe são bem diferentes. As contribuições costumam ser destinadas a prêmios para rifas, como suínos, bovinos ou, em muitos casos, dinheiro. Isso contrasta bastante com o início da história da comunidade, quando os itens doados eram os próprios produtos agrícolas das famílias.

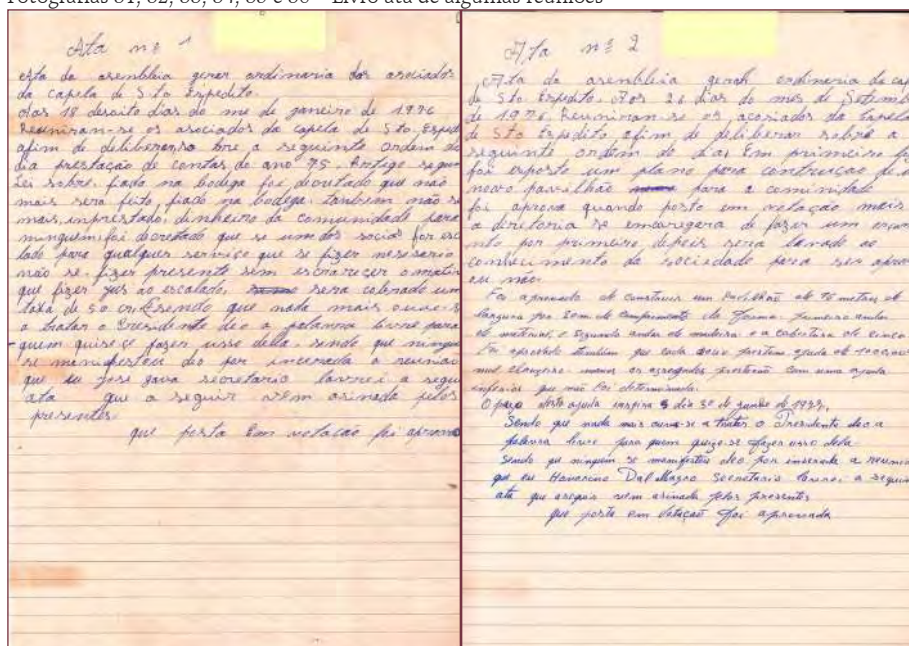
Outrossim, há um livro de atas onde são registradas todas as ações e decisões tomadas ao longo dos anos na comunidade. No início de sua formação,

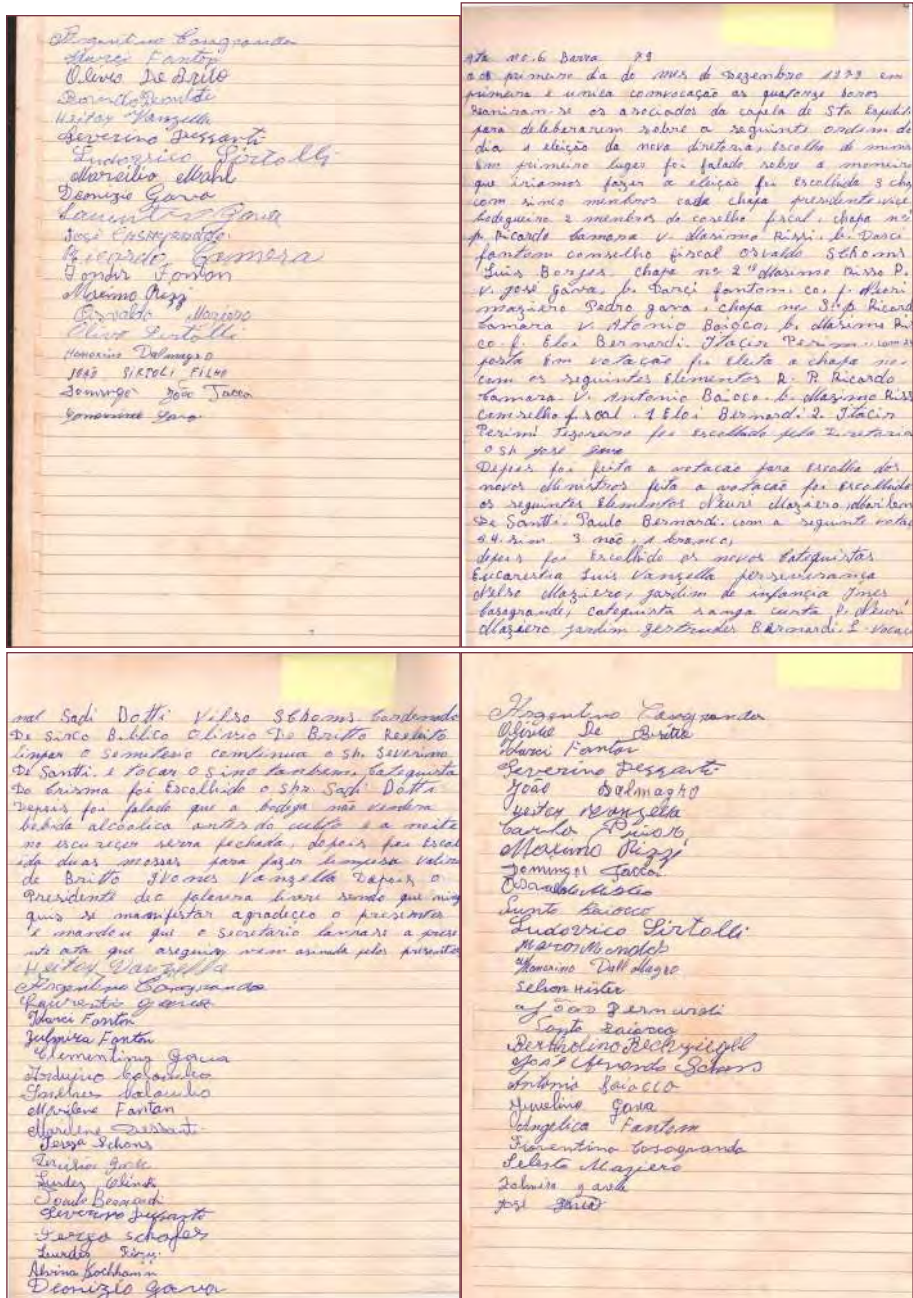
Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

foi eleita uma diretoria provisória, que posteriormente foi substituída por uma diretoria definitiva, com mandatos variando entre dois e três anos, conforme decidido em assembleias da própria comunidade. Com o passar do tempo, as normas da paróquia decidiram determinar a duração dos mandatos. As atas foram elaboradas nas reuniões em que foram discutidos assuntos importantes, como o planejamento anual e a definição de lideranças, incluindo responsabilidades como a limpeza da igreja e do pátio (Fotografias 31, 32, 33, 34, 35 e 36).

Fotografias 31, 32, 33, 34, 35 e 36 – Livro ata de algumas reuniões





Celi Maziero, Leandra Daiprai
Organizadoras



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

Essas reuniões ocorriam conforme a necessidade, principalmente quando haviam decisões urgentes ou a construção de alguma estrutura comunitária. A diretoria era composta por um presidente, um secretário e um tesoureiro. O presidente coordenava as atividades, o secretário registrava as decisões e o tesoureiro gerenciava as finanças. Em 1990, foi instituído um conselho de pastoral, por determinação da paróquia, que ampliou a representação da comunidade. Cada setor passou a ter um responsável, como o dízimo, catequese, liturgia e outros. O conselho de pastoral passou a se reunir mensalmente para discutir as questões da comunidade.

Além disso, atualmente a comunidade realiza um planejamento anual, onde são escolhidos os festeiros e definidos os responsáveis por organizar eventos e cuidar da manutenção da igreja e do cemitério, entre outros. Todas as decisões tomadas nessas reuniões são apresentadas em assembleia para aprovação e registradas em ata, garantindo que tudo o que foi deliberado seja formalmente documentado, com as assinaturas dos participantes para validar as decisões.

Assim, o livro de atas se tornou um registro essencial para a comunidade, preservando a memória e a organização de suas ações. Através desse sistema, a comunidade mantém sua estrutura e promove a participação ativa dos membros, fortalecendo os laços entre os participantes e garantindo a continuidade das tradições e do trabalho coletivo.

A festa em homenagem ao Padroeiro Santo Expedito é um evento marcante que ocorre anualmente no dia de Páscoa. Embora o dia oficial de Santo Expedito seja em 19 de abril, a celebração é realizada para coincidir com a festividade da Páscoa, que atrai um grande número de pessoas. A celebração é rica em tradição, começando com uma missa que ocorre sob as árvores, onde muitas pessoas se reúnem, já que a igreja não comporta todos os fiéis (Fotografias 37 e 38). O evento é festivo, com churrasco, pão, salada, bebida, dança e uma atmosfera de confraternização entre os membros da comunidade e a população visitante.



Entre histórias, culturas e memórias: *O legado da comunidade de Santo Expedito*

Fotografias 37 e 38 – Festa em honra ao padroeiro Santo Expedito



Fonte: Acervo da comunidade de Santo Expedito.

Outra atividade da comunidade é o clube de mães, que não possui registros de dados exatos de sua formação. Embora as mães já tenham se reunido há cerca de quarenta e nove anos, essa atividade não era comumente registrada

por fotografias. As reuniões ocorriam mensalmente, aos domingos, quando as mães se encontravam para conversar e tomar chimarrão. Com o tempo foi adquirida uma mesa de bolãozinho, que se tornou um ponto de encontro para jogar e socializar. Posteriormente, a realização de intercâmbios e visitas a grupos de mães de outras comunidades fortaleceu os laços de amizade e proporcionou a oportunidade de participação em festas e eventos.

As mães já se envolveram em torneios de casais, como bocha rolada e canastra, atividades que, embora ainda existam, eram mais frequentes no passado. O grupo, chamado Clube de Mães Queremos Lutar, tem uma história significativa de doação e colaboração. Um marco importante foi a arrecadação de fundos para a compra de um grande crucifixo, que permanece na comunidade até hoje (Fotografia 39), resultado da generosidade das mães pioneiras, para sua aquisição.

Fotografia 39 – Crucifixo doado pelo Clube de Mães



Fonte: Acervo da comunidade de Santo Expedito.



Outra marca a ser registrada é a praça arborizada em frente à igreja, que foram as mães que tiveram a ideia, bem como iniciaram a roçada e a limpeza do local. Tal espaço passou por melhorias com o passar do tempo, e atualmente é o local que recebe a celebração campal, onde é festejado o dia do padroeiro Santo Expedito.

Após a era do bolãozinho, o jogo de bingo se tornou uma prática popular, não apenas na comunidade, mas em toda a região. Hoje em dia, as mães continuam se reunindo para jogar bingo, além de trocar ideias e experiências. O grupo também organiza encontros para comemorar aniversários, visitas a membros que não podem mais participar devido à idade ou problemas de saúde e planejamentos de atividades especiais, como piqueniques e saídas para comemorar o final do ano (Fotografias 40, 41 e 42). Já foram realizadas visitas a orquidários, viveiros de suculentas e ateliês de artesanato, sempre buscando atividades que as mulheres apreciam.

Fotografias 40, 41 e 42 – Registros das gerações que passaram pelo Clube de Mães





Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Com o passar dos anos, o Clube de Mães manteve suas tradições e se adaptou, proporcionando um espaço para as mulheres se unirem, apoiando umas às outras e também a se divertirem e criarem laços fortes de amizade.



Além dos dados mencionados, é oportuno destacar que no período de formação da comunidade de Santo Expedito, as famílias aproveitavam ao máximo o espaço de suas terras para garantir tanto a moradia quanto a subsistência agrícola. As casas eram estrategicamente construídas próximas a fontes de água, facilitando seu acesso e preservando a maior área possível para o plantio de soja, milho e feijão, que eram essenciais para a economia familiar. A construção das casas era um esforço comunitário, onde o próprio proprietário, com a ajuda de vizinhos mais habilidosos, erguia a moradia utilizando materiais do próprio local, como madeira retirada das matas próximas. O processo era rudimentar, com o uso de ferramentas simples como machado e serrote para transformar troncos em tábuas, e as primeiras coberturas das casas eram feitas de tabuinha lascada.

Com o passar do tempo, o zinco começou a substituir as coberturas de madeira, mas as construções ainda mantinham suas estruturas principais de madeira, utilizando espécies nobres da época, como angico e guajuvira, que eram abundantes e ofereciam grande durabilidade. Essas moradias eram dispersas e/ou isoladas, com cada família possuindo meia ou até duas colônias de terra, o que distanciava as casas umas das outras. A vida era autossuficiente e conectada à terra, com o plantio e a criação de animais sendo essenciais para o sustento das famílias, e o processo de construção das casas refletia a solidariedade e a colaboração entre os membros da comunidade.

Além da religiosidade, a cultura local se expressava através de atividades como a bocha, um esporte que teve suas raízes na comunidade com a construção da primeira cancha, feita pelo avô de Marilene e outros membros da comunidade em chão batido de terra. As primeiras bochas também foram confeccionadas por Aurélio, em cerne de alecrim, o que simbolizava não apenas a tradição do jogo, mas também a união dos moradores, que se reuniam para jogar e se divertir. Com o passar dos anos, a bocha se tornou uma atividade social que promoveu encontros e confraternizações, além de momentos de competição saudável.

Atualmente, a memória desta tradição é preservada em um museu local, montado por Antônio Orso, residente na comunidade de Linha Aparecida, município de São Miguel do Oeste, SC, que abriga diversas relíquias da história da comunidade de Santo Expedito, incluindo uma das bochas originais. Esse museu serve como um espaço de valorização da cultura e da história local, onde as novas gerações podem aprender sobre as tradições que moldaram a identidade da comunidade. Os eventos religiosos e as atividades sociais, como a bocha, são exemplos da rica herança que Neurí e seus conterrâneos mantêm viva, refletindo um modo de vida que valoriza a colaboração, a fé e o convívio harmonioso entre os membros da comunidade.

Quanto aos casamentos de antigamente, o ritual era bem diferente do que se observa hoje em dia. Marilene Maziero recorda que, quando seus tios se casaram, a cerimônia era bastante intimista, restrita apenas aos noivos e aos padrinhos. Frequentemente, os pais dos noivos não acompanhavam o evento, que acontecia na paróquia local. Pela manhã, os padrinhos tinham a responsabilidade de buscar a noiva na casa dela, juntamente com o noivo, e essa visita era acompanhada de um café da manhã que simbolizava a união das famílias. O café era uma mistura de pratos caseiros, refletindo a simplicidade e a tradição da época.

Após a cerimônia, onde se tornavam oficialmente casados, os noivos e os padrinhos retornavam para celebrar a festa, que geralmente ocorria na casa do noivo. As festas eram organizadas em espaços como o porão ou o paiol, onde todos se reuniam para festejar. O cardápio era tipicamente rústico, com churrasco de porco preparado sem a necessidade de comprar ingredientes, o que mostrava o espírito de autossuficiência da comunidade. O vinho, também produzido na propriedade, junto com pães, cucas e saladas, completava a refeição, sendo tudo feito de forma caseira.

Com a chegada de uma nova geração, as celebrações matrimoniais começaram a ser realizadas no salão da comunidade. Isso representou uma



mudança significativa, pois os casamentos passaram a ser eventos mais elaborados e organizados coletivamente, refletindo uma evolução nas tradições locais. Quando a festa era realizada na casa do noivo, era costume preparar o quarto dos noivos com os presentes recebidos. Os convidados, ao chegarem, levavam seus presentes até o quarto e os colocavam sobre a cama, abrindo-os na presença dos noivos, o que gerava um momento de alegria e confraternização.

Essa prática foi transformada com a nova forma de celebrar os casamentos na comunidade, onde os presentes eram dispostos em uma mesa, facilitando a visualização e a interação entre os convidados (Fotografia 43). A transição dos casamentos de eventos restritos e caseiros para celebrações mais comunitárias reflete não apenas mudanças nas práticas sociais, mas também um fortalecimento dos laços comunitários e familiares, com a celebração do amor e da união ganhando novos significados ao longo das gerações.

Fotografia 43 – Tradição dos casamentos no ano de 1984



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

As tradições de costura na comunidade revelam um aspecto fundamental da vida familiar e comunitária do passado. Marilene Maziero recorda que as roupas eram, em sua maioria, confeccionadas pelas mulheres em casa. As mães, além de serem as responsáveis por criar as peças necessárias para a família, desempenhavam um papel crucial na transmissão desse conhecimento às filhas. Era comum que as moças, ao se prepararem para o casamento, trouxessem consigo uma máquina de costura como parte de seu enxoval, demonstrando a importância dessa habilidade no contexto familiar e social (Fotografias 44 e 45).

Fotografias 44 e 45 - Máquina de costura que pertencia a mãe de Marilene Maziero



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

As roupas básicas, como camisas e calças para o trabalho, bem como vestidos para as ocasiões especiais, eram cuidadosamente feitas em casa. Marilene menciona que tanto sua avó quanto sua mãe participavam ativamente desse processo, garantindo que cada membro da família tivesse o que vestir. Essa prática não se limitava apenas aos adultos; as roupas para as crianças também eram confeccionadas de forma caseira. O ato de costurar não apenas atendia à necessidade, mas também se tornava uma forma de expressão e criatividade. Além das roupas, eram costurados os chapéus de palha feitos de trança com palha de trigo e costurados a mão ou na máquina de costura (Fotografia 46).



Fotografia 46 - Chapéu de palha



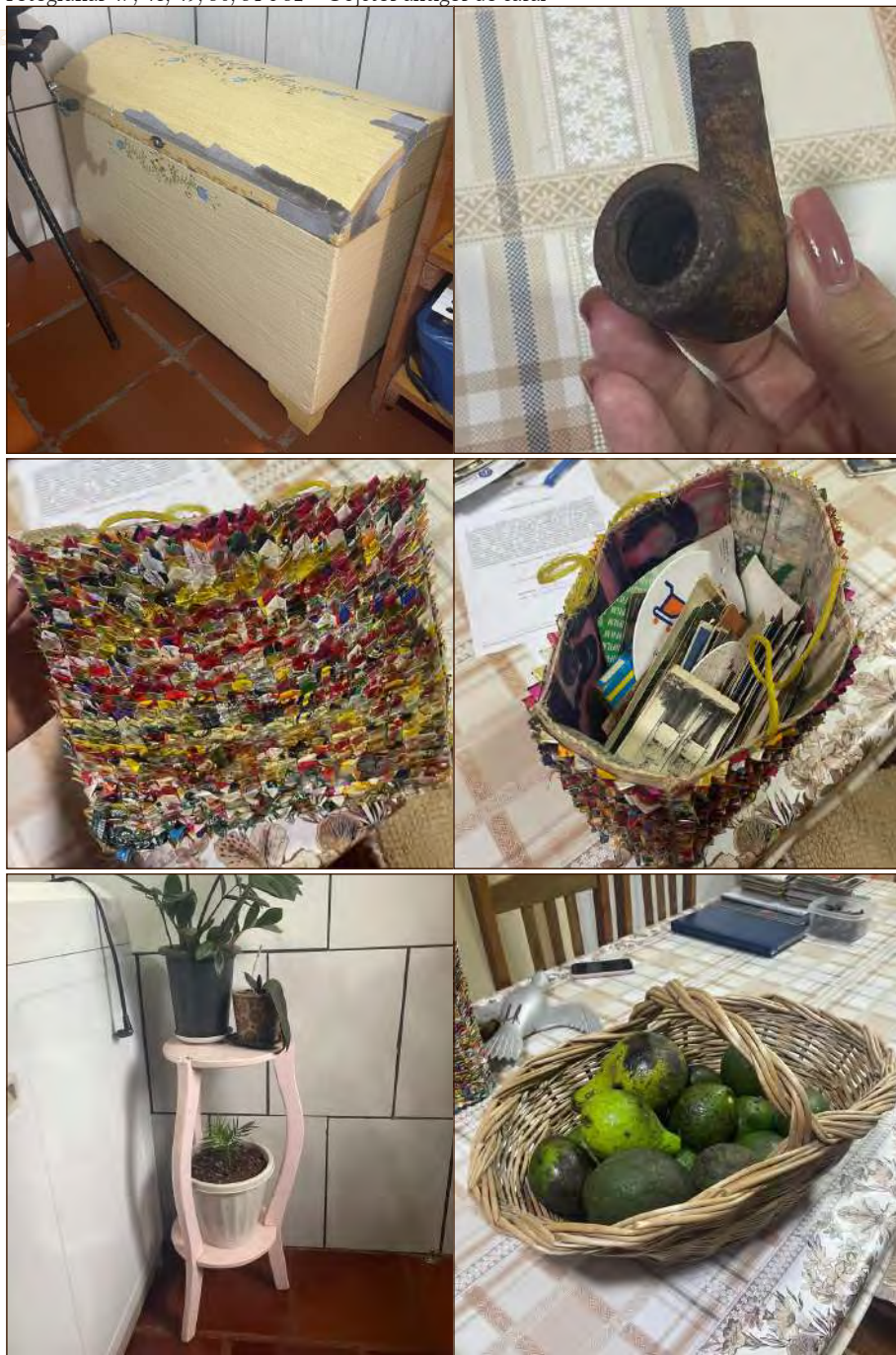
Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

O tecido adquirido se chamava fazenda, onde era vendido em metros, e as mulheres utilizavam suas habilidades para transformar essas peças em roupas. Não havia espaço para desperdício; os retalhos que sobravam das confecções eram reaproveitados de maneira engenhosa. Vestidos, saias e até calças para os meninos eram feitos a partir dessas sobras, demonstrando a habilidade das mulheres em maximizar cada recurso disponível. Essa prática de reaproveitamento era uma prática comum, refletindo uma mentalidade de sustentabilidade e cuidado com os recursos da família.

Além do exposto, Neurí e Marilene Maziero ainda guardam objetos antigos de seus antepassados, que mantêm viva a memória e práticas da época (Fotografias 47, 48, 49, 50, 51, 52 e 53).

Entre histórias, culturas e memórias: *O legado da comunidade de Santo Expedito*

Fotografias 47, 48, 49, 50, 51 e 52 – Objetos antigos do casal



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.



Fotografia 53 – Máquina de cortar cabelo usada pelo avô de Marilene



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

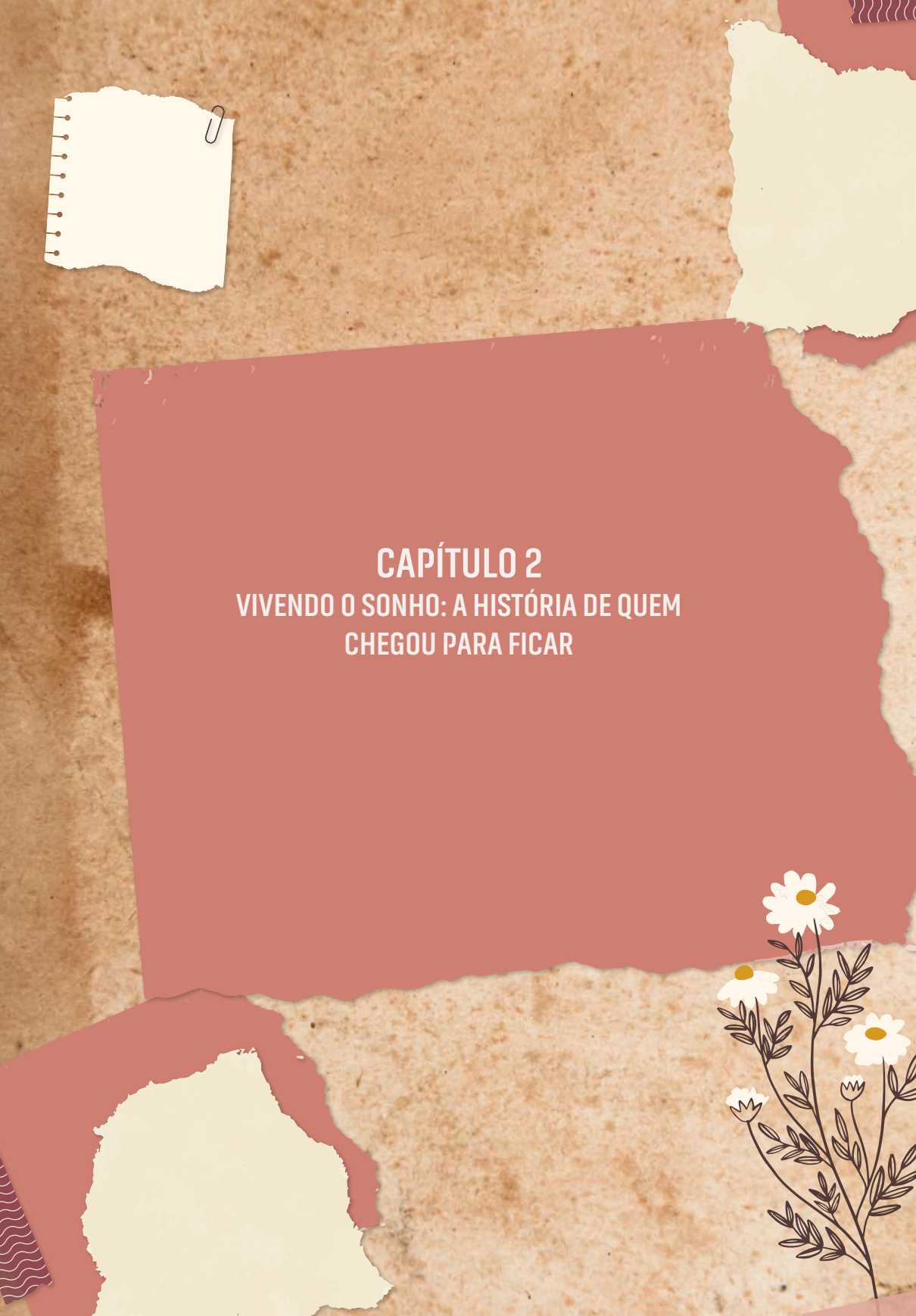
O baú de madeira (Fotografia 47) foi feito pelo avô de Marilene (Aurélío Gava), onde sua mãe guardou o enxoval quando casou. A cesta das fotografias 49 e 50 foi feita de papel de balas e costurada na máquina. Já o tripé de madeira era usado no passado nas casas para colocar a bacia e jarra com água para lavar as mãos.

Diante do exposto, percebe-se que a história de Neurí e Marilene Maziero é marcada pela migração e pela formação de sua família na comunidade de Santo Expedito, refletindo a força, resiliência e união das outras famílias que ali também se estabeleceram. Desde os primeiros desafios de adaptação ao terreno e ao cultivo agrícola, até a formação de uma comunidade próspera, a trajetória da família Maziero demonstra o valor do trabalho coletivo e das tradições.

Os relatos do casal revelam uma conexão com as práticas comunitárias que carregam significados solidários e reforçam a união entre os moradores, fazendo com que sua história seja marcada por uma comunidade colaborativa.

É inspirador perceber a forma como Neuri e Marilene falam sobre a comunidade em que vivem, compartilhando suas lembranças, desafios e conquistas. Suas histórias transmitem um sentimento de pertencimento e gratidão, além de manterem vivas as memórias de um tempo em que a solidariedade e o companheirismo eram o alicerce de tudo.

Assim, a comunidade de Santo Expedito formou-se como um verdadeiro lar, onde o passado e a memória das primeiras gerações seguem presentes, preservando a identidade e o legado de uma comunidade que vive em harmonia com suas raízes.



CAPÍTULO 2

VIVENDO O SONHO: A HISTÓRIA DE QUEM
CHEGOU PARA FICAR

Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 1 – Argentino Casagrande



Fonte: Os autores (2024).



ARGENTINO CASAGRANDA

Cristiane Rodrigues da Silva, Giseli Prudente, Gilbran Brauner Moreira

Filho de Orlando Casagranda e Libera de Sante Casagranda, Argentino Casagranda (Fotografia 1) nasceu no dia 31/12/1936, na cidade de Nova Prata, no Rio Grande do Sul. Atualmente aposentado, Argentino foi agricultor durante toda sua vida, atividade da qual tirava o sustento para construir tudo que tem hoje e para criar sua família, composta por sete filhos.

Sua trajetória na comunidade de Santo Expedito iniciou por meados de 1958, quando ele e sua esposa, Maria Albina (*in memoriam*), vieram do Rio Grande do Sul com a mudança em um caminhão, após ouvir relatos de pessoas que já conheciam o local e interessar-se pelas terras onde hoje é a comunidade. Ao chegar, começou a visitar algumas pessoas para pedir informações de como comprar um pedaço de terra, ao que lhe explicaram que havia uma empresa colonizadora que vendia terras nesta região.

Argentino conta que com a ajuda de Antônio Dalaio, um vizinho próximo, conseguiu informações sobre uma colônia de terra que estava à venda no escritório do Ampério Veronese, em São Miguel do Oeste. Sobre esse episódio, ele conta que foi questionado por Ampério o porquê de querer comprar essas terras:

Eu fui bem claro: praticamente não tenho nada, tenho uns bichinhos lá onde estou. Estou trabalhando nas lavouras. Aí ele me pediu o que eu podia dar de entrada, então falei que tinha que vir aqui e produzir para poder pagar. Eu tinha um valor, devia ter sido 10 contos, para dar de entrada (CASAGRANDA, 2024).

Após a compra, Argentino trouxe o restante da sua mudança do Rio Grande do Sul, mas ainda não tinha casa para morar com a esposa e a filha de apenas oito meses. Novamente, Antônio Dalaio foi quem os acolheu e ofereceu

sua residência para que pudessem morar, onde ficaram por quase três anos até conseguirem construir sua própria casa.

O local escolhido para a construção da sua primeira casa foi próximo a uma sanga que passa pela colônia de terra de Argentino, pela facilidade de ter água disponível para lavar roupas, tomar banho e pescar, além de ter uma vertente de água para beber. Ele relata que, primeiramente, precisou derrubar o mato, o que demorou quase um ano, pois era uma mata fechada em um barranco com pedreira. Após isso, ele procurou novamente o vendedor das terras, Ampério Veronese, que havia oferecido patrocínio para a construção da casa, já que possuía serraria e caminhão, doando, assim, algumas madeiras serradas para Argentino.

A minha intenção era de fazer tabuinha, lascava, plainava com machadinho, mas eu achei difícil, porque para eu fazer essas madeiras dependia de carpinteiro. Eu pensei: ‘e se eu conseguir arrumar costaneira?’ que é o primeiro fio do pinheiro para começar a fazer a tábua, mas ela depende da época. Então, veio a madeira, ele (Veronese) me levou também as costaneiras até uma altura, depois foi puxada com carroça (CASAGRANDA, 2024).

A casa, conforme ele explica, tinha o assoalho e as paredes externas feitas de tábua, e a cobertura com costaneiras uma por cima da outra. Por dentro, devido a falta de madeira para fazer as paredes, utilizaram lençóis para dividir os cômodos e poder morar na casa nova. Argentino lembra com muito orgulho esse momento: “nós estávamos só em três, tinha a menina que já era nascida, ela veio com oito meses de lá (Rio Grande do Sul), eu acho que ela já entrou quase, para dizer de primeira, dentro da casa que nós, casal, fizemos” (CASAGRANDA, 2024).

Argentino morou nessa casa de costaneira por dois anos, até que cortou o mato no local onde tem construída sua casa até hoje. Para construir essa segunda casa, ele contratou um carpinteiro e também teve a colaboração de várias pessoas, que já haviam lhe ajudado anteriormente, para fazer buracos, socar, puxar madeira com a carroça que ele ainda não tinha na época, entre outros serviços. Os recursos para essa nova construção provinham das vendas de milho



e feijão que Argentino já cultivava, além de porcos e gado que ele criava. A maior parte dos gastos era com matéria-prima e com o empreiteiro, pois os vizinhos que o auxiliavam não cobravam nada, os serviços eram retribuídos quando eles precisassem, reforçando o espírito de comunidade que havia naquela época.

A escolha desse local para construir a casa também foi influenciado por uma fonte de água, que Argentino ressalta ser o principal motivo que o fez comprar essa colônia de terra, pois ela atravessa o asfalto, que torna-se um divisor de águas, e forma mais uma sanga do outro lado da BR-282, possibilitando a formação de um açude para cada lado, o que facilitou a criação dos animais que ele trouxe do Rio Grande do Sul. Com a venda de todos esses bens que ele possuía e das colheitas realizadas, Argentino conseguiu o dinheiro que precisava para construir a nova casa (Fotografia 2). Atualmente, ele conta que está tudo diferente, aumentou alguns pedaços, mas foi nessa residência onde criou sua família.

Fotografia 2 – Segunda e atual residência de Argentino Casagranda na comunidade de Santo Expedito



Fonte: Os autores (2024).

Argentino veio do Rio Grande do Sul com sua primeira esposa, Maria Albina Zanon (*in memoriam*) (Fotografia 3), com quem construiu uma família composta por seis filhos. Infelizmente, em um acidente trágico no retorno de uma viagem realizada ao estado gaúcho, Maria Albina perdeu a vida, um acontecimento lastimável na vida de Argentino, que precisou ser forte para cuidar sozinho dos seis filhos menores de idade, fazendo sempre o melhor que podia para criá-los em meio às dificuldades e a tristeza de perder precocemente sua esposa.

Fotografia 3 – Argentino Casagrande e sua primeira esposa, Maria Albina Zanon (*in memoriam*)



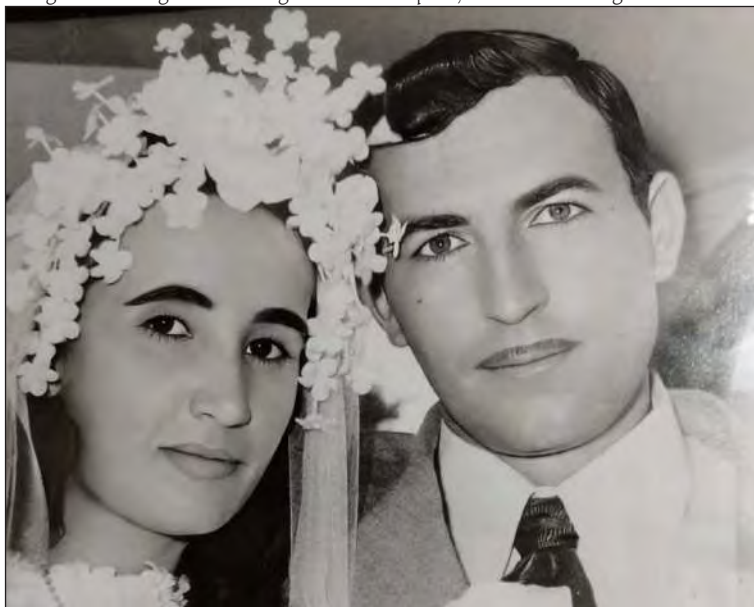
Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Algum tempo após esse período difícil em sua vida, Argentino conheceu a Fiorentina Casagrande (Fotografia 4), com quem casou-se e teve mais um filho anos depois. Desde o início, Fiorentina foi um alento na vida dessa família, assumindo os seis filhos de Argentino com Maria Albina como se fossem seus, ajudando a criar e educar. Juntos, o casal proporcionou as melhores condições



que conseguiram naquela época para seus filhos, os viram crescer, se casar e formar suas próprias famílias, sendo essa uma alegria imensa para os dois. Para Argentino, apesar das dificuldades enfrentadas ao perder sua primeira esposa, encontrar alguém disposta a viver junto a ele, assumir seus filhos e dar continuidade àquela família, foi uma felicidade imensa.

Fotografia 4 – Argentino Casagrande e sua esposa, Fiorentina Casagrande



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Sobre o início da formação da comunidade, Argentino menciona que já haviam se passado aproximadamente três anos desde que mudou-se, quando algumas famílias começaram a se reunir para formar de fato a comunidade. Ele cita que alguns desses fundadores foram famílias ou casais, como os Gava, Dionísio, Laurentino, Joselindo, Piro, Fanton, Dessanti, ele e a esposa, além de Antônio Dalaio, que havia feito uma promessa de colocar a imagem de Santo Expedito na igreja, mas ainda não tinha comprado o santo.

Onde hoje localiza-se a comunidade, Argentino conta que não existia nada, apenas mato e trechos onde faziam a derrubada, desmatando de 20 a 30 metros de cada lado do asfalto. Ele ainda narra que o terreno onde existe a igreja e o salão de festas foi doado por um Colombo, em uma situação inusitada:

Esse Colombo veio pra cá e comprou aquela terra, derrubou o mato, colhia, tinha madeira, deixou a estrada pronta e acertou de de vim com a mudança, a esposa e os filhos. Estavam levando a última carguinha quando aparece uma cobra, a mulher se assustou, diz que ela era comprida e estava atravessando a estrada. Ele inventou de ajudar a mulher dizendo: ‘não te preocupes com essa aí, essa aí é pequeninha!’ Ah, mas porquê? Ela desmaiou. Resultado da coisa, não descarregaram a mudança, a mulher não quis mais ficar. Levaram tudo de volta. Arrumou o mesmo freteiro que trouxe ele pra cá, mas terminou a verba e começou a vender tudo o que ele tinha, vendeu o painelão, um instrumento para tirar o pó e as impurezas dos grãos (CASAGRANDA, 2024).

Assim, a comunidade que tinha apenas a capelinha, começou a se organizar com as famílias citadas anteriormente e demais que demonstraram interesse nesse meio tempo. Eram cerca de oito famílias quando decidiram fazer uma roça para ter recursos com a venda dos cultivos e construir a igreja. Além disso, Argentino menciona que cada sócio deveria dar uma quantia em dinheiro, cerca de 2 ou 3 mil reais atualmente, e doar 300 tabuinhas para fazer a cobertura. “Enquanto produzia, nós se preparava para fazer a igreja com o que tinha, os cepos, as madeiras quadradas embaixo, fraquejada, tudo cortado a muque. Daqui de mim saiu duas ou três vigas, com as juntas de boi, para fazer a base”, lembra ele.

Segundo Argentino, quando a igreja finalmente estava pronta, a paróquia providenciou um padre, o padre Aurélio Canzi, para fazer a inauguração. Inicialmente, a comunidade era para ser batizada e ter como principal padroeira a Nossa Senhora da Salette, porém, próximo ao dia marcado para realizar a festa, ainda não havia chegado a imagem da santa. “O padre Aurélio, sabendo da história que ia ser uma promessa do Santo Expedito, diz: põe lá na igreja e



batizamos ele como padroeiro. Nossa Senhora da Salette veio um tempo depois e ficou como segunda padroeira”, diz Casagrande (2024).

Ele ainda relata que no início havia somente os catequistas e duas ou três mulheres encarregadas de cuidar da igreja. As missas eram realizadas pelo Padre Aurélio, que vinha de tempos em tempos, pois o transporte naquela época era a cavalo e ele precisava visitar outras comunidades da região, então se revezava aos finais de semana. Para suprir a ausência do padre, a comunidade rezava o terço, com algumas pessoas mais preparadas para conduzir as orações.

Apesar dessa união entre os sócios, Argentino lembra que houve um momento em que tornou-se necessário ter ministros na comunidade, pessoas interessadas e que tivessem um pouco de conhecimento no assunto. No início, ele e Honorino Dall Magro foram os primeiros ministros formados e autorizados pela Diocese, passando por um treinamento com freiras vindas de Chapecó.

Um dos motivos que levou Argentino a ser escolhido como ministro é porque ele foi seminarista quando era criança, estudou em um seminário no Rio Grande do Sul, por isso já tinha um embasamento maior para conduzir as celebrações na igreja. “Sim, eu tinha conhecimento. O pessoal sabia que eu era seminarista, eu estudei três anos no seminário, quase quatro. E ali aconteceu a formação e eu comecei a ser ministro. Meus domingos eram bons. Tem muita coisa dentro dos ministros, não é?”, ressalta ele.

Argentino sempre foi uma pessoa envolvida em questões públicas, desde o período em que estudou no seminário e, principalmente, depois que mudou-se para Santa Catarina. Além de atuar na formação da comunidade e ser o primeiro ministro da Eucaristia e da Palavra, também foi ministro de Batismo, batizando muitas crianças da comunidade e da região. Argentino também exerceu cargos importantes no âmbito municipal, sendo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Descanso, trabalhando como chefe de gabinete e assessor do prefeito na Prefeitura Municipal e até candidatando-se a vereador.

Isso reforça o interesse que Argentino sempre teve em ajudar o próximo, mesmo sem ter muito conhecimento e estudo, colocava-se à disposição de todos. Foi com essa atitude e preocupação com o ser humano que desempenhou diversas lideranças ao longo de sua vida, priorizando o desenvolvimento dos que estavam ao seu redor, da comunidade e do município.

Além dos trabalhos comunitários e na agricultura, Argentino também conta sobre os momentos de diversão, que para ele eram a caça e a pesca. Ele e alguns vizinhos caçavam vários animais na mata próximo da sanga e em viagens para o Rio Peperi como, por exemplo, pato, veado e porco do mato, contando com a companhia dos seus cachorros de caça.

Eu ia fazer uma vez por mês ou 40 dias, uma viagem no Peperi. Daí ficava uns dias lá caçando. O nosso tempo entre ir e voltar dava por aí a sete ou oito dias. Porque para ir nós levava dois dias, e pra voltar também, ou mais. Nós chegava lá sempre depois do meio-dia. Eu tive a oportunidade de matar uma anta e mais um par de bichos também. Trazia só a carne, mas tudo charqueada. Já tirava o couro, a carne dos ossos, ia pra salmoura. Nós ia preparado. E quando tava salgada a carne, ia pro fogo, mas precisa um dia e meio pra secar. Peixe, nem se fala, um eito. Chegava em casa, eu ia direto naquela casinha lá embaixo já. Tirava lá e espalhava de novo para não estragar (CASAGRANDA, 2024).

Mais do que uma diversão, essa era uma forma de subsistência para ele e para a família naquela época, pois normalmente as refeições eram baseadas em lambari que ele pescava na sanga perto de sua casa, com polenta que sua esposa preparava. “A falecida tocava a corneta (Fotografias 5 e 6), ela me chamava para casa às 11h30min e eu tinha a minha comida preparada: um pedacinho de polenta amassada, a mulher não tirava a polenta da calheira e eu já tinha um prato de lambari”, comenta Argentino. Ele ainda diz que era comprado somente sal, açúcar e temperos, pois o restante tinha em casa, além do moinho para fazer farinha de trigo e de milho.



Fotografia 5 – Corneta feita de chifre de boi, usada para se comunicar com quem estava na roça e também para chamar cães



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Fotografia 6 – Argentino demonstrando como a corneta é utilizada



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Em relação a meios de transporte e comunicação, Casagrande (2024) lembra que sempre teve cavalo, e a maioria dos moradores tinha este como único transporte naquela época. O primeiro carro da comunidade foi ele quem teve, o que possibilitou ajudar vários vizinhos, principalmente em casos urgentes como ir ao hospital. A primeira televisão e o primeiro rádio (que ele ainda guarda) também pertencem à Argentino, assim como o primeiro motor à gasolina (Fotografia 7). Ele ressalta que naquela época não tinha energia elétrica ainda, então a televisão funcionava a bateria, que precisava ser levada para a cidade onde tinha alguém que fazia o procedimento de recarregá-la. Por esta razão, o uso era muito restrito para durar mais tempo, e só se ligava nos horários em que passava o noticiário. Após um tempo e muita organização, por volta dos anos de 1977 e 1978, finalmente a comunidade recebeu acesso à energia elétrica.

Fotografia 7 – Primeiro motor à gasolina, ainda em funcionamento, que Argentino possui há mais de 60 anos



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.



Ao ser questionado sobre momentos marcantes na vida em comunidade durante esse período como fundador e sócio, Argentino afirma que a principal lembrança, sem dúvidas, foi a inauguração da comunidade e do Santo Expedito sendo identificado como padroeiro. Ele ainda destaca que todas as festas são memoráveis, pois “quando tem uma festa, a comunidade é envolvida, pais e mães, jovens, e sempre pegamos gente de fora também para ajudar a trabalhar. Tem muitos aqui que são fundadores, mas se dedicam muito em manter a comunidade”, afirma ele.

Durante a trajetória de Argentino, ao lado de sua esposa Fiorentina Casagranda, nesses mais de 66 anos de comunidade, alguns instrumentos foram essenciais para eles, os quais guardam com muito carinho ou continuam utilizando no dia a dia, como por exemplo a polenteira (Fotografia 8), ainda utilizada pela Fiorentina, o rolo para espichar massa e sovar pão (Fotografia 9), a máquina de moer uva (Fotografia 10), totalmente artesanal, feita em madeira, utilizada pelo Argentino para fazer vinho com as uvas produzidas no seu parreiral ou compradas no Rio Grande do Sul, a máquina de moer carne (Fotografia 11), a peneira para limpeza de grãos como o feijão (Fotografia 12) e a máquina de costura com pedal (Fotografia 13), usada até hoje pela Fiorentina.

Fotografia 8 – Polenteira ainda utilizada



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Entre histórias, culturas e memórias: *O legado da comunidade de Santo Expedito*

Fotografia 9 – Rolo para massas, feito de madeira



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Fotografia 10 – Máquina de moer uva, feita artesanalmente em madeira



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.



Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 11 – Máquina de moer carne



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Fotografia 12 – Peneira para limpeza de grãos



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Fotografia 13 – Máquina de costura com pedal



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Eles também guardam objetos com apreço afetivo, como a primeira mala de viagem que Argentino teve e trouxe sua mudança do Rio Grande do Sul (Fotografia 14), um jogo de louças em porcelana que receberam de presente de casamento (Fotografia 15), uma cama de bebê (Fotografia 16) feita em madeira pela Fiorentina, além de um chapéu de palha de trigo (Fotografia 17), dentre os vários que foram produzidos com o trigo plantado e colhido pela Fiorentina, que posteriormente trançava a palha para fabricar os chapéus de diversos tamanhos e formatos.



Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 14 – Primeira mala de viagem de Argentino



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Fotografia 15 – Jogo de porcelana, presente de casamento de Argentino e Fiorentina



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Fotografia 16 – Cama de bebê feita em madeira pela Fiorentina



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Fotografia 17 – Chapéu de palha de trigo (produto feito com trigo plantado e trançado a palha por Fiorentina)



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Ademais, Argentino ressalta o valor do espírito da vivência em comunidade, que infelizmente vem se perdendo ao longo do tempo com as



novas gerações, mas afirma que nunca sentiu vontade de voltar para sua terra natal no Rio Grande do Sul.

Nunca pensei, porque a minha vida começou aqui. Começou o primeiro dinheirinho junto com um tio meu, que trabalhei com ele por dois anos. Então eu trabalhava para mim e ajudava ele. Queira ou não queira, não quero me gloriar, mas eu fui bem, como fui mal também. Nunca me faltou dinheiro. A família foi unida. Tive a oportunidade de socorrer, ajudar quem precisava (CASAGRANDA, 2024).

A importância de Argentino para a fundação e desenvolvimento da comunidade de Santo Expedito é fundamental e exemplar, assim como suas atitudes solidárias com os vizinhos, que retribuíram em momentos difíceis da vida dele. Ao lado de sua esposa, Fiorentina (Fotografia 18), construíram uma bela história e formaram uma família sempre participativa no âmbito comunitário.

Fotografia 18 – Argentino e sua esposa, Fiorentina



Fonte: Os autores (2024).



CAPÍTULO 3

ENTRE O ONTEM E O HOJE: O CONTINUAR DA
HISTÓRIA

Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 1- Inês Casagrande Maziero



Fonte: Os autores (2024).



INÊS CASAGRANDA MAZIERO

Bianca Leocadia Dreyer, Ketlin Maria Amann, Letícia Klein Haas

Inês Casagrande Maziero (Fotografia 1) reside atualmente na comunidade de Santo Expedito, no município de Descanso, SC. Filha de Argentino Casagrande e Maria Albina Zanon Casagrande, nasceu no dia 14 de fevereiro de 1965. Atualmente é aposentada, mas por anos foi agricultora e merendeira. Em 1998 iniciou seu trabalho como merendeira nas escolas do município de Descanso, trabalhando por dezenove anos, sendo que destes, oito anos trabalhou na Escola Deputado Leoberto Leal da comunidade de Santo Expedito.

Com família oriunda do Rio Grande do Sul, Inês nasceu na comunidade de Santo Expedito. Depois de se casar com seu atual esposo, residiu por 13 meses na casa de Neuri e Marilene Maziero, e após este período foram morar no bairro São Sebastião no município de São Miguel do Oeste, SC (atual Linha Juvêncio), onde já haviam adquirido uma área de terra. Pouco tempo depois, fizeram a venda dessas terras onde residiam com o Priori, e conseguiram adquirir as terras em que moram atualmente e pertenciam a Pascoal Colombo.

Além disso, Inês ressalta que sua primeira residência foi na casa que já existia na propriedade (Fotografia 2), morando nela por 16 anos. A edificação foi construída por volta do ano de 1959, se assemelhando ao mesmo período de criação da comunidade. Já a BR 282 que passa nas proximidades da residência foi executada aproximadamente no ano de 1974.

Fotografia 2- Primeira residência de Inês Casagrande Maziero, após se casar



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

A casa supracitada era em sua totalidade de madeira, mais precisamente de madeira de pinheiro, e possuía 3 andares, sendo: porão, residência e sobrado, e a cobertura era com telha de zinco, afirma Inês.

De acordo com a entrevistada, as primeiras famílias a residirem na comunidade de Santo Expedito foram as famílias de Aurélio Gava, João Bernardi, Pascoal Colombo, João Sirtoli e Antonio Dalaio. Essas famílias residiam no estado do Rio Grande do Sul, em uma comunidade denominada de Linha Salete. A partir do nome da comunidade em que moravam originalmente esses colonizadores, e da vinda dessas famílias à região em questão, a ideia inicial dos pioneiros foi nomear a nova comunidade como Linha Salete. No entanto, no dia da inauguração da igreja na atual comunidade, a imagem representativa de Salete ainda não havia chegado. Deste modo, Antônio Dalaio que possuía em casa uma imagem de Santo Expedito, a ofereceu para possibilitar a inauguração da comunidade, porém, com o nome de Santo Expedito. Com isso, quando a imagem de Nossa Senhora Salete chegou, dias depois, tal santa ficou designada como “segunda” santa da comunidade.



Em relação às primeiras edificações da comunidade, a entrevistada relata que a primeira igreja foi construída nas terras de Pascoal Colombo, em um espaço por ele doado (Fotografias 3 e 4). Além da igreja, foi executado um salão com cancha de bocha e churrasqueira (Fotografias 5 e 6). Porém, após a construção da BR 282, essas edificações históricas precisaram ser demolidas e reconstruídas no outro lado na BR (Fotografias 7 e 8). Durante a construção da BR 282, Inês cita que nem todas as famílias foram indenizadas, inclusive a dela, pois em muitos casos as procedências de ressarcimento já haviam sido concretizadas.

Fotografias 3 e 4 - Espaço onde existia a primeira igreja



Fonte: Os autores (2024).

Fotografias 5 e 6 - Espaço onde existia o primeiro salão da comunidade, com cancha de bocha e churrasqueira



Fonte: Os autores (2024).

Fotografias 7 e 8 – Segunda igreja e salão comunitário



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Quanto à escolaridade, a entrevistada cita que inicialmente as aulas eram realizadas dentro da primeira igreja, e com o passar do tempo foi construída a primeira escola (Fotografia 9), porém, com a passagem da BR 282, ela precisou ser demolida por estar muito próxima a referida BR. A partir de tal episódio, foi executada a escola Deputado Leoberto Leal perto da posição da segunda igreja da comunidade, na qual Inês atuou como merendeira por oito anos.



Fotografia 9 – Primeira escola, construída perto da BR 282



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Para a construção das primeiras casas, Inês ressalta que existia o auxílio dos demais vizinhos, como um mutirão, trocando dias de serviço, já os materiais eram comprados em São Miguel do Oeste como, por exemplo, pregos e madeira serrada, e usavam pequenas madeiras para a cobertura. A aquisição das terras ocorria através da troca de propriedades, ou com pagamento em dinheiro. Outrossim, as casas geralmente eram frias, e as famílias que tinham maior poder aquisitivo conseguiam construir suas casas com melhor qualidade. A posição dessas edificações era próxima a fontes de água, sendo que a água para uso próprio nas residências provinha de poços naturais.

Naquela época os principais meios de transporte eram carroça e cavalo, portanto, quando alguém adoecia ou quando havia algum enfermo na família, se tornava mais fácil o médico ir até a casa para fazer o tratamento necessário, ou se direcionava até um ponto específico da comunidade onde utilizavam o transporte por um jeep. O pai de Inês, Argentino Casagrande, foi o primeiro adquirente de um veículo na comunidade, sendo uma caminhonete Willys.

O rádio era o principal meio de comunicação, não existia celular ou outras formas de se comunicar com as pessoas. Portanto, as visitas a domicílio eram frequentes, feitas geralmente a pé, tendo em vista as poucas alternativas de transporte. Ademais, a reza do terço em grupos era um diferencial, sendo que cada semana se realizava na casa de uma família.

A base econômica das famílias girava em torno da agricultura, especialmente através do cultivo de feijão, milho e soja, bem como por meio da criação de porcos. No caso do trigo, após o seu cultivo, era moído em um moinho que se localizava a quilômetros de distância, sendo que o tempo de ida e volta até lá demorava cerca de um dia e meio. Após a colheita e tratamento específico das commodities, havia a comercialização dessas matérias-primas, sendo que a venda de tais produtos ocorria para comerciantes do município de São Miguel do Oeste, dentre eles Aquiles Priori e Daniel Baldissera. Esses comerciantes iam até a propriedade para pegar os produtos. Ainda, parte dos produtos colhidos eram consumidos pela própria família produtora, e para a conservação desses alimentos existiam caixas grandes em madeira, que possuíam divisórias, possibilitando a organização e armazenamento.

Mesmo com o trabalho árduo e cansativo, Inês e sua família ainda encontravam momentos de lazer, através dos costumes e tradições culturais daquele período. Segundo a entrevistada, as famílias comumente se faziam presentes no tradicional culto da igreja católica da comunidade aos domingos de manhã, e terços no domingo à tarde. Também havia o costume de todos se deslocarem até a igreja para ouvir a missa através do rádio, sendo esse, um dos primeiros acessos a comunicação. Para diversão, praticavam esportes como bocha rolada, na qual a nomeada cancha, onde são realizados os jogos, era feita de terra. Como exemplo de outros esportes destaca-se a rinha de galo e corrida de cavalo, e os homens muitas vezes iam para a “bodega” jogar baralho, enquanto as mulheres costumavam visitar suas vizinhas.



Seguindo o contexto acerca das festividades marcantes da comunidade, Inês menciona que pelo fato da comunidade de Santo Expedito possuir dois santos padroeiros, ocorriam duas festas anuais, sendo uma em honra a Santo Expedito e outra em honra a Nossa Senhora da Salete. Tais festas eram baseadas na celebração pela parte da manhã (momento religioso), almoço com churrasco e acompanhamentos, e na parte da tarde matinê.

Outrossim, através de vários anos de moradia na comunidade, Inês carrega consigo muitos fatos e histórias marcantes que culminaram na base histórica da Linha Santo Expedito. Dentre esses episódios, a entrevistada cita um temporal ocorrido no ano de 1965, quando ela tinha 3 meses de idade, onde toda a sua casa foi levada pelo vendaval. Na ocasião, um quadro havia caído em cima dela que estava no berço, e seus irmãos foram arrastados pelo vento. Além da casa, o galpão também foi levado pelo vendaval, juntamente com o estoque de trigo da família. Após o ocorrido a casa foi reconstruída com os restos de materiais encontrados na localidade.

Outro evento marcante para Inês foi o acidente envolvendo um ônibus de Santo Cristo (Rio Grande do Sul) e uma carreta carregada de madeira, que culminou na morte de 29 pessoas, no dia 5 de março de 2011, no trecho da BR 282 em frente à sua casa (Fotografia 10). Segundo ela, sua família estava dormindo e por volta das 3h:15min acordaram com um grande estrondo. Já desconfiados de um possível acidente, inicialmente buscaram identificar o que havia ocorrido. Apesar da dificuldade de visão, foi verificado um expressivo acúmulo de madeira e destroços em seu quintal, e a presença de feridos (Fotografias 11 e 12). Sua família, assim como a de outros membros da comunidade, não mediram esforços para ajudar as pessoas que estavam precisando de auxílio. Devido à dificuldade de acesso de viaturas e ambulâncias até o local, muitos indivíduos foram encaminhados até o hospital através do carro da família. Inês relembra como foi difícil esse momento e o quão difícil foi resgatar os acidentados. Atualmente, nas margens da BR 282, encontra-se fixado um memorial em homenagem às pessoas que faleceram no referido acidente (Fotografia 13).

Entre histórias, culturas e memórias: *O legado da comunidade de Santo Expedito*

Fotografia 10 – Acidente na BR 282 no ano de 2011



Fonte: Globo.com (2024).

Fotografias 11 e 12 - Local onde foram encontradas pessoas feridas e restos de madeira



Fonte: Os autores (2024).

Fotografia 13 – Memorial das pessoas falecidas no acidente de 2011



Fonte: Os autores (2024).



Além dos eventos marcantes citados, Inês possui objetos e instrumentos antigos que lembram a história da comunidade de Santo Expedito e o modo como as famílias viviam, que são guardados com muito carinho e apreço (Fotografias 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 e 31).

Fotografia 14 – Chaleira de ferro com mais de 100 anos



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Fotografia 15 – Fumegador para passar veneno e fazer fumaça



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 16 – Ferro de passar roupas



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Fotografia 17 – Máquina de costura



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.



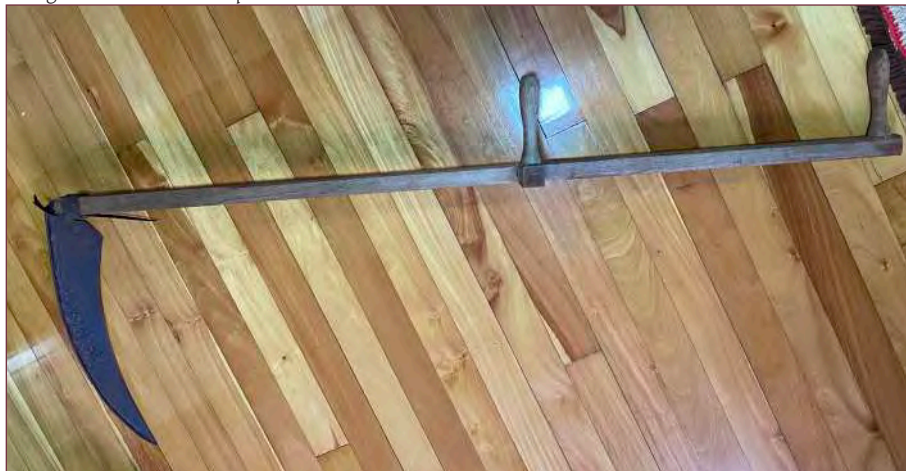
Entre histórias, culturas e memórias: *O legado da comunidade de Santo Expedito*

Fotografia 18 – Rebolo (usado para afiar ferramentas)



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Fotografia 19 – Gadanha para cortar aveia



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 20 – Tacho (conhecido também como “brondo”)



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Fotografia 21 – Pipa de madeira para
armazenamento de vinho



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.





Fotografia 22 – Pote de madeira utilizado na igreja



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Fotografia 23 – Bocha confeccionada em madeira



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.



Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografias 24 e 25 – Suportes para vela



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Fotografia 26 – Pilão de madeira usado para descascar o arroz



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.





Fotografia 27 – Cesta de vime utilizada para a colheita de uva



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Fotografias 28, 29 e 30– Bomba d'água (com torneira)



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.



Fotografia 31 – Ferro de passar roupas (à brasa)



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Contudo, a partir da trajetória de vida de Inês Casagrande Maziero e suas vivências, é possível compreender grande parte da história da comunidade de Santo Expedito, aos olhos de uma mulher batalhadora e que carrega consigo o carisma e alegria em dividir seus conhecimentos com aqueles que buscam aprofundar suas bases históricas. Inês, é fonte de força, e também de dedicação a sua comunidade acolhedora.



CAPÍTULO 4
ENTRE AS GERAÇÕES: O PRESENTE DE UM
PASSADO VIVO

Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 1 – Vilmar Carlos de Britto acompanhado de sua esposa Izalete de Britto



Fonte: Os autores (2024).



VILMAR CARLOS DE BRITTO

Cristiane Rodrigues da Silva, Giseli Prudente, Gilbran Brauner Moreira

Vilmar Carlos de Britto, nascido em 31 de dezembro de 1966, é um dos 13 filhos de Olívio Alzemiro de Britto e Lúcia de Britto. Com 57 anos, ele é um membro ativo da comunidade de Santo Expedito, onde passou grande parte de sua vida. Ao longo de sua trajetória, Vilmar desempenhou diversas funções profissionais, incluindo trabalhos na agricultura, granjas, frigorífico e em uma fábrica de móveis. Ele também dedicou-se ao cuidado de seus pais nos últimos anos de vida e, atualmente, está aposentado e gerencia as atividades rurais em sua propriedade, ao lado da esposa Izalete de Britto (Fotografia 1).

Embora tenha passado cerca de 16 anos longe da casa de seus pais na comunidade, em busca de novas oportunidades para sua vida, Vilmar sempre se sentiu pertencente àquele local, para onde retornou há mais de 30 anos. A ocupação da família de Britto na região começou há mais de 60 anos, quando seu pai, Olívio de Britto, adquiriu terras e estabeleceu-se junto com outras 12 a 13 famílias pioneiras que fundaram a comunidade. Vilmar conta que lembra da história a qual originou o nome da comunidade, onde, inicialmente, os fundadores pretendiam adotar Nossa Senhora da Salette como padroeira, mas acabaram escolhendo Santo Expedito, cuja imagem já estava disponível no momento da inauguração da capela, deixando a Santa como segunda padroeira.

Os pioneiros eram da comunidade Nossa Senhora Salette, no Rio Grande do Sul. Eles vieram com a intenção de pôr também Nossa Senhora da Salette. E na época, quando teve todo o trabalho feito já, organizado para se fazer a comunidade, dar o pontapé inicial com o padroeiro, ela não chegou a tempo. Na época tinha que encomendar e vinham vindo, não era assim um transporte rápido como hoje (BRITTO, 2024).

Desde então, a festividade religiosa em torno de Santo Expedito se tornou um marco cultural na vida da comunidade, comemorada todo ano no dia de Páscoa, enquanto a festa em honra à Nossa Senhora da Salete é realizada em setembro. Na Fotografia 2, tem-se o registro de uma das primeiras festas da comunidade, que se destaca pela simplicidade e pelo espírito de cooperação. Vilmar ressalta que o churrasco era o ponto alto do evento, seguido de momentos de lazer que incluíam música de gaita e violão, além de jogos tradicionais como o 48, bocha rolada e o jogo do cavalinho.

Fotografia 2 – Pessoas reunidas ao redor da mesa em uma das primeiras festas da comunidade



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Sobre o que lembra da base econômica nos anos em que a comunidade iniciou-se, Vilmar relata que era essencialmente agrícola, com o domínio do plantio de grãos como o milho, feijão, arroz e soja, sendo realizada a comercialização desses produtos em cidades próximas como São Miguel do Oeste, Descanso e Mondaí, já que as cooperativas locais ainda não estavam



estabelecidas. A criação de suínos também era uma atividade importante, com a venda dos animais sendo feita diretamente a comerciantes locais.

A solidariedade, amizade, valorização e o trabalho coletivo eram os pilares que sustentavam a economia e o desenvolvimento local. O entrevistado relembra que as colheitas, construções de casas e festividades religiosas eram realizadas com a participação de todos os membros da comunidade, sem trocas financeiras, onde cada família contribuía de acordo com suas capacidades. “Cada um, com um pouquinho de valores, dividiam para começar a comunidade, pra começar a construir. A comunidade partilhava e fazia”, comenta ele. Esse espírito de cooperação criou um forte senso de pertencimento entre os moradores, embora ele lamenta que esse sentimento tenha diminuído com o tempo, à medida que o individualismo foi aumentando.

De acordo com ele, as primeiras construções da comunidade foram feitas com materiais retirados da mata local, principalmente com madeiras como Grápia, Guajuvira e Cabriúva, conhecidas por sua durabilidade. As casas eram cobertas por “tabuinha” e estruturadas com vigas de madeira, muitas das quais permanecem em uso até hoje. Vilmar menciona que sua própria casa (Fotografia 3) ainda conserva as vigas originais daquele período, apesar de ter passado por reformas. A construção das casas seguia critérios práticos, como proximidade de fontes de água para ter o abastecimento das residências e chiqueiros por desnível, o posicionamento dos telhados com o oitão contrário aos ventos oriundos de temporais, e sem muita preocupação com aspectos estéticos ou exposição solar.

Fotografia 3 – Residência de Vilmar Carlos de Britto



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Vilmar ainda guarda e faz uso de alguns instrumentos utilizados na época para derrubar a mata e limpar as colônias para construir e plantar. Ele explica que o trabalho era todo manual, não existia motosserra, por exemplo, e devido a essas dificuldades, o trabalho coletivo e a união da comunidade tornava-se ainda mais importante. “Vinha um morador novo, todos ajudavam. Ele sempre era bem-vindo e o pessoal ajudava desde a colheita. Eu lembro que nós éramos uma família grande, uns sete ou oito filhos, com 12, 13 anos já podia ajudar todo mundo”, menciona ele.

Conforme Vilmar os instrumentos mais utilizados eram (Fotografia 4, descritos da esquerda para a direita): o serrote para cortar as árvores e fazer lenha, que era utilizado em duas pessoas, uma puxando de cada lado; a foice para roçar e preparar as lavouras para receberem o plantio; o sino, que colocavam no gado para saber onde eles estavam, já que os poteiros tinham bastante mato fechado; o machado, também usado para derrubar a mata e cortar lenha; a enxada para capinar as roças; o trado, que tem a mesma funcionalidade de uma furadeira, porém manual; a foicinha, usada principalmente para a colheita de trigo; e a broca, que é semelhante ao trado.



Fotografia 4 – Instrumentos manuais utilizados no início da colonização da comunidade



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Além do auxílio entre os membros da comunidade nas construções e colheitas, Vilmar ainda lembra das trocas de alimentos que eram realizadas entre os vizinhos, principalmente da carne, já que a energia elétrica chegou apenas no ano de 1986. Como não havia geladeira, a carne era guardada frita na banha, e o compartilhamento entre os vizinhos evitava que ela estragasse ou que passasse muito tempo sem as famílias tê-la para consumir. Ele também recorda que faziam açúcar de cana, melado e o consumo de frutas era abundante na época. Uma lembrança gastronômica marcante que ele relata é o pão que sua mãe fazia:

O pão que a mãe fazia era misturado. Era um pão de milho. Então ela botava mistura dentro, batata doce, quando não tinha batata doce era o inhame, nós tinha muito inhame na época aqui, por causa da umidade, das roças. Ela ralava a batata doce e fazia tudo junto, fazia uma mistura com pão de milho. Eram fornadas, porque nós éramos uma turma grande. Era o forte, junto com o feijão e o arroz. Isso era o sagrado (BRITTO, 2024).

A chegada da energia elétrica à comunidade, segundo Vilmar, gerou mudanças profundas para a vida dos moradores, tanto para a iluminação, conservação dos alimentos e aquecimento da água, facilitando o dia a dia

das famílias e proporcionando certas comodidades. Antes disso, eles usavam lamparinas a querosene e velas para iluminação, mas isso não impedia de ficar até tarde da noite na casa de vizinhos com longas conversas, algo que Vilmar lamenta que tenha se perdido nos últimos anos devido ao acesso e facilidade de se comunicar por celulares.

Ao longo do tempo, a infraestrutura básica da comunidade foi evoluindo, no entanto, Vilmar descreve como eram as dificuldades no início, com a presença de doenças comuns principalmente entre as crianças, como o sarampo, varicela, pneumonia e coqueluche, além do acesso limitado a hospitais, sendo que o deslocamento até a unidade mais próxima, quando necessário, era feito a pé, a cavalo ou, em raras ocasiões, de carro. Os partos eram realizados por uma parteira que atendia a região e ia até as casas das famílias, ao que Vilmar relata: “A minha mãe teve 12 filhos em casa, a última que foi para o hospital, senão, era sempre em casa. Se desse algum problema mais grave, era bastante difícil, porque ninguém tinha na época um carro para se deslocar em busca de um recurso”.

Com relação à escolaridade, Vilmar conta que estudou até a quarta série em uma escola na Linha Aparecida, onde ia a pé com seus irmãos e estudavam todos juntos, da primeira à quarta série. Mais tarde, Vilmar tentou concluir os estudos, porém, continuou até a oitava série somente. Mesmo assim, ele considera que aprendeu o básico para a vida. De acordo com ele, seus pais não frequentaram a escola, mas sabiam ler, escrever e fazer alguns cálculos, principalmente seu pai: “Ele era incrível, somava na cabeça. Pra passar a perna nele, não dava”, menciona Vilmar.

Sobre a primeira escola que havia na comunidade, Vilmar lembra apenas das campanhas de vacinação que eram realizadas naquele local. Ele relata que dentre os professores que atuaram naquela época estavam Marilene Maziero (membro da comunidade), e que alguns anos depois foi construída a escola próxima a posição da atual igreja da comunidade, onde seu filho estudou por dois anos. Ele destaca que o modelo de ensino era diferente, as turmas eram



separadas por fila em uma mesma sala de aula, com apenas uma professora para ensinar os alunos das quatro turmas (da primeira até a quarta série).

Um evento marcante citado com carinho por Vilmar ao relembrar sua infância na comunidade, foi a presença dos missionários Capuchinhos que desempenharam um papel importante promovendo a união das famílias e ajudando a resolver conflitos. “Eu nunca esqueci, eu era criança, tinha oito ou nove anos na época, mas foi muito marcante. Eles fizeram a celebração, foi feita uma confraternização, e isso foi uma coisa que deveria existir mais vezes”, comenta ele.

Outro momento que Vilmar considera especial para sua família foi o casamento duplo de seu pai e seu tio, ambos celebrados ao mesmo tempo. Na Fotografia 5 observam-se os noivos e seus convidados em cima de um caminhão, que transportava todos para a celebração, uma prática que já era comum no Rio Grande do Sul e foi trazida para a comunidade de Santo Expedito.

Fotografia 5 – Caminhão transportando os noivos e seus convidados para a celebração



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Após o casamento de seus pais, Vilmar relata que os dois se mudaram para essa região que estava sendo colonizada na época. Apesar de ter muita mata fechada, seu pai, Olívio de Britto, se interessou pelas terras devido a abundância de água que ele, como explorador, descobriu. “O pai tinha o dom de explorar água, veio com a forquilha de pêssego e viu que aqui tinha, então ficou. Ele ajudou muita gente fazendo isso, explorando água. Na época, quando tinha bastante áreas secas, o pessoal vinha buscar ele para achar água”, diz Vilmar. Logo após se estabelecerem no local, Olívio e Lúcia tiveram os primeiros filhos gêmeos.

Esse dom de Olívio contribuiu, anos mais tarde, para a construção de um poço comunitário, oferecendo água de suas terras para a comunidade, após um longo período de escassez. Com a ajuda da prefeitura, o poço foi construído, o que garantiu o abastecimento da comunidade de Santo Expedito e se tornou um recurso essencial utilizado até os dias atuais. Embora a água do poço seja fornecida sem custo, os moradores se reúnem para cobrir os gastos de manutenção, quando necessário. “O pessoal se organiza para o que for preciso”, explica Vilmar, ressaltando que esse espírito de colaboração ainda prevalece, pois é necessário preservar esse recurso para as futuras gerações.

Ao longo de todos esses anos, Vilmar e seus pais guardaram diversas recordações de eventos importantes para a comunidade e para a família De Britto. Como exemplo, pode ser citada a Fotografias 6 e 7 na qual observam-se os primeiros ordenados a ministros da comunidade, Argentino Casagrande e Honorino Dall Magro, que receberam o ordenamento do bispo Dom José Gomes.



Fotografia 6 – De óculos observa-se o Bispo Dom José Gomes, a sua esquerda o Padre Célio, e os dois homens da direita são Honorino Dall Magro e Argentino Casagrande, respectivamente



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Fotografia 7 – Ordenação dos primeiros ministros da comunidade, Honorino Dall Magro e Argentino Casagrande



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Após voltar a residir na comunidade, Vilmar também iniciou sua trajetória como ministro, no ano de 2005, e permanece até hoje. “A gente luta para a comunidade, busca que a comunidade fique unida, sempre, porque sabemos que têm muitos desafios para manter o pessoal ativo, para ver as pessoas participando”, afirma Vilmar.

A Primeira Eucaristia também era um momento de grande importância para todos, pois era uma passagem muito significativa para as crianças que iniciavam sua jornada na vida comunitária. Na Fotografia 8, estão presentes os três irmãos mais velhos de Vilmar (Valdir, Valéria e Valério) em sua cerimônia de Primeira Eucaristia, orientados por Marilene Maziero e José Gava, que eram os catequistas da turma.

Fotografia 8 – Cerimônia de Primeira Eucaristia de Valdir, Valéria e Valério, irmãos de Vilmar



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Vilmar também relembra de quando surgiu o primeiro Grupo de Mães de Santo Expedito (Fotografia 9), onde todas as mulheres da comunidade se uniram para participar. Entre elas, estavam sua falecida avó (sentada à direita



da imagem), nona Dall Magro (sentada segurando um objeto), sua mãe Lúcia de Britto (acima da nona Dall Magro), Zulmira Fanton (em pé à direita de calça), Aurora Gava Dessanti (próxima a porta da igreja), Tercília Gava (em pé a esquerda usando um vestido e Zilma Chaparin (em pé à direita de saia). As mães de comunidades vizinhas, como Linha Aparecida, Linha Colorado, Linha Alegre e Sanga Curta, também se uniram para manter a comunidade unida e ativa, pois a união era essencial para o crescimento e sobrevivência da comunidade.

Fotografia 9 – Primeiro Grupo de Mães da comunidade de Santo Expedito



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Além da vida religiosa, o lazer sempre teve um papel significativo na vida da comunidade. Jogos como bocha e futebol eram populares, e Vilmar destaca que o futebol, que havia perdido um “pouco de espaço”, está sendo redescoberto pelas novas gerações. Em contrapartida, os jogos de cartas continuam sendo uma forma comum de socialização, proporcionando momentos de descontração, principalmente entre os homens.

A música também teve um papel fundamental na animação das festividades e na cultura local, tanto é que, em festas, casamentos e outros

eventos sociais na comunidade e região, ela sempre se fazia presente (Fotografias 10 e 11).

Fotografia 10 – Grupo de Idosos Cristo Rei de Descanso na qual Olívio de Britto e Neuri Maziero eram os responsáveis pela atração musical



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Fotografia 11 – Animação de uma festividade ao som de gaita e violão



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.



As festividades em honra ao padroeiro Santo Expedito e a padroeira Nossa Senhora Salete, bem como outras comemorações, dentre elas risoto no tacho e festas juninas, ainda são ocasiões especiais que envolvem toda a comunidade. Esses eventos são planejados com antecedência, e o preparo de pratos típicos, como o churrasco, é uma tradição que se mantém viva.

A família de Vilmar também mantinha tradições importantes, como a reunião anual de parentes em sua casa (Fotografias 12 e 13). Esses encontros, realizados sob as árvores, eram uma oportunidade para fortalecer os laços familiares e encontrar quem mora em outras cidades ou estados.

Fotografia 12 – Encontro da família e amigos de Vilmar Carlos de Britto



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

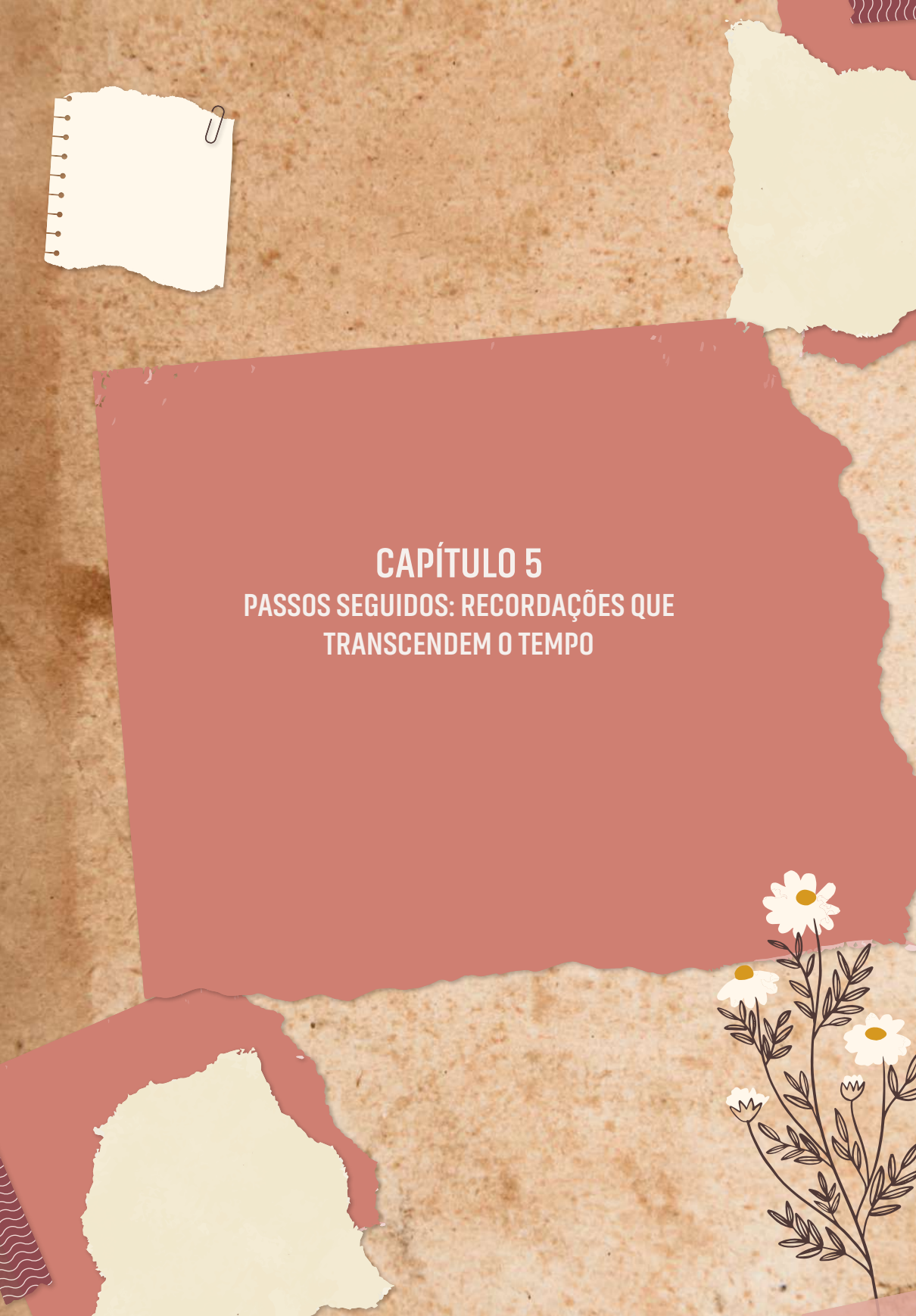
Fotografia 13 - Encontro da família e amigos de Vilmar Carlos de Britto



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

A vida de Vilmar Carlos de Britto e Izalete de Britto na comunidade de Santo Expedito reflete os valores de solidariedade, união e preservação das tradições que moldaram a identidade local. Sua dedicação como ministro, sua participação nas atividades comunitárias e seu compromisso com a manutenção das tradições, como a construção do poço comunitário e o fortalecimento do esporte, são um testemunho de sua contribuição para a continuidade da história e da cultura da comunidade.





CAPÍTULO 5

PASSOS SEGUIDOS: RECORDAÇÕES QUE
TRANSCENDEM O TEMPO

Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 1 – Alfredo José Dessanti



Fonte: Os autores (2024).



ALFREDO JOSÉ DESSANTI

Anna Carolina, Birck, Eduarda Stefani Ventura, Tamara de Mello Banfi,
Marcelo Roveda, Rafael Albaneze

Alfredo José Dessanti (Fotografia 1), nascido em 16 de maio de 1960, é filho de Severino Dessanti e Aurora Gava Dessanti. Natural de uma família simples, Alfredo cresceu em meio a valores sólidos e em um ambiente dedicado ao trabalho. Ao longo de sua vida, desempenhou diversas atividades, mas sempre esteve ligado à terra, inicialmente como agricultor. Foi no campo que ele passou boa parte de seus anos de vida, aprendendo com o pai as técnicas e os cuidados necessários para lidar com a terra e produzir alimentos.

Com o passar do tempo, Alfredo decidiu diversificar sua atuação profissional. Em busca de novas oportunidades, ele abriu um mercado localizado na rodoviária do município de São Miguel do Oeste, SC, onde conseguiu conectar pessoas de diferentes locais, fornecendo produtos essenciais para os viajantes e a comunidade local. Essa fase da vida foi marcada pela intensa dedicação ao comércio, onde além de atender seus clientes com simpatia e atenção, buscava oferecer constantemente qualidade em seus produtos.

Atualmente, Alfredo está aposentado, após anos de trabalho árduo. A aposentadoria representa, para ele, um período de merecido descanso, mas também de reflexões sobre suas conquistas e realizações. Mesmo afastado da rotina agitada do mercado e das atividades no campo, ele mantém o espírito trabalhador e a ligação com suas raízes, sempre cultivando os valores de honestidade, esforço e compromisso que aprendeu desde cedo com sua família.

Esse legado familiar, que começa com seus pais, Severino e Aurora, é uma parte fundamental da sua história. Eles foram figuras importantes em sua formação, transmitindo a ele não apenas o conhecimento sobre a terra e o trabalho, mas também princípios de vida que o acompanharam ao longo de toda sua trajetória profissional e pessoal.

Alfredo José Dessanti vive na comunidade de Santo Expedito há 64 anos, desde quando seus pais decidiram se mudar para a região. Ele nasceu em maio de 1960, e com apenas seis ou sete meses (Fotografia 2), sua família se mudou de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, para sua localidade atual. A mudança ocorreu por volta do dia 23 de dezembro de 1960.

Fotografia 2 – Alfredo José Dessanti criança



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

A decisão de vir para a região foi influenciada pelos seus avós maternos. Sua mãe iniciou um relacionamento à distância com seu pai, trocando cartas até que se casaram. Alfredo relembra como essa história familiar moldou suas raízes na comunidade em que vive até hoje.

Na época em que sua família se mudou para a nova comunidade, o transporte e a comunicação eram muito mais limitados do que na atualidade.



O principal meio de transporte era a carroça, pois não havia outros recursos disponíveis. Para realizar a mudança de Passo Fundo até a nova cidade, eles viajaram em um caminhão, acompanhados de outra família de mesmo parentesco. A mudança envolveu poucos participantes, considerando o tamanho do veículo utilizado, e pela simplicidade da época, levaram poucos utensílios essenciais para começar a nova vida.

A base da economia local era predominantemente a agricultura. Todas as atividades giravam em torno do cultivo de alimentos. Naquele período, plantavam principalmente milho e feijão, e, posteriormente, cultivaram soja, embora no início isso não fosse comum na região. Tal produção agrícola era, em partes, para o próprio consumo familiar.

A derrubada do mato era de foice, machado e serrote. O trabalho era pesado e árduo, e necessitava da ajuda de vizinhos para derrubar as árvores. Na época era comum realizar as queimadas para depois plantar, e o plantio também era manual, bem como a colheita. O milho era carregado em cestos nas costas e levado até a carroça. “Tudo era muito difícil e sofrido, mas era assim com todas as famílias da comunidade”, relata Alfredo.

O pai de Alfredo, Severino Dessanti, recebeu inicialmente 12 hectares de terra e depois comprou mais 9 hectares, totalizando uma propriedade de 21 hectares para o cultivo. Assim, além de suprir as necessidades da família, vendiam uma parte da produção para gerar renda e quitar os investimentos na propriedade. A rotina agrícola era intensa e, mesmo sem um grande comércio na região, a agricultura desempenhava um papel fundamental para sustentar as famílias e movimentar a economia local.

Alfredo também destaca que em sua infância as festas e tradições da comunidade eram simples, mas muito especiais. Dentre suas principais lembranças estão as festas de São João, que eram celebradas com entusiasmo durante os meses de junho. Essas festividades eram uma oportunidade para as

famílias e a comunidade se reunirem, muitas vezes nas próprias casas, em vez de locais maiores, como salões comunitários.

Outro fato marcante em sua vida foi a tradição de acender fogueiras durante a celebração de São João. Ele lembrou, com carinho, que quando era pequeno, costumava passar por cima das brasas das fogueiras, uma prática comum que ficou gravada em sua memória como um símbolo das festividades da infância. Esses eventos proporcionaram um forte senso de união e celebração dentro da comunidade, criando valorosas recordações.

Em relação às primeiras construções das casas na comunidade, Alfredo reforça que seu avô materno era um carpinteiro habilidoso e foi o responsável por construir muitas dessas moradias. As casas eram executadas com madeira de lei, utilizando em tudo tábuas. Inclusive o telhado era feito de tabuinhas e capas de madeira.

As construções, embora simples, eram funcionais, geralmente compostas por uma sala e cozinha integradas e um ou dois dormitórios. Muitas vezes, a sala e a cozinha eram integradas num espaço maior. As casas não eram construídas próximas umas das outras, já que cada família comprava uma propriedade, e as construções seguiam a distância natural entre elas, variando de 500 metros a 1 milha. As construções geralmente eram executadas próximas de fontes de água, pois a disponibilidade de água era um fator determinante na escolha do local para consolidar as casas. A exemplo disso, Alfredo relata como era a fonte de água da sua família (Fotografias 3 e 4):

Ainda temos a fonte de água em uso. Ela foi cavada em 1960 quando meus pais vieram morar para cá. Essa fonte serviu para muitas pessoas que vinham na igreja e iam beber água, bem como se refrescar do calor e para se lavar, pois vinham de longe, a pé ou a cavalo, passando por “picadas” ou estradas de muito pó ou barro em dias chuvosos. Essa fonte de água faz parte da história da comunidade. Meus pais deixavam uma caneca de alumínio perto da fonte. Também usavam desta água as pessoas que passavam pela estrada e conheciam o lugar, quando se deslocavam para a cidade. Anos mais tarde é que a fonte foi protegida.



Fotografias 3 e 4 – Fonte de água da família de Alfredo



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

A maioria das casas eram construídas pela própria família, sem contratar trabalhadores externos. Seu avô Aurélio e seu tio Dionísio (que também era habilidoso na carpintaria), eram os principais responsáveis pelas construções. Mais tarde, outras pessoas da comunidade, como a família Kofmann, também participaram da construção de algumas casas, trazendo seus conhecimentos e habilidades. Esse espírito colaborativo era uma característica marcante das primeiras gerações da comunidade, onde as famílias se juntavam para construir suas moradias.

Anos mais tarde, no caso da execução da segunda casa da sua família (Fotografia 5), Alfredo relata que ela era maior e possuía técnicas construtivas mais evoluídas comparada à primeira residência da família. A construção ficou a cargo dos Kofmann, ou seja, um pai e filho conhecidos por entenderem de construção naquela época. O pagamento pelo serviço prestado foi pago em dinheiro e as instalações elétricas e hidráulicas foram instaladas anos depois.

Fotografia 5 – Segunda casa da família de Alfredo



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Uma das suas lembranças especiais foi a primeira eucaristia que aconteceu quando ele tinha sete anos (Fotografias 6 e 7). Naquela época era difícil conseguir um fotógrafo, afinal, os recursos eram limitados, dificultando o registro desses momentos importantes. Com isso, as fotografias foram tiradas aproximadamente quinze dias depois, numa festa da comunidade, o que tornava o evento ainda mais singular em suas recordações.



Fotografia 6 – Alfredo e a sua irmã Marilene na Primeira Eucaristia



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Fotografia 7 – Turma da Primeira Eucaristia de Alfredo e sua irmã Marilene



Fonte: Acervo pessoal de Irineu e Inês Lucion.

Outro evento memorável foi a vinda de três padres Capuchinhos do Rio Grande do Sul à comunidade, que organizavam celebrações religiosas, sendo que a encenação do Filho Pródigo, dirigida por um dos padres, se tornou um momento inesquecível. O próprio padre elogiou a encenação, afirmando que foi uma das melhores experiências que ele teve. Esse evento deixou uma forte impressão em Alfredo e em todos que participaram.

De acordo com Alfredo José Dessanti, a bocha sempre foi um dos esportes mais praticados em sua infância e era muito popular na comunidade, especialmente porque seu avô fabricava as bochas manualmente, utilizando madeira. Apesar de serem de madeira, as bochas dificilmente quebravam, e eram feitas com perfeição. Além disso, ele relembra que seu pai, em tempos de escassez de areia, ia até as estradas para coletar e peneirar areia, de modo a utilizá-la para nivelar a cancha de bocha.

Como uma versão especial do jogo, em uma das bochas era incluído chumbo em um dos lados. Isso fazia com que, ao ser jogada, ela pendesse para um lado específico, o que tornava o jogo ainda mais interessante. Essa bocha era uma verdadeira relíquia, mas, infelizmente, foi perdida com o tempo. Alfredo admira o talento de seu avô, que usou um torno para criar essas peças artesanais com precisão.

Além da bocha, outras brincadeiras de sua época eram todas artesanais. Ele mesmo fabricava seus brinquedos, como pequenos tratores, carregadeiras e caçambas, utilizando pedaços de madeira e uma pequena serra para moldar as peças. Não haviam brinquedos comprados; tudo era feito em casa, com muita criatividade e habilidade manual.

Neste contexto, o entrevistado ressalta a importância da caça e da pesca para a sua família. Seu pai possuía deficiência auditiva, e por esse motivo, o levava frequentemente para essas atividades. Tais momentos de convivência e



aprendizado com seu pai marcaram sua infância, enriquecendo suas lembranças da vida simples e autossuficiente que levavam.

Mais um episódio compartilhado foi o uso de espingardas em sua juventude, pois seu pai Severino possuía uma espingarda calibre 36 usada para caçar. Além da espingarda, utilizavam arapucas para capturar pássaros. Para isso, montavam armadilhas com milho, atraindo os passarinhos, até que pudessem pegá-los. Depois de capturá-los, eram assados para consumo.

Quanto às atividades de lazer realizadas pela juventude, o entrevistado cita que na comunidade de Santo Expedito havia muitos jovens, e eles se reuniam uma vez por mês em encontros organizados. Esses encontros tinham uma programação que vinha diretamente da matriz, começando com orações e, depois, seguiam com momentos de confraternização, incluindo dança durante a noite. Esses eventos eram momentos de entretenimento na vida social da juventude (Fotografia 8).

Fotografia 8 – Grupo de jovens da comunidade



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Além do exposto, Alfredo José Dessanti lembrou os tempos em que sua família possuía um moinho de quirela, movido pela água. Esse moinho, que existia desde a época do seu avô, ficava próximo ao rio, onde eles também faziam farinha. Era uma época em que a vida na roça tinha um ritmo diferente, com tradições que foram se perdendo ao longo do tempo. Como o moinho fazia parte de uma sociedade entre familiares, acabou não funcionando bem e foi vendido, ficando com apenas um de seus tios.

Neste período, a farinha era muito utilizada, especialmente pelos italianos. Quando criança, seu pai o colocava a cavalo com sacos de milho, e ele ia até Santa Rita, no Camargo, onde funcionava um moinho. O trajeto demorava cerca de meio dia, e ele fazia esse percurso de ida e volta, sozinho, montado no cavalo. Com isso, percebe-se que as crianças tinham mais liberdade e ajudavam seus pais nas atividades diárias da vida no campo, pois os perigos eram diferentes e a vida era mais tranquila.

O tempo em que Alfredo frequentava a escola também foi considerado uma lembrança simbólica (Fotografia 9). Ao ser questionado sobre sua posição na fotografia, ele aponta que é o último no canto esquerdo.

Fotografia 9 – Turma de Alfredo



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.





Dentre algumas das maiores festividades presenciadas ao longo dos anos na comunidade de Santo Expedito, o entrevistado destaca que a principal festa anual é a festa de Santo Expedito, um evento tradicional que acontece regularmente. Além disso, relembrou as comemorações de Páscoa e Natal, que também deixaram uma marca em sua memória.

No que se refere ao contexto histórico de suas atividades profissionais, Alfredo e sua família trabalharam anos na agricultura e na suinocultura. O início dessas atividades foi possível com o auxílio de um financiamento para construir um chiqueiro, comprar um motor e alguns porcos. Alfredo ajudava principalmente na “terminação”, isto é, no processo de engorda dos leitões até estarem prontos para a venda. A cooperativa local fornecia os animais, e ele os alimentava até que estivessem prontos para a venda no mercado.

A venda de porcos foi um negócio lucrativo por cerca de cinco anos. No entanto, houve um período de crise quando se espalhou a peste suína, o que fez com que o preço dos porcos caísse drasticamente. Com a crise supracitada, perderam dinheiro, gerando expressivos prejuízos.

Enquanto Alfredo sempre esteve envolvido com a agricultura, seus irmãos tiveram a oportunidade de estudar. Seu irmão mais novo, Dilso Dessanti, fez um curso para se tornar gerente e acabou trabalhando em uma cooperativa no Cedro. Posteriormente, essa filial foi vendida e seu irmão adquiriu o negócio. Foi nesse período que Alfredo teve a oportunidade de adquirir um mercadinho. Certo dia, um homem o abordou pedindo se ele queria comprar o mercado, e Alfredo aceitou, embora não tivesse dinheiro naquele momento devido aos prejuízos que haviam sofrido com a suinocultura.

No entanto, a sua intenção era reunir a família e ter uma vida mais próxima. Após longas conversas, o mercado foi adquirido e permanece até hoje com a família.



Naquela época, apesar de terem sido bons anos, ele e sua família não tinham carro. Para se deslocarem, utilizavam o ônibus, pegando uma lotação de manhã e retornando no fim do dia. Foi assim por cerca de um ano, até que finalmente conseguiu comprar seu primeiro carro, um Fusca usado, que era um veículo muito popular e na moda naquele tempo. No ano seguinte, venderam o Fusca para comprar uma Towner, quase nova. Esse veículo foi utilizado por anos e atualmente é utilizado para suas atividades diárias na agricultura (Fotografia 10).

Fotografia 10 – Segundo carro da família de Alfredo, um Towner



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Portanto, seu principal envolvimento no comércio local foi através da administração do mercado, que está em operação há 27 anos, e sempre funcionou no mesmo endereço desde a sua fundação. Com o passar do tempo e após muitos anos de dedicação ao negócio, Alfredo destinou a responsabilidade da administração do mercado para seus filhos, que atualmente conduzem o empreendimento, mantendo a tradição familiar.



Nos dias de hoje, Alfredo guarda com carinho alguns móveis produzidos por seu avô Aurélio Gava, que remontam a história da família e algumas práticas comuns de seus antepassados. Dentre tais móveis está uma prateleira antiga de madeira (cedro) que passou por adaptações e restauros ao longo do tempo (começou com acabamento em verniz, depois foi pintada de verde e, finalmente, lixada e pintada de branco). Apesar das alterações, o modelo original foi mantido (Fotografia 11).

Fotografia 11 – Móvel fabricado pelo avô de Alfredo



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Mesa de madeira, também produzido com madeira de cedro pelo seu avô, indicando a continuidade da tradição familiar na fabricação de móveis com durabilidade e qualidade (Fotografia 12).

Fotografia 12 – Móvel fabricado pelo avô de Alfredo



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Outro item confeccionado pelo seu avô foi um ventilador de madeira (Fotografias 13, 14 e 15), utilizado para limpar produtos da lavoura, como feijão e milho. Esse ventilador foi construído há aproximadamente 50 ou 60 anos. O objeto consiste em uma caixa de madeira com um ventilador que funciona como um motor. Ele é acionado por uma roda manual, na qual os grãos são colocados dentro da caixa. Ao girar a roda, o maquinário separa os grãos limpos dos danificados, facilitando o processo de limpeza.



Fotografias 13, 14 e 15 – Ventilador para separação de grãos da lavoura



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

Portanto, diante do exposto no presente capítulo, percebe-se a importância de valorizar a história da comunidade e os registros das famílias que contribuíram para o seu surgimento, crescimento e desenvolvimento, preservando a identidade e a memória coletiva comunitária. Esses relatos não apenas documentam o passado, mas permitem que as tradições, valores e ensinamentos sejam transmitidos ao longo do tempo. Quando se dignifica a essência das histórias individuais e familiares, como a de Alfredo José Dessanti, está se demonstrando o papel que cada pessoa desempenhou na construção da comunidade.

Assim, valorizar esses registros históricos é um ato de reconhecimento ao esforço daqueles que sempre colaboraram e trabalharam em prol do desenvolvimento da comunidade de Santo Expedito. Ademais, esses registros são fontes de aprendizado, permitindo que as novas gerações compreendam a importância da dedicação, da solidariedade e do trabalho em conjunto, que foram fundamentais para a evolução dessa comunidade.



CAPÍTULO 6
MEMÓRIAS DE UM FUTURO CONSTRUÍDO NO
PASSADO

Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 1 – Honorino e Iraci Lurdes Dall Magro



Fonte: Os autores (2024).



HONORINO DALL MAGRO E IRACI LURDES DALL MAGRO

Leticia Kuhn Agostini, Emily Abigail Kopp, Luana Meneghel,
Mayara Kamila Seibel

Na pequena comunidade de Santo Expedito, no interior de Descanso, SC, vive um casal que construiu sua história entre a simplicidade da vida rural e a força dos laços familiares. Honorino e Iraci (Fotografia 1), nascidos no interior, trazem consigo as memórias de uma vida inteira dedicada à agricultura, à comunidade e à família. “Sempre na roça, nascemos na roça e ainda continuamos na roça. Vamos terminar na roça”, afirma Honorino, resumindo a trajetória que marcou suas vidas.

A história de Honorino e Iraci começa em Passo Fundo, no estado do Rio Grande do Sul. Iraci chegou a Santo Expedito ainda bebê, enquanto Honorino chegou mais tarde, aos 17 anos. Mesmo com uma diferença de idade de 11 anos, seus destinos acabaram se cruzando nessa nova terra, onde criaram uma vida em comum. Iraci relembra: “Eu saí de lá com oito meses, moramos aqui e estou até agora”.

Desde cedo, ambos aprenderam o valor do trabalho árduo. Nascidos e criados na roça, nunca se afastaram dela, refletindo a realidade de muitos agricultores daquela época. “Sempre ajudando os pais na roça”, diz Iraci, enfatizando a continuidade de uma vida de dedicação ao campo.

A comunidade de Santo Expedito foi formada por famílias de origem italiana, vindas do Rio Grande do Sul. Honorino relembra os primeiros anos, quando “tudo era sertão”. As famílias, unidas pelo espírito comunitário, decidiram formar uma nova comunidade. “No ano de 1958, sete famílias reuniram-se com o objetivo de formar uma comunidade cristã”, e a partir dessa união, surgiu a comunidade de Santo Expedito (PARÓQUIA SÃO MIGUEL ARCANJO, 2000).

Os primeiros tempos foram difíceis. As estradas eram precárias e o acesso às cidades vizinhas era feito a cavalo. Honorino lembra que “levava cerca de duas



horas até São Miguel do Oeste a cavalo”, e que as estradas eram “ruins, tudo picado”. Esse isolamento fez com que a união entre os moradores fosse ainda mais forte, e o apoio mútuo era essencial. “Os vizinhos se ajudavam a fazer tudo. Era comunitário, uma vez era bastante comunitário”, diz Iraci, descrevendo como a colaboração era a base de tudo.

A fé sempre foi um pilar importante na vida de Honorino e Iraci. Logo após a formação da comunidade, o casal e seus vizinhos se mobilizaram para construir a primeira capela (Fotografias 2 e 3). “Com muita força de vontade, estas famílias uniram-se e fizeram uma roça comunitária para financiar a compra de materiais. A capela foi erguida com madeira bruta, e cada família doou 300 tabuinhas prontas para o coberto” (PARÓQUIA SÃO MIGUEL ARCANJO, 2000). Esse tipo de colaboração comunitária era uma marca registrada da época, algo que unia todos os moradores em torno de um objetivo comum.

Fotografias 2 e 3 – Eventos religiosos realizados na primeira igreja da comunidade



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Com o tempo, a comunidade se expandiu, e novas famílias se instalaram na região. Honorino e Iraci testemunharam a evolução histórica de Santo Expedito, desde a época das estradas de terra até a chegada da BR 282. A construção



da segunda igreja foi um marco para Honorino, que ajudou a reconstruí-la quando precisou ser mudada a sua localização por causa da construção da BR 282. “Tivemos que desmontar a igreja e o salão por causa da estrada”, lembra Honorino. Mesmo com poucos recursos, a comunidade se dedicou a levantar novamente a capela, aproveitando cada pedaço de madeira possível (Fotografias 4 e 5). Honorino também ajudou nas outras reformas que ocorreram ao longo dos anos, sempre com a mesma dedicação de quem construiu a primeira capela com madeira bruta e tabuinha.

Fotografias 4 e 5 – Ordenação de Honorino Dall Magro como ministro, na segunda igreja da comunidade de Santo Expedito



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

A vida na roça era árdua, mas Honorino e Iraci enfrentaram os desafios com determinação. Eles recordam como as mulheres, dentre elas Iraci, iam até o rio lavar as roupas, ajoelhadas na água, mesmo durante o inverno. “Antigamente, as mulheres iam ao rio lavar roupa, ajoelhadas, em cima de uma tábua”, conta Iraci. Além disso, o trabalho braçal era constante na vida de ambos. Honorino descreve como a derrubada de árvores e o cultivo de soja eram feitos manualmente: “Nós derrubamos o mato com serrote, e depois, quando começava a apertar, usávamos cunha para abrir”, relata.

O casal também se recorda das dificuldades no transporte de mercadorias, que era feito com bois e carroças. “Às vezes, tinha que trazer produto com boi e carroça porque os caminhões não chegavam aqui”, conta Iraci. Apesar de toda a dureza, Honorino e Iraci nunca deixaram de trabalhar, mantendo sempre o foco no sustento da família e na manutenção da comunidade.

Com o passar dos anos, Honorino e Iraci continuaram a se dedicar à comunidade e à família que formaram. Casaram-se na Matriz de São Miguel Arcanjo, localizada no atual município de São Miguel do Oeste, SC, e vieram morar na casa construída junto com os pais de Honorino (Fotografia 6). “Nós casamos e viemos morar junto com os meus pais. Cuidamos deles até o fim da vida”, relembra Iraci, evidenciando o valor da família e da tradição.

Fotografia 6 – Casamento de Honorino e Iraci



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.





A comunidade manteve as tradições religiosas, como o rosário comunitário aos domingos (PARÓQUIA SÃO MIGUEL ARCANJO, 2000) além das festas e encontros familiares. O Clube de Mães, do qual Iraci faz parte desde os 19 anos, é um símbolo da continuidade dessas tradições. “Sempre participamos das reuniões e festividades, e até hoje o clube continua de pé”, diz Iraci, orgulhosa.

Além disso, Honorino e Iraci sempre participaram das atividades recreativas locais, como o jogo de baralho e as festas da comunidade. “Aqui sempre teve festa. Sempre teve as festinhas da comunidade”, conta Honorino.

Hoje, com 60 anos de história em Santo Expedito, o casal olha para trás com gratidão. Suas vidas, entrelaçadas com a terra e a comunidade, são um testemunho de fé, trabalho duro e união familiar. Como Honorino reflete: “Hoje eu não troco daqui por lá (cidade). Aqui é nosso lar, e tudo o que construímos valeu a pena”.

Honorino e Iraci são exemplos vivos de uma geração que moldou a natureza bruta em lar, que enfrentou os desafios da vida rural com coragem e encontrou na fé e na família a verdadeira riqueza. A história deles é a própria história de Santo Expedito: uma comunidade forjada na simplicidade, na devoção e no espírito de colaboração.

Ademais, o casal ainda guarda consigo alguns objetos que lembram os tempos vividos durante o período de formação e desenvolvimento da comunidade de Santo Expedito (Fotografias 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14).



Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografias 7 e 8 – Máquina de Costura



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.



Fotografia 9 – Rádio



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Fotografia 10 – Ferro de passar roupa a brasa



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 11 – Machadinho



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Fotografia 12 – Serrote de mão (utilizado por duas pessoas)



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Fotografia 13 – Plaina (utilizada para alisar madeira)



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.



Fotografia 14 – Máquina de moer uva para fazer vinho



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

A trajetória de Honorino e Iraci na comunidade de Santo Expedito é um testemunho de uma vida simples, mas plena, ativa no campo e na comunhão comunitária. Mais que uma história pessoal, suas vidas representam a essência da comunidade de Santo Expedito, um lugar de união, solidariedade e capacidade de transformar desafios em realidade. Hoje, eles são inspiração para as novas gerações, que herdam um exemplo de vida e perseverança.

REFERÊNCIAS

PARÓQUIA SÃO MIGUEL ARCANJO. **São Miguel do Oeste / SC - 1950 - 2000**: 50 anos de caminhada. São Miguel do Oeste: [s.n.], 2000.

CAPÍTULO 7
CAMINHOS DE ESPERANÇA: O INÍCIO DA
JORNADA



Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 1 - Retrato do casal Tercília e Laurentino Gava



Fonte: Os autores (2024).



LAURENTINO GAVA E TERCILIA FAVARETTO GAVA

Jéssica Gentlin, Laura Vendrame, Renata Lorenzini, Roberta Manfé Ferraboli

Na comunidade de Santo Expedito, no interior do município de Descanso, SC, vivem Tercília Favaretto Gava e Laurentino Gava (Fotografia 1), um casal que, com mais de 80 anos de idade, carrega em suas memórias a história de uma vida marcada pela simplicidade, pelo trabalho árduo e pela força da família. Atualmente, Tercília e Laurentino são aposentados, mas durante toda sua trajetória na comunidade de Santo Expedito exerceram a profissão de agricultores com plantação de fumo e grãos, além de serem criadores de suínos e gado de leite (GAVA, 2024).

Tercília tinha apenas 11 anos quando deixou o Rio Grande do Sul com seus pais, José e Graciosa Favaretto, em busca de uma vida melhor. Eles deixaram para trás um lugar onde não havia terras disponíveis, e partiram para Santa Catarina, uma terra ainda pouco explorada, mas cheia de promessas. Ali, José esperava conquistar o sonho de dar a cada filho um pedaço de terra para que pudessem construir suas vidas.

A primeira parada da família foi na comunidade de Santa Rita, onde moraram por seis meses em uma casa de tijolos e barro, com chão batido e telhado de madeira de pinheiro (conhecida como “tabuinha”, relatada pelo casal). Era uma vida simples e cheia de privações. Tercília lembra-se de como eram pobres, vivendo do pouco que tinham. Após esse breve período, seu pai comprou uma terra em Santo Expedito. O acesso era difícil, por trilhas no meio das vegetações “A estrada era por piques no meio do mato” relata Tercília, e apenas a pé ou de carroça. Segundo Tercília: “A mudança foi sofrida, mas havia esperança” (GAVA, 2024).

Enquanto isso, Laurentino Gava crescia em outra parte da região do Rio Grande do Sul, filho de Aurélio Gava e Josephina Fiorelli Gava, uma família



igualmente trabalhadora. A família de Laurentino vivia em terras com uma topografia acentuada, o que dificultava a vida no campo. “A terra tinha muitos morros” relata Laurentino. Assim, seu pai Aurélio era gerente de uma madeireira, e com muito esforço, juntou dinheiro suficiente para comprar terras para os filhos em Santa Catarina. Vale ressaltar que a moeda e forma de compra daquela época era o Cruzeiro: “Em torno de 1 colônia que eram 10 Alqueires, valiam 5 mil cruzeiros” relata Laurentino (2024). Na Fotografia 2 é possível visualizar uma nota de cruzeiro utilizada na época, a qual Laurentino possui ainda nos dias de hoje. Sendo assim, o destino tinha planos para unir essas duas histórias de Laurentino e Tercília.

Fotografia 2 - Nota de 1 cruzeiro - moeda da época dos anos 90



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

O casal se conheceu em Santo Expedito, onde as famílias se reuniam nas festas e rezas aos domingos. Foi ali, nos encontros comunitários, que o laço



entre Tercília e Laurentino começou a se formar, e não demorou para que o amor florescesse. Por meio da Fotografia 3 observa-se um registro do casamento do casal. Juntos, construíram uma vida baseada no trabalho árduo na agricultura e pecuária e na união familiar. Vivem até hoje na comunidade de Santo Expedito que um dia pertenceu ao irmão de Laurentino, no entanto, seu irmão mudou-se para o estado do Paraná na época, e seu pai Aurélio destinou essa terra para o seu filho Laurentino Gava.

Fotografia 3 - Casamento de Tercília e Laurentino Gava



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Deste modo, Laurentino e Tercília construíram sua família e o seu sustento por meio do trabalho inicialmente feito com a criação de suínos, após isso começaram com agricultura de grãos, como milho e soja e também houve

uma época em que trabalhavam com tabaco. “O trabalho era feito tudo no braço” relatam Laurentino e Tercília, e através do trabalho no campo o casal vendia os produtos para o comércio local. Além disso, vale destacar que de acordo com o relato do casal, a forma de comprar “fiado” naquela época era muito comum, uma vez que eles demoravam para receber o seu dinheiro por conta da época de colheita. Assim, eles compravam muita coisa “fiado”, ou seja, sem pagar no ato da compra, e realizavam o pagamento quando conseguissem vender os seus produtos, na época de colheita da agricultura.

Em relação a construção da vida em Santo Expedito, Tercília e Laurentino afirmam: “a vida em Santo Expedito não foi fácil, o trabalho na roça era pesado, e a principal fonte de renda, no início, vinha da criação de porcos” (GAVA, 2024). Na Fotografia 4 vê-se uma plantadeira manual, a qual o casal utilizava na época do trabalho no campo.

Fotografia 4 - Plantadeira manual de grãos



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.



Tercília e Laurentino tiveram quatro filhos. A vida na época dos anos 90 era dividida, isto é, os homens e os filhos iam para o trabalho na roça, enquanto que as mulheres ficavam cuidando da casa e faziam o almoço. Os finais de semana eram mais divertidos, “as crianças brincavam de jogar bola e andavam com carrinho de rolimã” relatam Tercília e Laurentino (2024). Na Fotografia 5 fornecida pelo casal verificam-se registros de uma criança brincando com uma bola que usava nas brincadeiras. O tempo passou e os filhos de Tercília e Laurentino cresceram. A filha mais velha tornou-se professora e foi morar em São Miguel do Oeste, em um terreno que seu pai ajudou a comprar e construir. Os outros dois filhos seguiram caminhos diferentes, um foi para São Paulo, enquanto o outro permaneceu na mesma comunidade que os pais. Já o quarto filho tornou - se caminhoneiro e atualmente reside em São Miguel do Oeste.

Fotografia 5 - Criança brincando



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Ao longo dos anos, a comunidade de Santo Expedito passou por muitas mudanças. Laurentino lembra-se de quando seu pai, Aurélio Gava, ajudou a

construir a primeira igreja da comunidade. Era uma construção simples, feita de madeira, com telhado de tabuinha. Anos mais tarde, quando a BR 282 foi aberta, a igreja precisou ser relocada, e novamente Aurélio esteve à frente, usando os mesmos materiais para reconstruí-la, mas desta vez um pouco maior. A igreja foi erguida em apenas um mês, com a ajuda de todos os moradores, num esforço comunitário que ainda hoje é lembrado com orgulho (GAVA, 2024).

As lembranças de Tercília e Laurentino são cheias de detalhes de uma vida comunitária intensa, onde todos se ajudavam. Nos finais de semana, jogavam bola, brincavam de carrinho de rolimã e participavam de torneios de bocha, um dos passatempos preferidos de Laurentino, que foi campeão em diversas ocasiões. Laurentino relata que também tinham momentos de lazer onde se reuniam para conversar e escutar as notícias no rádio que na época funcionava com antenas para captar sinal (Fotografia 6).

Fotografia 6 - Imagem do rádio usado pela família



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

As rezas do terço, as festas da comunidade e as celebrações dos santos padroeiros, como Nossa Senhora da Salete e Santo Expedito, eram eventos que uniam todos os membros da comunidade. Além disso, o passatempo era



resumido em visitar os vizinhos para tomar chimarrão e conversar. Na Fotografia 7 observa-se parte da família de Laurentino e Tercília reunida.

Fotografia 7 - Família de Laurentino e Tercília reunida



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Ainda, torna-se importante mencionar que as datas comemorativas como os aniversários de família também eram geradores de encontros familiares. Aniversários com festas de almoço eram muito comuns na época, e era uma data em que todos os membros da família conseguiam se reunir e comemorar a vida. De acordo com o relato de Laurentino, o seu avô materno veio da Itália para a América em busca de encontrar melhores condições de vida, e essa lembrança ficou marcada em uma foto preto e branco tirada na época com caixas fotográficas com máquinas que eram posicionadas em tripé (Fotografia 8).

Fotografia 8 - Foto do avô materno de Laurentino Gava



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Um exemplo notório de que as festas de aniversário eram eventos que reuniam as famílias pode ser visualizada na Fotografia 9, a qual retrata uma festa de aniversário de casamento da família Gava, a qual também foi registrada por uma máquina fotográfica antiga com tripés. Segundo relato de Laurentino e Tercília, a foto foi tirada no ano de 1945.



Entre histórias, culturas e memórias: *O legado da comunidade de Santo Expedito*

Fotografia 9 - Foto feita com máquina fotográfica em 1945



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Além disso, na casa dos entrevistados também há outros objetos que lembram o passado e o modo de viver da época. Dentre tais objetos destaca-se um poço de água natural para consumo, construído por volta de 1970, e que originalmente era equipado com uma corda para puxar a água (Fotografias 10 e 11).

Fotografias 10 e 11 - Poço de água construído aproximadamente no ano de 1970



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Próximo ao poço de água existe um forno construído com tijolo e barro, que era utilizado para diferentes finalidades, dentre elas assar pão e batatas, e torrar amendoim (Fotografias 12 e 13).

Fotografias 12 e 13 - Forno de propriedade de Laurentino e Tercília



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Hoje, aos 80 anos, o casal continua vivendo na terra que foi testemunha de tantos momentos importantes. Suas histórias são um reflexo de uma vida marcada por trabalho, fé e dedicação à família. Ao olhar para trás, tanto Tercília quanto Laurentino veem no passado o legado de uma comunidade que construiu suas raízes com as próprias mãos, e que soube manter vivo o espírito de união e ajuda mútua.

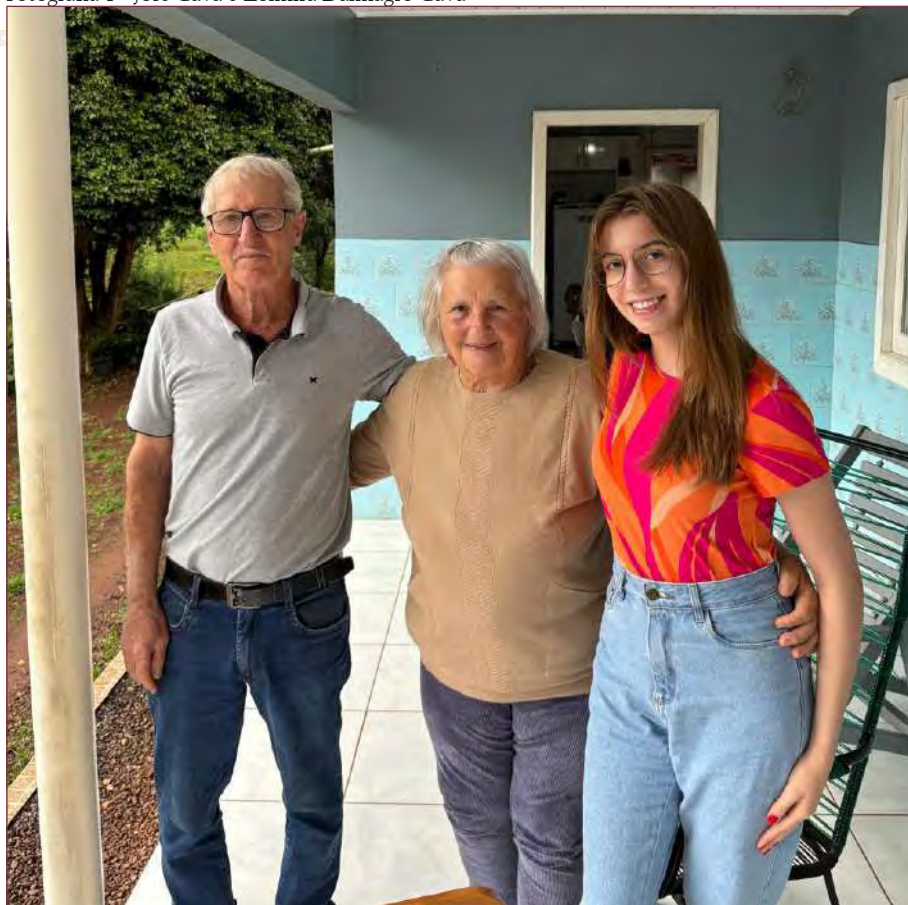


CAPÍTULO 8
HERANÇA DE CORAGEM: O LEGADO DOS
PIONEIROS



Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 1 - José Gava e Zolmira Dalmagro Gava



Fonte: Os autores (2024).



JOSÉ GAVA E ZOLMIRA DALMAGRO GAVA

Bianca Leocadia Dreyer, Ketlin Maria Amann, Letícia Klein Haas

José Gava, filho de Aurélio Gava e Josephina Fiorelo, nasceu em 11 de dezembro de 1946, é agricultor e atualmente está aposentado. Zolmira Dalmagro Gava, filha de João Dalmagro e Libera Turcatto, nasceu em 18 de abril de 1948, é agricultora e atualmente está aposentada (Fotografia 1).

José relata que um dos fundadores da comunidade de Santo Expedito foi seu pai, Aurélio Gava, no ano de 1956, quando sua família se mudou de Passo Fundo/ RS, para a atual localidade da comunidade. A viagem foi feita em duas etapas, ou seja, em uma delas somente os animais, e em seguida os móveis e objetos pessoais da família. Esta viagem demorava em média um dia e meio. Já a família de Zolmira, esposa de José, também é de Passo Fundo, mas mudaram-se quatro ou cinco anos depois da família de José, quando Zolmira tinha dezesseis anos de idade. Naquele tempo os dois já se conheciam, pois estudavam juntos na cidade natal. José e sua esposa comemoram neste ano de 2024, cinquenta e seis anos de casados.

José Gava conta que sua família decidiu se mudar para a referida localidade, pois sua mãe, Josephina Fiorelo, ficou muito doente. Com isso, seu pai, Aurélio Gava, precisou vender uma parte das terras que possuía em Passo Fundo para pagar as despesas decorrentes da saúde de Josephina, e a quantidade de terras restante foi vendida para comprar as terras na qual o entrevistado reside nos dias atuais. A aquisição dessas novas terras compensava financeiramente, afinal, eram muito mais baratas, e o objetivo de Aurélio era também poder dar terras aos seus filhos para poderem seguir com suas vidas.

Após se mudarem, Aurélio, pai de José Gava, teve a preocupação de fundar uma comunidade, pois quatro de nove filhos possuíam terras no local e não havia na época uma comunidade próxima de onde moravam. Desta forma,



Aurélio juntamente com alguns poucos moradores que também residiam ali, fundaram a comunidade de Santo Expedito.

José conta que o antigo proprietário das terras que seu pai comprou, era dono de uma serraria, e a madeira utilizada na construção das casas era adquirida com ele (madeira de pinheiro).

A casa onde morava José, foi construída pelo seu pai com a ajuda dos filhos, na qual existe ainda hoje. Apesar de algumas modificações pontuais, suas características construtivas e arquitetônicas foram mantidas. “A casa era grande porque a família também era”, destaca José ao lembrar que eram em nove irmãos, sendo que três deles já estavam casados e as esposas moravam na mesma casa (Fotografia 2).

Fotografia 2 - Casa construída pelo pai de José Gava



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

José conta que sua família foi uma das primeiras da comunidade a possuírem energia elétrica, porém, a energia só tinha capacidade para ligar algumas lâmpadas, e era insuficiente para deixar em funcionamento geladeiras ou motores que demandavam de mais potência.



Durante a entrevista, o casal relatou que a igreja da comunidade foi fundada por volta dos anos de 1959 ou 1960, construída de madeira com a ajuda dos moradores da comunidade, incluindo Aurélio Gava, pai de José. Um tempo depois decidiram demolir a igreja e construí-la em outro lugar, pois onde ela se encontrava passaria a BR 282.

O pai de José Gava era carpinteiro e por isso, ele fazia muitos móveis e objetos de madeira, sendo estes de ótima qualidade e com detalhes esculpidos à mão, na qual ainda estão guardados na casa de José (Fotografias 3, 4, 5 e 6).

Fotografias 3, 4, 5 e 6 - Móveis de madeira feitos pelo pai de José Gava





Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.



José não seguiu a mesma profissão de seu pai, ele conta que partiu para o ramo da agricultura, plantando milho e em seguida construiu um aviário. No ano de 1987 começou a trabalhar na empresa Aurora (Cooperativa Central Oeste Catarinense), onde atuou por trinta anos. O forte na economia da época era milho, feijão, soja e suíno, e tempos mais tarde teve como destaque o leite e o fumo de galpão. Naquele período não existia meios de transporte como há nos atualmente, nem trator para trabalhar nas lavouras.

Apesar dos avanços tecnológicos no setor agrícola, José mantém guardado com carinho os equipamentos que utilizavam para plantar milho, fazer vinho e debulhar as espigas de milho (Fotografias 7 e 8), bem como as ferramentas utilizadas por seu pai (Fotografia 9). Os produtos cultivados na lavoura eram levados até a vila em carroças. A esposa de José contou que com dezesseis anos ela e a irmã colocavam queijo e galinhas em cima do cavalo e levavam para vender na cidade.

Fotografias 7 e 8 - Ferramentas para debulhar o milho e para semear



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Fotografia 9 - José explicando a função das ferramentas de carpinteiro de seu pai



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Dentre os episódios marcantes da vida do entrevistado destacam-se: a construção da BR 282 que resultou na demolição da primeira igreja da comunidade



de Santo Expedito e de algumas casas das proximidades; a inauguração da segunda igreja da comunidade, em madeira, quando o Padre Aurélio Canzi esteve presente; e uma visita do Bispo Dom José Gomes (Fotografia 10), quando José era catequista na comunidade de Santo Expedito. José foi catequista, porém, formou somente uma turma (Fotografia 11), uma vez que, sua casa era muito longe, havendo assim dificuldades para se deslocar até a igreja.

Fotografia 10 - José Gava cumprimentando o bispo Dom José Gomes e ao fundo o antigo salão comunitário de Santo Expedito



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Fotografia 11 - Turma em que José Gava atuou como catequista



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Dentre as festividades que marcaram a história da comunidade de Santo Expedito, era comum a utilização de instrumentos como gaita e violão para fazer a animação dos eventos comunitários e também das festas e encontros entre as famílias. Seguindo essa tradição, José atualmente participa de programas de rádio, cantando e tocando viola. Já participou de algumas músicas com Neuri Maziero que também é membro da comunidade, e outras músicas com Moacir Trevisol como, por exemplo, uma sobre o acidente que ocorreu na BR 282 em frente a comunidade de Santo Expedito em março de 2011, onde 26 pessoas perderam a vida. As músicas de José (apelidado de Zé da Viola) e Moacir resultaram na gravação de um CD e fizeram um grande sucesso na região com a venda de 12 mil unidades (Fotografia 12). José também foi considerado o melhor violeiro da região.



Fotografia 12 - CD Zé da Viola (José Gava) e Moacir



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Por fim, o casal relata que possuem quatro filhos, dos quais os presentearam com netos e que vivem e sempre viveram muito felizes.



CAPÍTULO 9

AS PRIMEIRAS PEGADAS: A CHEGADA NA COMUNIDADE DE SANTO EXPEDITO



Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 1 – Carolina Vanzella Gava e Gomercindo Gava



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.



GOMERCINDO GAVA E CAROLINA VANZELLA GAVA

Jéssica Gentlin, Laura Vendrame, Renata Lorenzini, Roberta Manfé Ferraboli

Gomercindo Gava e Carolina Vanzella Gava (Fotografia 1) foram moradores da comunidade de Santo Expedito, situada no município de Descanso, SC. Ambos são aposentados e dedicaram parte de suas vidas à agricultura. Naturais do Rio Grande do Sul, casaram-se no dia 14 de agosto e construíram suas trajetórias em busca de melhores condições de trabalho e terras férteis. Gomercindo é filho de Aurélio Gava e Josephina Fiorelli Gava. Carolina é filha de Assumpta Caron Vanzella e Arcangelo Vanzella.

Carolina relata que o casal mudou-se para a localidade da atual comunidade de Santo Expedito com o objetivo de adquirir terras, que eram mais acessíveis e boas para a agricultura. A busca por um solo fértil para sustentar suas famílias foi o motivo principal dessa mudança. Na época, o transporte era feito principalmente com cavalos, enquanto a comunicação se dava por cartas.

A economia da região dependia fortemente da agricultura. Todas as famílias criavam porcos e, alguns, gado. Com o tempo, a produção de grãos como milho, feijão e soja também começou a se expandir. Portanto, Carolina explica que as famílias viviam da criação de animais e do cultivo de grãos.

A vida não era fácil, especialmente pela qualidade da terra. “Era uma terra difícil, cheia de pedras e morros, o que tornava o plantio ainda mais desafiador”, conta Carolina. A força física era essencial para o trabalho de carregamento de sacos de soja e milho.

Quanto às construções, Carolina lembra que, inicialmente, eram os próprios moradores que erguiam suas casas, isto é, um ajudando o outro. Quanto à sua própria residência, eles mesmos escolheram o local, limpando o terreno de plantações de feijão para iniciar a obra. “Escolhemos um lugar mais baixo e próximo de fontes de água, o que facilitava o dia a dia”, afirma



Carolina. A madeira utilizada para a construção veio do próprio terreno, serrilhado e preparado manualmente. A casa tinha paredes externas de grábia e internas de angico, e o telhado era feito com pequenas tábuas. A segunda casa em que Carolina e Gomercindo residiram durante anos (Fotografia 2) possui características arquitetônicas e construtivas similares às da primeira casa.

Fotografia 2 – Segunda casa de Carolina e Gomercindo



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

As casas, em sua maioria, eram de madeira e não ficavam próximas umas das outras, já que as famílias precisavam de espaço para a criação de animais e a plantação de grãos. Os locais escolhidos para construção geralmente eram terras planas com bastante espaço para a agricultura. Era realizada a limpeza e remoção da vegetação e aproveitavam para extrair madeira para a comercialização. Tais madeiras eram transportadas por caminhões (Fotografia 3) ou carroças até as serrarias para virar tábuas para a construção civil da época ou eram vendidas. Para isso, eram levadas até o Rio Uruguai onde os balseiros enviavam ao Rio Grande do Sul através de barcas pelo rio. A madeira em questão era amarrada e na época de cheia era largada à deriva no rio, onde chegando próximo ao seu destino era resgatada pelos compradores. Em relação à água para consumo, Carolina relata que a sua obtenção era feita de forma manual, diretamente da vertente mais próxima. “Pegávamos água da sanga para tudo, inclusive para cozinhar e beber”, relembra ela.



Fotografia 3 – Caminhão levando tora de madeira de extração



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Uma das grandes lembranças da entrevistada foi a construção das primeiras residências e, mais tarde, a necessidade de realocação de algumas delas devido à execução da BR 282.

Além disso, a vida social e cultural da comunidade girava em torno de eventos festivos (Fotografia 4). As festas dos santos padroeiros, por exemplo, foram marcos importantes, sendo um momento em que todos se reuniram para celebrar e participar de jogos tradicionais, como a bocha.

Fotografia 4 – Amigos da família Gava em almoço na comunidade



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

As festividades da comunidade sempre foram muito marcantes para a história local. A fundação da comunidade e sua constante transformação também destacam-se como marcos importantes. Na Fotografia 5 observa-se Carolina e Gomercindo celebrando um evento religioso de um de seus filhos na comunidade e na Fotografia 6 vê-se a imagem de uma das famílias fundadoras da comunidade (de Dionísio Gava).

Fotografia 5 – Carolina e Gomercindo em evento religioso na comunidade



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.



Fotografia 6 – Dionísio Gava (fundador da comunidade) e sua família



Fonte: Acervo pessoal dos entrevistados.

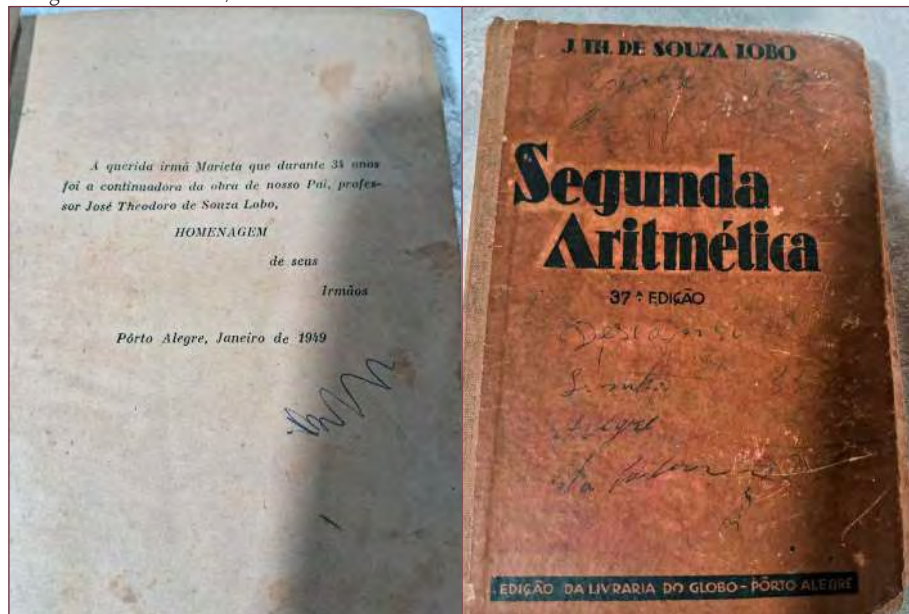
Além de todas as dificuldades relacionadas à vida no campo, a educação também foi um grande desafio. Carolina lembra com emoção das dificuldades enfrentadas para garantir que seus filhos tivessem acesso à escola. “A primeira escola dos nossos filhos foi perto da igreja, e depois eles iam de ônibus para Maravilha para estudar, pois na época em São Miguel do Oeste tinha que pagar”, relata. Um fato que Carolina relembra é que era muito sofrido também para os filhos, pois durante o dia trabalhavam e a noite estudavam, e um dos filhos trabalhava em um frigorífico. Ela também menciona sobre a luta para pagar os estudos dos filhos, comentando que vendia ovos, queijos e roupas para cobrir os custos do transporte escolar. Muitas vezes, era necessário retirar recursos do consumo da família para arcar com essas despesas, já que, na época, tudo era pago em dinheiro.

Outra memória de Carolina foi o episódio em que seu pai a impediu de continuar os estudos para que cuidasse de seus irmãos mais novos. “Chorei muito naquele dia”, ela falou, explicando que sua mãe assumia as responsabilidades

de casa, enquanto ela tinha que tirar os capins embaixo do arado ao invés de cuidar do irmão. Carolina também relata como as normas da época afetavam a juventude feminina: “Não podíamos pintar as unhas, passar batom ou arrumar o cabelo, era muito rígido”, comenta a entrevistada.

Entre as lembranças mais preciosas de Gomercindo está seu antigo caderno/livro escolar, que ele guardou por mais de 70 anos (Fotografias 7 e 8). O caderno, um registro físico de sua juventude, remonta à época em que frequentava a escola. Apesar das dificuldades enfrentadas por ele e sua família, como o trabalho árduo no campo e a distância da escola, o caderno simboliza sua dedicação aos estudos e o valor que a educação tinha, mesmo em tempos desafiadores. Embora as condições fossem simples, as lições ali registradas mostram a importância que o conhecimento sempre teve para as famílias da região.

Fotografias 7 e 8 – Livro/Caderno Escolar



Fonte: Acervo pessoal de Bernadete e Olide Lucion.



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

A partir dos relatos citados por Carolina e Gomercindo, evidencia-se a determinação e o esforço do casal para sobreviver e prosperar em um ambiente rural, enfrentando os desafios da agricultura, do clima e da distância. A história deles é um testemunho do que foi necessário para construir e transformar a comunidade em que viveram.



CAPÍTULO 10
TERRAS DE TRABALHO: A HISTÓRIA DE UM
COMEÇO DIFÍCIL

Entre histórias, culturas e memórias: *O legado da comunidade de Santo Expedito*

Fotografias 1 e 2 – Emilia Munaro Dalla Rosa e seus familiares



Fonte: Os autores (2024).



EMILIA MUNARO DALLA ROSA

Laura Taís Gava, Kaue Alan Rangel

Emilia Munaro Dalla Rosa, cujo nome foi dado em homenagem à sua mãe, falecida apenas três dias após seu nascimento, é uma senhora de 91 anos, nascida em 20/02/1933, filha de Ernesto e Emilia Munaro. Criada por sua tia, ela é aposentada e diagnosticada com Alzheimer. Durante a entrevista, contou com a ajuda de seu filho, Eusébio Dalla Rosa, para responder às perguntas. (Fotografias 1 e 2).

Emilia relembra sua infância na Barra do Rio Azul, estado do Rio Grande do Sul, onde trabalhava na roça, plantando milho, feijão e trigo, além de criar porcos e gado. Ao mudar-se para Santo Expedito, seu falecido esposo conseguiu um empréstimo com os pais para comprar um pedaço de terra na comunidade, onde viveram por 13 anos. Cinco meses após a mudança, nasceu Eusébio, seu filho. De acordo com Emilia Munaro Dalla Rosa, na época a família não possuía meio de transporte, utilizavam cavalos para se locomover. A comunicação era difícil, e, após algum tempo, conseguiram adquirir um rádio usado.

Eusébio conta que seu pai, devido a um problema de visão, precisou viajar até Passo Fundo para uma cirurgia, ficando ausente por 17 dias, deixando Emilia sozinha com os filhos. Ele também recorda que seu pai sempre quis vender a terra por ser uma região muito baixa e íngreme. Na época, quando havia uma emergência, a única opção era sair a cavalo, iluminando o caminho com uma lanterna. Os vizinhos mais próximos, as famílias Bertolini e Bernardi, viviam a cerca de 5 km e compartilhavam as mesmas dificuldades.

Emilia foi uma das fundadoras da comunidade e, durante um período atuou como catequista, pois a igreja mais próxima ficava muito distante. Ela oferecia catequese para três famílias aos sábados à tarde. Eusébio também lembra

que um professor visitava a comunidade para dar aulas e ficava hospedado na casa dos moradores.

Uma das festas tradicionais da comunidade era a celebração de Santo Expedito, realizada anualmente com um churrasco no pavilhão. As casas eram simples, de madeira, construídas pelos próprios moradores com a ajuda de alguns carpinteiros da cidade. Os telhados também eram de madeira, e o banheiro era uma patente. Um rio nas proximidades servia como fonte de água para os animais.

Dois eventos marcaram profundamente a família. O primeiro foi a passagem de um tornado pela comunidade, que não derrubou a casa de Emilia, mas arrancou árvores e derrubou parte da casa de um vizinho a cerca de 30 metros. O segundo foi uma tragédia que emocionou Eusébio ao relatar: enquanto sua tia passava cera no piso com querosene, o fogo de velas próximas se espalhou rapidamente. Ao tentar jogar o líquido inflamável para fora de casa, ela e seu tio se esbarraram e acabaram morrendo queimados. Um carpinteiro conseguiu salvar as crianças e apagar o fogo, mas não pôde salvar o casal. Após o incidente, dois dos filhos do casal foram criados por Emilia.

Assim, percebe-se que naquela época, a vida era marcada por desafios e dificuldades, como a falta de meios de transporte, a comunicação limitada e as condições de moradia simples. No entanto, o espírito de comunidade, a fé e a resiliência de pessoas como Emilia Munaro Dalla Rosa foram fundamentais para enfrentar as adversidades e construir uma vida em meio à escassez. A história de Emilia revela as dificuldades enfrentadas, mas também a força e o comprometimento com a família e com a comunidade, valores que continuam a inspirar gerações.



Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 3 – Emilia Munaro Dalla Rosa e os autores deste capítulo



Fonte: Os autores (2024).



CAPÍTULO 11

ANEXOS

Ao longo deste livro, os capítulos estão organizados e separados por entrevistas, isto é, a partir dos relatos e memórias compartilhados pelos entrevistados que incluem moradores locais, famílias pioneiras e líderes da comunidade de Santo Expedito. No entanto, outras pessoas também contribuíram de maneira significativa com o fornecimento de documentos e fotografias que fazem parte do processo de desenvolvimento histórico, social, econômico e cultural da referida comunidade, enriquecendo ainda mais a pesquisa realizada, na qual estão apresentados no presente capítulo, divididos em: Anexo A - História geral da comunidade de Santo Expedito; Anexo B - História do Santo Expedito; Anexo C - Contexto histórico inicial do conselho da comunidade de Santo Expedito; Anexo D - Exemplo de entretenimento na comunidade; Anexo E - Ministros, catequistas e atual Conselho de Pastoral.

Estes documentos buscam preservar e honrar a história da comunidade de Santo Expedito, destacando as contribuições de seus membros ao longo dos anos. Através dos anexos apresentados, é possível compreender como a organização comunitária, a espiritualidade e o entretenimento moldaram a identidade local, tornando Santo Expedito um local de união e esforço coletivo. Tais acervos também ilustram como as lideranças locais, os ministros, os catequistas e o conselho de pastoral desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento social e religioso da comunidade.

Além disso, percebe-se a importância de preservar essas memórias, afinal, a continuidade dos trabalhos pastorais e a participação ativa dos moradores refletem o compromisso com os valores e as crenças que sustentam a comunidade. Em cada detalhe, desde a formação dos primeiros conselhos até as iniciativas de entretenimento e devoção, o espírito colaborativo que caracteriza a comunidade de Santo Expedito sempre se faz presente.

ANEXO A - HISTÓRIA GERAL DA COMUNIDADE DE SANTO EXPEDITO

Este anexo apresenta brevemente o contexto histórico da comunidade de Santo Expedito, elaborado por Marilene Maziero no dia 10 de janeiro de 1997, a partir de conversas informais realizadas com famílias pioneiras da comunidade supracitada e por meio de informações e dados encontrados em livros de atas.

Há sessenta anos, aqui era tudo sertão e aos poucos vieram morar as primeiras famílias, sendo a grande maioria vindos do estado do Rio Grande do Sul. As famílias pioneiras foram: Aurélio Gava, Pedro Gava, Dionísio Gava, Azelindo Gava, João Sirtolli, João Bernardi, Máximo Dalla Rosa, Antônio Dallaio, Bertolino Reckezeguel, Caetano Fanton e Argentino Casagrande. Estas famílias, sendo pessoas de fé, sentiram a necessidade de formar uma comunidade construindo a igreja, devido a distância entre a comunidade de Linha Alegre e Santa Rita.

No ano de 1958 reuniram-se com o objetivo de iniciar a construção da Capela. Nesta reunião Antônio Dallaio já tinha em mãos a ordem de doação do terreno, doado pelo senhor Pascoal Colombo, que havia vindo morar aqui neste mesmo ano. A força de vontade era tanta que por unanimidade todos concordaram em fazer uma roça comunitária para obter o dinheiro para comprar o material da construção da igreja. Assim, no ano de 1958 deu-se início aos trabalhos de base com madeira bruta.

Também decidiram que cada família daria 300 tabuinhas prontas para o telhado, e como não havia acesso por parte de algumas famílias para se deslocarem até o local da igreja, decidiram abrir uma estrada com picão, foice e serrote, em forma de mutirão. Esta estrada liga atualmente a comunidade de Santo Expedito com a comunidade do Colorado.



Na reunião supracitada, formaram uma comissão composta por duas pessoas, sendo estes Antônio Dallaio e Aurélio Gava, para coordenarem os trabalhos da construção. Concluída a construção foi formada uma diretoria constituída por três membros, sendo eles Antônio Dallaio, João Bernardi e Aurélio Gava. Estes com muita força, vontade e coragem, levaram os trabalhos adiante para a inauguração da igreja que aconteceu em setembro de 1959 pelo Vigário Padre Aurélio Canzi. O padroeiro foi o Santo Expedito, doado pela família de Antônio Dallaio, e a comunidade recebeu o mesmo nome (Fotografia 1).

Fotografia 1 - Santo Expedito, padroeiro da comunidade



Fonte: Acervo da comunidade de Santo Expedito.

Um fato curioso a ser destacado é que como a grande maioria das famílias pioneiras vieram da Linha Nossa Senhora da Salete do Rio Grande do Sul, era para ser este o nome da comunidade, mas como a imagem da Santa não havia chegado para o dia da inauguração e Antônio Dallaio possuía a imagem de Santo Expedito para fazer um capitel em sua propriedade, ofereceu a imagem para a comunidade, à qual todos aceitaram com alegria, e assim ficou Santo Expedito como padroeiro. Quando a imagem de Nossa Senhora Salete chegou também foi colocada na igreja, porém, como segunda padroeira.

Formada a comunidade que tanto desejavam, com muita fé e devoção, as famílias reuniam-se aos domingos à tarde para rezar o terço. As famílias eram muito unidas e não mediam esforços para fazer a comunidade prosperar. Doavam o que podiam. Muitos dos objetos, toalhas, mesas, candelabros e outros foram dados pelas famílias. Também ajudavam muito os vizinhos para o trabalho na roça, tanto na derrubada do mato como na colheita dos produtos.

Povo simples que ia à igreja com roupa de riscado sem luxo. A primeira capelinha (Fotografia 2) que passava pelas famílias foi doada por João Casagrande, sendo o primeiro zelador da capelinha seu irmão José Casagrande, que veio morar mais tarde na comunidade. Quando a mesma visitava as famílias, era um grande número de pessoas que se reunia para rezar o terço.



Fotografia 2 - Primeira capelinha da comunidade de Santo Expedito



Fonte: Acervo da comunidade de Santo Expedito.

A primeira criança a nascer e a ser batizada na comunidade foi Hermes Casagrande. O primeiro morador a falecer foi João Sirtolli. As primeiras catequistas foram Elaine e Elena Colombo, depois João Sirtolli Filho. A escola entrou em funcionamento em março de 1961, nas dependências da igreja, sendo a primeira professora Tereza Toral. A primeira escola da comunidade

foi construída em 1967, no terreno doado por Severino Dessanti. O meio de transporte da época era carroça e cavalo.

Os esportes eram o baralho, rinha de galo, corrida de cavalo, e depois a bocha onde construíram uma cancha no chão batido. Com o passar dos anos vieram mais moradores e mais juventude, onde iniciou-se o futebol, sendo o primeiro time o Palmeiras.

No ano de 1968 houve a transferência de local da igreja devido à construção da BR 282. Esta foi construída em madeira no mesmo lugar que se encontra a atual igreja, ficando ali até o dia 1º de julho de 1966 (Fotografias 3 e 4, sendo que a Fotografia 4 foi tirada por volta do ano de 1986).

Fotografia 3 - Segunda igreja da comunidade



Fonte: Acervo pessoal de Marilene e Neurí Maziero.



Fotografia 4 - Segundo salão da comunidade de Santo Expedito com churrasqueira, segunda igreja, sino e segunda escola (última escola em funcionamento), respectivamente



Fonte: Acervo pessoal de Vilso Gava e família.

A comunidade foi crescendo, e com isso novas famílias e lideranças foram se instalando, e no ano 1975, surgiram os primeiros ministros da Eucaristia, Argentino Casagranda e Honorino Dall Magro.

Em 1979 houve a mudança da tradicional diretoria para Conselho de Pastoral, sendo o primeiro coordenador Olívio de Britto.

De uma comunidade que cresceu com aproximadamente 70 famílias sócias, tornou-se pequena por motivo de formação de novas comunidades, dentre elas Sanga Curta, Linha Colorado e Linha Aparecida. Ainda assim, a comunidade seguia firme na fé.

Os anos foram passando e o prédio da igreja ficando em precárias condições por ser de madeira (já velha e podre). Em 30 de junho de 1996, a comunidade fez uma reunião para construir a nova capela. Todos se deram as mãos e, com a ajuda da prefeitura municipal, em 14 de julho de 1996, foi dada a benção da pedra fundamental da nova igreja (Fotografia 6) e em 60 dias estava concluída (Fotografia 5).

Entre histórias, culturas e memórias:
O legado da comunidade de Santo Expedito

Fotografia 5 - Terceira e atual igreja da comunidade



Fonte: Acervo pessoal de Marilene e Neurí Maziero.

Fotografia 6 - Bênção da pedra fundamental da atual igreja



Fonte: Acervo pessoal de Marilene e Neurí Maziero.



Trabalho realizado com muito amor e dedicação de todas as famílias que atuam na comunidade, não medindo esforços para ver o progresso da mesma.

Atualmente fazem parte as seguintes famílias: Argentino Casagrande, Antônio Brombatti, Alfredo Dessanti, Alexandre Olinski, Alcebides Soares, Dirceu Colombo, Dilso Dessanti, Dialvir Coletto, Edeimar Lunkes, Euclides Andretta, Ervino Pelegrini, Geraldo Ferarim, Honorino Dall Magro, Heitor Vanzella, Idacir Fanton, Jorge Carraro, João Pritz, Jandir Fanton, Justino Lichak, José Scariot, Lourdes Colombo, Luiz Borges, Maria Prudente, Máximo Rizzi, Nelson Maziero, Neuri Maziero, Olívio de Britto, Olívio Sirtolli, Osvaldo Maziero, Plínio Pereira, Pedro Gava, Silvestre Kusi, Vasco Visinhesqui e Valdir Casagrande.

Hoje contamos com um bom trabalho, entre as 34 famílias sócias, que aqui ficaram.

ANEXO B - HISTÓRIA DO SANTO EXPEDITO

Neste anexo consta a história do Santo Expedito, ou seja, do santo padroeiro da comunidade de Santo Expedito, na qual corresponde a um acervo encontrado na referida comunidade.

Momentos conturbados sempre aparecem quando menos esperamos. Estar preparado para esses eventos é essencial para encararmos os problemas e superá-los. A ajuda divina pode lhe ajudar a compreender as situações e dar um ponto final nos empecilhos da sua vida. O Santo Expedito é muito conhecido por solucionar causas urgentes e até mesmo impossíveis!

Expedito foi martirizado na Armênia. Era uma pessoa que vivia no Continente Asiático, um militar que pertencia ao exército romano, levava a vida devassa e não tinha uma vida cristã.

Mas um dia, tocado pela graça de Deus, mudou a sua vida, convertendo-se, e levando consigo um grande número de fiéis. Foi então que, em um certo dia, ele teve um sonho estranho em que um corvo maligno, representando o espírito do mal, lhe segregou: “cras...! cras...! cras...!”. Essa palavra em latim significa “amanhã...! amanhã...! amanhã...!”. Isto é, deixe para amanhã! Não tenha pressa! Adie sua conversão! Então, Expedito pisoteando o corvo, esmagou-o, e disse: “hodie”, que na mesma língua quer dizer “hoje”! Nada de protelações! É para já! E, ao acordar, resolveu que se tornaria cristão.

Esse é o motivo pelo qual, hoje, esse santo é associado às causas urgentes e impossíveis, e é invocado nos casos que exigem solução imediata, nos negócios em que qualquer demora poderia causar prejuízo. Santo Expedito não adia o seu auxílio para amanhã. Ele atende hoje mesmo, ou na hora em que precisamos de sua ajuda. Mas ele espera que também nós não deixemos para amanhã nossa conversão.



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

Mesmo seguindo a nova religião, ele permaneceu no exército por algum tempo e assim conseguiu converter diversos soldados ao cristianismo. Durante a perseguição dos cristãos no dia 19 de abril, Expedito foi decapitado. Por isso, a data passou a ser lembrada como o dia de Santo Expedito.



ANEXO C - CONTEXTO HISTÓRICO INICIAL DO CONSELHO DA COMUNIDADE DE SANTO EXPEDITO

O presente anexo corresponde ao contexto histórico inicial do Conselho da comunidade de Santo Expedito, elaborado por Jorge Alfredo Vanzella, e cedido pela família de Ivone e Edmar Lunkes.

A comunidade de Santo Expedito, situada na Linha Santo Expedito, interior de Descanso, SC, foi fundada em 1958. Esta surgiu entre oito associados, sendo eles Antônio Dalaio, Argentino Casagranda, Aurélio Gava, Azelindo Gava, Caetano Fanton, Dionizio Gava, João Bernardi, e Pedro Gava. Destes oito associados, foram escolhidos três membros para o primeiro conselho (diretoria) da comunidade, sendo para presidente Antônio Dalaio, para vice - presidente João Bernardi, e para tesoureiro Dionizio Gava.

Ao final do ano de 1958, com um número maior de associados, ocorreu uma importante reunião, onde abordaram assuntos como, construir uma igreja para a comunidade; fazer uma roça para arrecadar fundos, e por fim, a eleição da nova diretoria, que assumiria durante três anos. O novo conselho ficou com Argentino Casagranda como presidente, Maximino Dalla Rosa como vice - presidente, Aurélio Gava de tesoureiro, e por fim, Pascoal Colombo como bodegueiro.

Adiante, no ano de 1962, 1963 e 1964, assumiu o cargo para presidente Marino Gava, para vice - presidente João Dall Magro, como tesoureiro Aurélio Gava, e Bodegueiro João Casagranda.

Já em 1965 a 1967 assumiu o cargo para presidente Argentino Casagranda, como vice - presidente José Favaretto, novamente como tesoureiro ficou Aurélio Gava, e Dionizio Gava como bodegueiro.

Para os anos de 1968, 1969 e 1970, assumiu o cargo para presidente Maximino Dalla Rosa, vice - presidente Marino Gava, Aurélio Gava foi eleito



novamente como tesoureiro, e como bodegueiro Idarci Fanton. Após um ano de mandato, o presidente Maximino Dalla Rosa se mudou para outra comunidade. Para assumir os dois anos restantes foi apontado e eleito para o cargo João Dall Magro.

Assumiu o cargo em 1971 para presidente Dionizio Gava, vice - presidente Maximino Rizzi, tesoureiro Laurentino Gava, e para bodegueiro João Dall Magro. Estes exerceram suas funções até 1973.

Posteriormente, para assumir os cargos de 1974 a 1976, foi eleito para presidente Olívio de Britto, para vice - presidente Oswaldo Maziero, como tesoureiro Laurentino Gava assumiu novamente, e para bodegueiro Heitor Vanzella.

Para o ano de 1977 a 1982, ou seja, durante seis anos, assumiu o cargo para presidente Ricardo Câmera, para vice - presidente Antônio Baioco, como tesoureiro José Gava, e como bodegueiro Maximino Rizzi.

Para o ano de 1983 e 1984, assumiu o cargo Ervino Pelegrini para presidente, Valtemir Barp como vice - presidente, Alfredo Dessanti como tesoureiro e Oswaldo Maziero como bodegueiro.

Já em 1985, assumiu o cargo, Eloi Bernardi como presidente, João Favaretto como tesoureiro, e Valdir Casagrande como secretário, sendo este o primeiro secretário da comunidade.

ANEXO D - EXEMPLO DE ENTRETENIMENTO NA COMUNIDADE

Os jogos de bocha sempre foram uma prática esportiva e uma forma de lazer e entretenimento comum nos finais de semana ao longo da história da comunidade de Santo Expedito (Fotografias 1 e 2). Portanto, neste anexo, apresentam-se registros fotográficos das primeiras bochas utilizadas na comunidade, confeccionadas manualmente com pinheiro e chumbo, que são um acervo da família de Ivone e Edmar Lunkes.

Fotografias 1 e 2 - Primeiras bochas da comunidade de Santo Expedito



Fonte: Acervo pessoal da família de Ivone e Edmar Lunkes.



ANEXO E - MINISTROS, CATEQUISTAS E ATUAL CONSELHO DE PASTORAL

Os ministros e catequistas que atuaram na comunidade de Santo Expedito ao longo de sua história, bem como o atual Conselho de Pastoral, são formados por pessoas que assumem um importante papel de liderança comunitária, em prol do bem coletivo e do crescimento e desenvolvimento da comunidade. Portanto, segue lista (encontrada no acervo da referida comunidade) daqueles que assumiram prontamente esses cargos, atuando em suas tarefas e atividades com carinho e dedicação.

MINISTROS:

- Argentino Casagrande;
- Honorino Dall Magro;
- Modesto Lucion (in memoriam);
- Neuri Maziero;
- Marilene Maziero;
- Paulo Bernardi;
- Valdir Casagrande;
- Ademir Favaretto;
- Antônio Orso;
- Alzemiro de Britto;
- Edmar Lunkes;
- Valdir Barp (in memoriam);
- Claudir Kerber (in memoriam);



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

- Alfredo Dessanti;
- Margarida Pelegrini;
- Marcos Araújo;
- Valéria de Britto Hervanger;
- Tatiane Scariot;
- Valdemar Rizzi;
- Dailor Sirtolli;
- Luiz Brombati;
- Valdir de Britto;
- Lucinéia Lunkes;
- Inês Maziero;
- Vilmar de Britto;
- Ademir Casagrande;
- Vanilce Sirtolli;
- Leandro Lunkes;
- Mauri Maziero;
- Tainá Dalprai;
- Daniele Sirtolli Dapper.

CATEQUISTAS:

- Elaine Colombo;
- Elena Colombo;
- Emilia Munaro Dalla Rosa;



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

- João Sirtolli (in memoriam);
- Arcelina Dall Magro;
- José Gava;
- Marilene Maziero;
- Eliana Brombati;
- Inelves Colombo Dessanti;
- Neuri Maziero;
- Luiz Brombati;
- Ironilda Barp;
- Iracilda Barp Falavigna;
- Edi Orso;
- Bernadete Gava Lucion;
- Igladir Olinski (in memoriam);
- Cristiane Scariot;
- Luiz Vanzella (in memoriam);
- Sueli Maziero;
- Cleusa Brombati;
- Valdir Casagrande;
- Margarida Pelegrini;
- Inês Maziero;
- Analdo Lucion;
- Tatiane Kusy;
- Lucinéia Lunkes;



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

- Vanilce Gava;
- Valdemar Rizzi;
- Janete Sirtolli;
- Claudia Jantsch Maziero;
- Vanilce Sirtolli;
- Marieli Maziero;
- Franciele Casagrande;
- Lidia de Britto;
- Vilmar de Britto;
- Nelso Maziero;
- Gertrudes Bernardi;
- Janete Prudente;
- Fabiana Paula Maziero Derez;
- Valmir Barp.

ATUAL CONSELHO DE PASTORAL:

- Representante da catequese: Janete Sirtolli;
- Representante dos grupos de reflexão: Luciane Lunkes;
- Representante das zeladoras/es de capelinhas: Inês Casagrande Maziero;
- Representante da liturgia: Tainá Daiprai;
- Representante dos ministros: Mauri Maziero;
- Representante da pastoral de saúde: Tatiane Scariot Toffolo;



Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

- Representante do serviço de animação vocacional (SAV): Neurí Maziero;
- Responsável pelo patrimônio: Edinei Zocke e Neimar Gonçalves;
- Responsável da pastoral do dízimo: Cristiane Dotti e família;
- Secretária(o): Mariéli Maziero;
- Coordenador do conselho: Caciano Dotti;
- Caixa Geral: Cláudia Maziero;
- Comunicação: Mariéli Maziero.



AGRADECIMENTO EM NOME DA COMUNIDADE DE SANTO EXPEDITO

A comunidade de Santo Expedito sente-se honrada em ter participado da iniciativa do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), campus de São Miguel do Oeste, para a elaboração do livro intitulado “Entre histórias, culturas e memórias: O legado da comunidade de Santo Expedito”, na qual há o resgate cultural, da colonização e das memórias das famílias dos fundadores e também dos demais membros da comunidade de Santo Expedito.

Parabenizamos a Unoesc, campus de São Miguel do Oeste, pelo empenho e criatividade demandados, de modo a proporcionar aos estudantes a realização de trabalhos de pesquisa como este, em que há a possibilidade de saírem do ambiente universitário e terem o contato direto e afetivo com a comunidade local.

Sabemos que os registros históricos são heranças inestimáveis para as futuras gerações, afinal, através deles pode ser revisto o processo de formação e desenvolvimento da nossa comunidade, isto é, a história dos antepassados permanece viva e evidenciada.

Para a comunidade de Santo Expedito, foi gratificante ser a escolhida entre tantas outras comunidades. Vimos que cada um dos entrevistados deu o melhor de si para esse enriquecedor levantamento de dados. Além disso, outros integrantes da comunidade também se entusiasmaram separando fotos, documentos, arquivos, objetos e instrumentos antigos para serem juntados à pesquisa. Enfim, o envolvimento de todos trouxe a conquista do estudo elaborado.

Um trabalho como esse que foi desenvolvido, registrado e escrito, garante que as informações coletadas não sejam perdidas, e que a história do seu povo,

Entre histórias, culturas e memórias:

O legado da comunidade de Santo Expedito

suas crenças, cultura, costumes, modo de viver e religiosidade, sejam resgatados e mantidos vivos na memória das atuais e futuras gerações.

Agradecemos a todos os envolvidos, principalmente a professora e coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo Leandra Daiprai, a professora do curso de Arquitetura e Urbanismo Celí Maziero, ao professor Eduardo Ottobelli Chielle - Diretor de Ensino, professora Eliandra Mirlei Rossi - Diretoria de Ensino, a professora Eliandra Mirlei Rossi - Diretora de Pesquisa, Extensão, Pós-Graduação e Inovação, ao professor Vitor Carlos D'Agostini - Vice Reitor e a Editora da Unoesc, bem como aos alunos que realizaram esse trabalho e que puderam concretizar a realização deste livro. Nosso agradecimento especial aos entrevistados, por tantos relatos compartilhados: Neurí e Marilene Maziero, Argentino Casagrande, Inês Casagrande Maziero, Vilmar Carlos de Brito, Alfredo José Dessanti, Honorino Dall Magro e Iraci Lurdes Dall Magro, Laurentino Gava e Tercília Favaretto Gava, José Gava e Zolmira Dalmagro Gava, Gomercindo Gava e Carolina Vanzella Gava, e Emilia Munaro Dalla Rosa.

Por fim, sabemos que essa pesquisa não acaba aqui. Trata-se de uma etapa inicial e que cabe àqueles que vierem depois de nós continuar com o resgate e a documentação desta linda história.



SOBRE AS ORGANIZADORAS



CELÍ MAZIERO

Graduada em Arquitetura e Urbanismo e especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na linha de pesquisa em Ambiente e Sustentabilidade. Trabalha como profissional autônoma desde 2014. Atua como arquiteta e urbanista da Prefeitura Municipal de São Miguel do Oeste e como docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), campus de São Miguel do Oeste. Além disso, é especialista na área da acessibilidade, coautora do livro *Acessibilidade: 14 profissionais e 1 propósito* e docente do Instituto Nacional de Acessibilidade Eduardo Ronchetti (INAER)..



LEANDRA DAIPRAI

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Especialista em Design de Interiores – Novas Tendências pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), em Arquitetura Comercial com ênfase em Construtibilidade pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) e Master em Arquitetura e Lighting pelo Instituto de Pós-Graduação e Graduação (IPOG). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na linha de pesquisa em Ambiente e Sustentabilidade. Trabalha como profissional autônoma desde 2010 e como docente e coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), campus de São Miguel do Oeste..

APOIADORES



Maurí Maziero e família

Marilene Maziero e família

Inês Casagrande Maziero e família

Vilmar Carlos de Britto e família

Celí Maziero e família

José Gava e família

Roberta Manfé Ferraboli

